

ORGANIZADORAS:

ADRIANA ALVES FERNANDES COSTA

JUACIARA BARROZO GOMES

LUIZA ALVES DE OLIVEIRA

A docência

[Que] Conta II:

O TRABALHO DOCENTE ENTRE AUSÊNCIAS,
DORES E PALAVRAS DE AFETO

 Pedro & João
editores

**A docência (que) conta II:
o trabalho docente entre ausências,
dores e palavras de afeto**

**Adriana Alves Fernandes Costa
Juaciara Barrozo Gomes
Luiza Alves de Oliveira
(Organizadoras)**

**A docência (que) conta II:
o trabalho docente entre ausências,
dores e palavras de afeto**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Adriana Alves Fernandes Costa; Juaciara Barrozo Gomes; Luiza Alves de Oliveira [Orgs.]

A docência (que) conta II: o trabalho docente entre ausências, dores e palavras de afeto. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 196p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5869-445-8 [Impresso]
978-65-5869-446-5 [Digital]

1. Docência. 2. Trabalho docente. 3. Narrativas. 4. Experiências I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Dedicatória

Esse livro representa a nossa homenagem a todos educadores e educadoras desse país. Nosso agradecimento se materializa em meio a uma crise sanitária, econômica e humana e certamente não era nesse contexto que desejávamos expressar a nossa gratidão, mas ela existe e se desenha em palavras que querem ser abraço, aconchego e conforto para tudo o que nos assola.

Obrigada, professoras e professores! Gratidão por fazerem desse mundo mais possível e mais humano, por não desistirem do ato educativo no defronte da exaustão do trabalho e da desvalorização social da profissão. Obrigada por terem como ofício a redenção de vidas, mesmo antes da existência dessa pandemia. Então, ousamos emprestar a poesia de Lenine para expressar o que sentimos, pois nosso coração está marcado e cercado das palavras que vocês nos contaram nesse livro:

Daqui desse momento, do meu olhar pra fora
O mundo é só miragem
A sombra do futuro, a sobra do passado
Assombram a paisagem
Quem vai virar o jogo e transformar a perda
Em nossa recompensa?
Quando eu olhar pro lado
Eu quero estar cercado só de quem me interessa

Afinal, mantemos o desejo de estar rodeadas de professores e professoras em nossas vidas, circundadas pela presença, pela memória, pela alegria, pela esperança de cada educadora e educador que contribui para o não adoecimento desse país.

Prefácio

Guilherme do Val Toledo Prado¹

Árvore, s.f.
Gente que despetala
Possessão de insetos
Aquilo que ensina o chão
Diz-se de alguém com resina e falenas
Algumas pessoas em que o desejo
é capaz de irromper sobre o lábio
como se fosse a raiz de seu canto
(Manoel de Barros, Arranjos para Assobio, 2002)

Já faz alguns dias que não tenho conseguido iniciar a escrita deste prefácio. Aliás, vários dias, como indicou a agenda digital, ao mostrar o primeiro pedido das autoras para entregar o prefácio, após o convite aceito, e a sua efetiva data de entrega.

Finalizada a leitura das 23 narrativas, pude imaginar com muito nitidez a vida vivida em tempos de pandemia das 24 narradoras e 3 narradores que apresentaram em fortes palavras os sentimentos e pensamentos decorrentes dos inúmeros desafios postos pela situação sanitária trágica em que, principalmente, o governo federal nos colocou: descaso com os protocolos sanitários, informações desencontradas e anticientíficas, atraso na distribuição de vacinas contra o coronavírus. Muitas mortes que poderiam ser evitadas...

No momento de escrita destas palavras no texto digital, mais de 550 mil mortes contabilizam-se na conta do governo genocida, fascista e antidemocrático, que ainda

¹ Professor da Faculdade de Educação da Unicamp.

promove desinformação e leva o país à bancarrota. Além da crise sanitária, as ações privatistas, neoliberais e negacionistas, continuadas desde o golpe de 2016, promovem, dentre tantas, uma marcante desgraça nacional: mais de 1/3 da população brasileira está passando fome, sem nem ter feijão e arroz para comer...

E minha perplexidade só aumenta, quando vejo, principalmente nos títulos das narrativas presentes neste livro, enunciados como: “estou engessada”, “desafios do educar”, “tia, quando voltamos para a escola”, “isolamento social”, “águas turbulentas”, “sobrevivendo”, “desafios enfrentados em 2020”, “nunca pensei”, “em busca de chão”, “um atravessamento”, “paredes”, “vivência pandêmica”, “incertezas”, etc.

Cada uma das palavras presentes nestes enunciados me tocou e me levou a viver, como se estivesse vendo um filme na televisão, situações individuais de professoras e professores dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro que pareciam ser iguais, mas que guardavam radicais diferenças e singularidades.

Todos nós, enquanto docentes, enfrentamos inúmeros desafios, com certeza... Diante da incerteza de que nossa voz tenha chegado à toda nossa turma de estudantes – aquela turma conhecida nos primeiros dias do 1º semestre de 2020, ou mesmo das novas turmas iniciadas também em atividades remotas no ano de 2021, o sentimento de desamparo governamental iniciado em março de 2020, perdura, senão mais forte, também em julho de 2021... Nem 30% da população brasileira está vacinada!

As diversas narrativas em que as narradoras e narradores relatam, de modo minucioso, os sentimentos e pensamentos construídos ao longo do início da pandemia do coronavírus e do descaso das políticas públicas, notadamente a federal, em prover condições de vida, saúde e igualdade de condições sanitárias para o necessário

distanciamento social, causou o isolamento social de grande parte da população brasileira, promoveu a degradação das condições sociais de saúde, ampliou o fosso existente entre os mais ricos e os mais pobres, escancarou a condição colonialista, machista e racista da sociedade brasileira.

Em cada palavra narrada, sentimentos e pensamentos de solidariedade, igualdade, justiça, democracia e compromisso com uma educação de qualidade emanam das narrativas, fazendo com que a leitura, ainda que sofrida, possibilite um respiro de esperança e possibilidades futuras...E muita água rolou dos olhos de quem viu...

Mas não foi fácil chegar aqui, neste trecho do prefácio, sem antes compreender que as forças antidemocráticas, individualistas, racistas e colonialistas, em uma sociedade globalmente capitalista, aproveitam-se das fraquezas humanas para fazer valer seu projeto de nação para os poucos que podem comprar saúde, para os poucos que podem ludibriar a marcha incessante do tempo, para os poucos que, de posse dos meios de produção, conseguem vivificarem-se às custas da mortificação de muitos outros seres humanos. E quantas perdas estão registradas nas narrativas...

Foi nas palavras de Ailton Krenak (2020), do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, que consegui compreender a necessidade de, na leitura realizada, achar nas brechas do narrado, palavras como: partilha, afeto, carinho, amorosidade, comprometimento, luta, dedicação, amor. Palavras que não são individuais, mas sim singulares, que não constituem sentido sozinhas mas em companhia com outras professoras e professores.

Cada narrativa, de cada uma das narradoras e narradores, ao expor a história vivida, com essas palavras conjugadas em comunhão “adia o fim do mundo” e criam inúmeras possibilidades de que outras histórias possam ser narradas e contadas, numa corrente de tradição

orientada pela vida coletiva, que tão bem professoras e professores sabem produzir no cotidiano escolar – mesmo em tempos pandêmicos.

Cada uma das narrativas presentes nesta publicação evidenciou essa criação!

Cada uma das narrativas presentes mostrou que, mesmo em situação de isolamento social, de intenso sofrimento psíquico, de imponderabilidade da vida diante da doença provocado pelo coronavírus no corpo humano – quantas docentes perderam suas vidas..., do descaso das políticas educacionais nos sistemas públicos e privados, etc, professoras e professoras construíram possibilidades de vínculo com seus estudantes; possibilidade de comunicação via diferentes plataformas de comunicação virtual; possibilidades de encontros presenciais com o sentido de garantir a vida, salvaguardando os protocolos sanitários necessários à essas garantias; possibilidades de ensinamentos que geraram sim alguns aprendizados, tão bem revelados por Adriana Alves Fernandes Costa, Alessandra da Paixão Medeiros, Ana Lúcia Nascimento dos Santos (in memoriam), Ana Regina Cavalcanti Santana, Ariane Adão Lopes Teixeira, Cintia Xavier da Silva, Cristiano Gomes de Oliveira, Cristina Mayumi Hamada, Daniela Gobbo Donadon, Elaine Rusenhack, Giulia Califrer Muneron, Glória Elisabeth Pincano, Herlândia Oliveira de Sousa, Isabelle Paiva Gonçalves, Josiane Santos de Melo, Juaciara Barrozo Gomes, Jurema Brandão, Luiza Alves de Oliveira, Maria Isabel Donnabella Orrico, Mariana Muniz Oliveira, Nayara Martins De Oliveira Carvalho, Priscila Francisca, Rafaela dos Santos Alves Oliveira, Ricardo Nunes Maciel Damacena, Roberta Renoir Santos Fumero, Roseane Maria Moreira dos Santos, Suéle Máximo Furtado, Suelen Albuquerque, Thiago de Souza Moura, Ursula Barrozo Gomes da Silva.

E talvez, para mim, os maiores aprendizados inscritos nas narrativas de cada um destes narradores, tenham sido

a indicação de que os vínculos estabelecidos com as famílias é uma necessidade a ser estabelecida nos cotidianos escolares, que a intensa conversa entre pares e a preparação coletiva de ações didático-pedagógicas com o intuito de ensinar o necessário e o possível foi realizado de modo incontestado, que o comprometimento com os valores democráticos, igualitários e de valorização da diversidade foram perseguidos e conquistados em cada pequena ação diária orientada para a escola e para os estudantes... Essas foram, para mim, o que de mais forte pude perceber nas narrativas que se encontram neste livro.

Poderia continuar a dizer muito mais, poderia...

Mas o sentimento que me invade é que esse livro, projeto de vida e trabalho levado à bom termo com respeito, carinho e dedicação pelas Profas. Adriana Costa, Juaciara Gomes e Luiza Oliveira, cumpre o papel de não só “adiar o fim do mundo”, como também o de levar esperanças – do verbo esperar, como anunciado por Paulo Freire – para muitas educadoras e educadores do Brasil.

Esperanças que resistem e reexistem aos maus tratos sociais perpetrados aos educadores e educadoras e que infundem em seus leitores novas possibilidades de vida, porque permitem que novas histórias possam ser narradas e narradas e narradas...porque o que conta é a docência, que conta com docentes que contam, partilham, irmanam-se...

Meus mais sinceros agradecimentos a cada uma e a cada um dos narradores presentes neste livro - e os ausentes também - que com seus cantos e encantos enraizadores energizaram meu escrever...

Campinas, julho de 2021.

Um dedo de prosa

Este livro é um retrato do vivido por professoras e professores em tempos de pandemia causada pelo COVID-19. Ele compõe uma tríade de produção escrita em que as organizadoras exercitaram a reunião da captura de discursos que desvelaram sobre condições concretas de existência quando ela se fez mais sensível e frágil na história desse país. O primeiro livro intitulado “A docência (que) conta: narrativas de isolamento social”, publicado em 2020, agrupou textos de professores universitários que compartilharam seus sentimentos, suas penas e suas reflexões assim que pandemia penetrou em suas vidas. Já o segundo, “A infância (que) conta: histórias sobre coronavírus e outros monstros”, em 2021, expressou as muitas infâncias em histórias contadas pelas próprias crianças e que denunciaram seus modos de viver nesse tempo (des)conhecido. O terceiro, este livro, “A docência (que) conta II: o trabalho docente entre ausências, dores e palavras de afeto” expõe as narrativas contadas por professores da educação básica em diferentes escolas brasileiras.

Nosso objetivo maior foi, com essas três obras, registrar pela voz dos atores (docentes e discentes) um pouco do muito que atravessou, tocou, transpassou cada um(a) nesses tempos, 2020 e 2021. Sim, foram anos de luta e muito luto, perdas, resistências e medo. Sentimentos marcados nas histórias contadas e também nas que foram silenciadas. No campo da educação, as desigualdades educacionais, que fundam nosso cotidiano nos diferentes espaços da vida onde a educação acontece, – em especial, aqui falamos da escola – foram ainda mais acentuadas, deixando à mostra boa parte da vergonha dos discursos das políticas governamentais que mantinham escondidas muitas de nossas mazelas de sala de aula. Portanto, a nossa preocupação foi reunir os registros

de narrativas daqueles que viveram na pele o sentido e o significado desse momento da história no Brasil e do mundo: nos pareceu relevante a escrita produzida no calor da hora com todas as emoções e estranhamentos que 2020 e 2021 nos impunham.

De modo especial, este livro fala de uma docência não cogitada nos cursos de formação de professores, mas se reporta aos trajetos formativos já tecidos, pois foi importante olhar para o repertório até então construído para encontrar formas de se fazer outro(a) na urgência, no distanciamento físico do chão da escola e de tudo que isso pode significar. Desejamos, enquanto organizadoras, apenas reunir fragmentos dessa história, pela voz dos professores e professoras: perceber, mais de perto, as narrativas de se viver em casa com uma escola dentro dela, as histórias de tantas tentativas de tessituras do ato educativo, de excessivos encontros de trabalho virtuais, de esvaziamentos de contatos e de telas quando “a internet cai” ou quando “ela sequer existe” já que vivemos em um país demasiado desigual e as crianças, jovens, adultos e idosos das camadas populares necessitam de lutar pela sobrevivência, antes de “ter internet”.

Também nos importou reunir discursos que deflagrassem a complexidade desse momento da história no Brasil: uma crise sanitária potencializada no interior de uma crise política, econômica e social, num contexto de reduzida valorização dos trabalhadores e trabalhadoras da educação, sendo o exercício do magistério valoroso para uma sociedade que se pretende democrática e mais justa. Por isso, há escritos que tratam de um vivido experimentado no início da pandemia, quando a ciência pesquisava um imunizante para salvar vidas, mas há também textos que abordam o contexto do fazer docente quando as vacinas já existiam, porém ainda não para todos e todas.

Certamente, vale dizer que cada capítulo expõe docências, estas carregadas de discências, de histórias de si e do mundo. Assim, para nós, organizar esse livro significou um singelo gesto de esperança, no sentido mais profundamente freireano, pois vivemos tantas perdas e ausências. Contudo, parece que as privações e cancelamentos (palavra da moda) foram mais amenos porque tivemos professores e professoras que insistiram e ainda persistem no valor da educação. A esses profissionais saudamos a nossa constituição humana. Que possamos, nós humanidade, aprender com nossos professores e professoras o valor da vida, da dignidade e da igualdade.

Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ)
Juaciara Barrozo Gomes (UFRRJ)
Luiza Alves de Oliveira (UFRRJ)

abril de 2021, no sufoco, enquanto a vacina não chega para todos os brasileiros e brasileiras.

Sumário

Estou engessada com esta pandemia. O que fazer?	21
Alessandra da Paixão Medeiros	
Desafios e aprendizados de uma educação na pandemia	27
Ana Lúcia Nascimento dos Santos	
Roseane Maria Moreira dos Santos	
Desafios de educar que marcam um tempo	33
Ana Regina Cavalcanti Santana	
Tia, quando vamos voltar para a escola?	41
Ariane Adão Lopes Teixeira	
A escola ainda resiste!	45
Cintia Xavier da Silva	
O isolamento social e a rede educacional de Mangaratiba	51
Cristiano Gomes de Oliveira	
2020: o ano em que me reinventei	59
Cristina Mayumi Hamada	
Educação Infantil na pandemia: Aventuras e desventuras em águas turbulentas	67
Daniela Gobbo Donadon	
Professorxs, presentes!	79
Elaine Rusenhack	

2020: Aprendendo, ensinando e sobrevivendo	83
Giulia Califrer Muneron Herlândia Oliveira de Sousa Ricardo Nunes Maciel Damacena	
Tempos de reinventar	87
Glória Elisabeth Pincano	
Um relato sobre os desafios enfrentados em 2020 e as esperanças sobre 2021	91
Isabelle Paiva Gonçalves	
Nunca pensei	99
Josiane Santos de Melo	
Uma professora em busca do seu chão, através de uma tela	103
Maria Isabel Donnabella Orrico	
O fazer docente em tempos pandêmicos: um atravessamento	111
Mariana Muniz Oliveira Jurema Brandão	
Paredes: de volta ao escritório	117
Nayara Martins De Oliveira Carvalho	
“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”	123
Priscila Francisca	
Ensino remoto na pandemia: relatos de uma professora da educação pública	129
Rafaela dos Santos Alves Oliveira	

Ressignificar: fazendo do verbo, ação.	137
Roberta Renoir Santos Fumero	
Educação em tempos pandêmicos: entre desafios e sentimentos	143
Suéle Máximo Furtado	
Chão	151
Suelen Albuquerque	
Vivência pandêmica: entre o pessoal, o profissional e a academia	157
Thiago de Souza Moura	
Perspectivas das incertezas	163
Ursula Barrozo Gomes da Silva	
Histórias de vida e docência em tempos de pandemia e distâncias	171
Adriana Alves Fernandes Costa	
Luiza Alves de Oliveira	
Juaciara Barrozo Gomes	
Posfácio	179
Ana Lúcia Nascimento dos Santos	
Sobre as Organizadoras	181
Sobre quem prefaciou este livro	183
Sobre os autores e autoras	185

Estou engessada com esta pandemia. O que fazer?

Alessandra da Paixão Medeiros²

Sou professora de escola pública, entrei em um concurso no ano de 2016, e há 4 anos e 3 meses que trabalho no município de Seropédica/RJ, na Escola Municipal Professora Racy Ribeiro Morandi, no Bairro Fazenda Caxias. Nessa escola, estava trabalhando com uma turma do 1º ano de alfabetização quando tudo começou. Vou contar a minha experiência: no ano de 2020, fui surpreendida, em especial no dia 13 de março de 2020: tínhamos uma paralização de atividades na escola por tempo indeterminado por conta da pandemia do Covid-19. Estaríamos de quarentena por conta da contaminação do vírus Covid-19. E aí? O que fazer? Como será o nosso ano letivo? ...

²Professora de Educação Fundamental I e há 4 anos na rede pública do município de Seropédica. Atualmente, sou docente de classes de alfabetização e de educação infantil. Fui também professora de educação infantil no município de São João de Meriti (Jardim III), Educadora Social e Pedagoga na Casa Abrigo – Rio Solidário por um período de 5 anos (2011-2015). Tenho Formação de Ensino Médio: curso de Formação do Magistério – Colégio Leopoldo – 1990 e Graduação em Pedagogia com licenciatura plena – UERJ – 2000. Formação Adicional: Cursos de Pós-graduação: Coordenação Pedagógica em 2018 e Psicopedagogia Institucional em 2018 – Faculdade de Campos Elísios; Curso complementar de Alfabetização, Contação de História, Letramento, Informática Básica e Psicologia Infantil. E-mail: alessandrapibid@outlook.com

Passou o mês de março e recebi, em abril, um recado da direção, informando que deveríamos fazer um grupo no *WhatsApp* com os responsáveis dos alunos para tentar passar alguma atividade e não perder o contato com as crianças.

Não sabia como resolver essa situação, pois o meu celular é pessoal, não tem memória para comportar tanta informação, passar atividades, baixar vídeos, mensagens. Ainda pensei na demanda que seria ficar sábado, domingo e feriado dando atendimento. Mas assim foi. Tive que me adequar e tudo se apresentou muito confuso. Resolvi, então, comprar outro celular, mais condizente com as minhas condições, para conseguir trabalhar e com esse aparelho poder conduzir somente as questões de trabalho.

Logo no início de abril, comecei a realizar atividades. Só podia encaminhar “2 folhas de atividades” por semana e os trabalhos deveriam contemplar somente os conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática. Para os outros dias da semana, eu indicava para os alunos vídeos educativos referentes às atividades trabalhadas.

No *WhatsApp*, de início o grupo tinha 10 alunos, todos bem animados com a proposta. Eu fazia as atividades, mandava no *WhatsApp* da direção ou no *e-mail* da escola para imprimir para os alunos, sendo que alguns buscavam as folhas impressas e já outros imprimiam em casa. Assim, dei continuidade às atividades que estavam estabelecidas no programa dos conteúdos mínimos estipulados pela secretaria de educação. O grupo cresceu e chegamos a ter 20 alunos. Assim, eu conversava sempre com os pais e pedia para

que eles postassem fotos dos alunos realizando as atividades. No início, funcionou. Depois de 1 mês, não tinha mais o retorno com frequência.

A coordenação e orientações das propostas para condução do trabalho de forma remota era sempre confusa. Era mesmo muito difícil ter orientação de algo que ninguém sabia o que e como fazer. Havia momentos em que deveríamos trabalhar todas as disciplinas, incluindo História, Geografia e Ciências. Em outros, tudo mudava. Era só para trabalhar Língua Portuguesa e focar somente em alfabetizar. Enfim, uma situação bem complicada para todos.

Os alunos, que buscavam as atividades, queriam um retorno. Haveria correção? Quando seria a entrega das atividades feitas? Mas ninguém sabia ao certo o que fazer e, com isso, alguns foram ficando desestimulados para realização das tarefas.

No mês de julho, começou a funcionar a plataforma de ensino da rede municipal de educação. O professor postava atividades para trabalhar durante uma semana, sendo 4 folhas por semana. Na plataforma, o aluno deveria se inscrever na turma e entrar para visualizar o material. O aluno imprimia o material em casa ou na escola.

Com o tempo, poucos alunos passaram a participar das propostas e parecia que nada estava rendendo como eu pensava. A maioria dos alunos não buscava as atividades, alguns deles nunca compareceram. Os dias de maior procura eram quando havia distribuição de alimentos. Nesse dia, muitos compareciam à escola, mas não traziam as atividades feitas e com isso não pareciam demonstrar comprometimento.

E assim foi passando o tempo. Em dezembro, começou uma pressão de esferas superiores para que os alunos passassem a comparecer na escola. Para tanto, somente os alunos que entregassem as atividades do ano letivo seriam aprovados e os que não o fizessem ficariam retidos. Mas penso que esse movimento foi tarde demais. Foi então que, no fim do ano letivo, divulgou-se um informativo que afirmava que os alunos, que participaram das aulas no início do ano ou os que entregaram alguma atividade na escola, estariam aprovados automaticamente.

Em 2021, retornamos as atividades no dia 04 de fevereiro, com uma reunião de professores e com todas as medidas de segurança possíveis. Iniciamos as atividades no dia 08 de fevereiro, com o mesmo sistema: os pais deveriam buscar, na escola, as atividades para seus filhos. Já no dia 1º de março, iniciamos o trabalho pedagógico na plataforma de ensino disponibilizada pela prefeitura.

Agora, trabalhamos com 15 atividades, divididas para 10 dias da semana, com todas as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Educação Física. Mas a correção das atividades ainda não foi resolvida para esse ano.

Quanto à turma em que estou atuando, recebi a listagem com os nomes há 1 mês e nela constam 23 alunos, sendo que no grupo de atividades, de fato participando, tenho 8 alunos. É uma situação muito difícil conseguir o envolvimento dos responsáveis para realização das atividades diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando.

Buscar meios e soluções para trazer os pais para a escola e para o ensino remoto tem sido uma batalha, tentativas com várias alternativas, como flexibilidade no horário de atendimento, vídeos de correção das propostas, vídeos com as fotos que alunos enviam para estimular aos demais a fazerem as atividades. Mas são tentativas que me deixam muito frustrada por não ter a participação necessária para a realização do trabalho.

Desafios e aprendizados de uma educação na pandemia

Ana Lúcia Nascimento dos Santos¹
Roseane Maria Moreira dos Santos²

Introdução – Nossas reflexões e sentimentos

Ana Lucia do Nascimento dos Santos:

No início da quarentena, não tinha ideia (creio que ninguém) do tempo e dos desafios que iria enfrentar no ano de 2020. O isolamento social impôs novas realidades para minha vida. O trabalho em casa, com os cursos e as reuniões do trabalho, passou a fazer parte da rotina do meu cotidiano. Aliada a isso, a função de mãe com todas as demandas que essa posição me pede. Aos poucos, a rotina foi se adaptando a essa nova realidade. Em casa, os cuidados precisaram ser redobrados, pois tenho uma criança e duas idosas que moram comigo.

De um dia para o outro, começamos uma luta constante com um ser invisível aos nossos olhos. Um vírus paralisou a todos. A vida passou a ser mais regrada, reservada, isolada. Via as pessoas através da tela da varanda do meu apartamento. Os abraços foram

¹ Professora de Ensino Fundamental na Escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ. E-mail: alnsazevedo@gmail.com

² Professora de Ensino Fundamental na Escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ. E-mail: roseanemariamoreira@gmail.com

deixados, quando muito o que se tem é um toque no cotovelo. Que coisa estranha... Até hoje não me acostumo muito bem com isso. Como é bom poder abraçar e beijar nossos amigos e quem amamos. Mas, por enquanto, as regras são outras e precisamos segui-las para nosso bem. Matar as saudades, só pela tela do computador ou celular. Uma chamada de vídeo ajuda a diminuir a falta dos amigos e parentes mais chegados. Almejo o dia em que voltaremos a ver os sorrisos escondidos por trás das máscaras e as aglomerações boas com toda a família.

Roseane Maria Moreira dos Santos:

No início, não foi fácil conviver com o invisível e as angústias trazidas pelos meios de comunicação. Romper o convívio diário com os colegas de profissão e o contato com as crianças foi algo que eu não imaginava que ocorresse tão repentinamente. Com toda essa turbulência, tive que me reinventar para equilibrar a nova rotina com as minhas emoções e dividir o tempo terrivelmente disponível com tarefas que gosto de realizar. Dessa forma, tenho vencido o desafio de um dia após o outro.

Parte I – O Início

Nós começamos o ano com grandes expectativas. Não que nos demais não fosse assim também. Mas nesse ano havia uma razão especial. Em 2020, resolvemos voltar um pouco e pegamos uma turma nova de quarto ano. Novos alunos, novos desafios, novas descobertas...

Quantas coisas estariam reservadas para esse ano que se iniciava. Os rostinhos nos olhavam desconfiados no primeiro dia de aula e, com o passar dos dias, fomos conhecendo cada um deles: seus nomes, seus jeitos, seus comportamentos...

Desde que começamos a nossa parceria, decidimos seguir nossos planejamentos juntas, assim ambas as turmas poderiam caminhar de certa forma “no mesmo passo”, logicamente, pensando em cada grupamento, com suas especificidades e características próprias. E assim iniciamos nosso caminhar.

Parte II – A surpresa

Então, depois de mais ou menos um mês de trabalho, aquelas notícias tão longínquas, de um vírus que se espalhava cada vez mais pelos países, apresentaram-se próximas de nós. Tão perto que, numa semana de março, chegamos ao trabalho com a notícia de que, a partir da outra semana, todas as escolas iriam ser fechadas por prazo indeterminado. Dessa forma, praticamente de um dia para o outro, nos vimos separadas fisicamente de nossos alunos e de todo nosso convívio social. Na verdade, ninguém imaginava a extensão de toda essa pandemia. Pensávamos que, dali a alguns poucos meses, tudo já voltaria ao “normal”. Porém, os dias foram passando e o quadro que se apresentava no país era preocupante. As medidas preventivas ficaram cada vez mais severas. E uma pergunta começava a nos inquietar enquanto dupla e como escola: O que fazer com nossos alunos?

Parte III – O conflito e a tomada de decisão

Esse e outros questionamentos começaram a permear os encontros e reuniões pedagógicas que tínhamos na escola. Devemos deixar nosso aluno? Estar ou não presente, remotamente, em sua vida? Vale a pena alcançar parte da turma já que nem todos têm aparato tecnológico para estarem conectados? Antes mesmo de um posicionamento oficial da prefeitura, nós havíamos decidido não abandonar nossos alunos ainda mais em um momento tão estranho como este que estamos vivendo. Nós, professores da Maré, temos contato com os responsáveis através de grupos de WhatsApp em virtude do contexto no qual estamos inseridos. Uma comunicação rápida com os responsáveis, em situações de conflito ou operação policial na comunidade, é crucial em nosso cotidiano. Além disso, o grupo de responsáveis funciona como uma agenda para comunicações e eventos da unidade escolar.

Assim, chegamos à conclusão de que usaríamos essa ferramenta para minimizar o distanciamento, mesmo sabendo que não seria a ideal. Isso nos permitiria o contato para enviarmos atividades, entretenimento, e, nesse turbilhão de acontecimentos, amenizarmos a saudade. Apesar de todas as limitações, tudo caminhava da melhor maneira possível. Entretanto, à medida que o tempo foi passando, algumas dificuldades foram aumentando. O problema do acesso à internet, a disciplina para o estudo em casa e a falta da presença dos responsáveis nessas atividades. Isso tudo contribuiu para o inevitável: o afastamento das crianças. A internet se tornava

imprescindível! Víamos a cada semana um menor número de alunos nos dando retorno e interagindo, fosse por uma foto, um vídeo ou um simples “ok” no grupo.

Não restou saída, nos reinventamos outra vez. Então, criamos uma sala de encontro virtual para que, de alguma forma, estivéssemos mais próximos a eles, motivando-os para tentar amenizar a falta do convívio diário. Uma vez por semana, passamos a fazer encontros com os dois grupamentos do quarto ano. Escolhemos um horário à noite uma vez que a maioria utiliza o aparelho de seu responsável e estes, em virtude de estarem trabalhando de dia, só estão em casa nesse período. Desse modo, teríamos um maior número de alunos participando. Mesmo vivendo nesse contexto desfavorável, a nossa iniciativa trouxe frutos. Contação de histórias, atividades de raciocínio lógico, atualidades, brincadeiras, entrevistas, DJ, jogador de futebol holandês e um ex-aluno músico da Orquestra Maré do Amanhã, foram algumas das atividades realizadas nesses encontros. Aqueles alunos, que conseguiam participar (infelizmente não eram todos), mostravam-se motivados a cada encontro semanal. Percebemos, pelas mensagens, a expectativa de alguns, a emoção de rever os amigos, a alegria de poder estar ali junto, participando e interagindo conosco. Realmente tem sido gratificante saber que estamos alcançando de alguma forma nossos alunos e da maneira que nos é possível nesse momento.

Parte IV – O amanhã

As incertezas continuam... Quanto tempo ainda durará essa situação? Como será o próximo ano letivo?

Como tudo isso afetará a aprendizagem de nossos alunos? Que efeitos esse momento trará para nossas vidas daqui por diante? Esses são questionamentos para os quais ainda não temos resposta e nem sabemos se um dia poderemos respondê-los. Porém, temos a certeza de que as poucas conquistas ficarão presentes na vida de cada um deles. Algum dia, eles recordarão esse momento e esperamos que eles se lembrem de que a escola não os abandonou e que suas professoras estiveram presentes em suas vidas, mesmo que remotamente, por uma tela. Nós estávamos lá para ajudá-los a vivenciarem todos esses desafios. E estaremos quando tudo isso passar, mais uma vez, com a missão de nos reinventarmos para dar conta do porvir.

Desafios de educar que marcam um tempo

Ana Regina Cavalcanti Santana¹

Na semana de 09 de março de 2020, fui trabalhar um pouco esgotada, fatigada e também culpada por estar estafada já no início do ano letivo. Cansada da longa viagem até a escola em que leciono, desgastada de deixar para trás minha garotinha de 5 aninhos e não poder levá-la na escola, embora estivesse feliz por ela estar indo estudar em uma boa escola e de ela enfim poder conviver com outras crianças, fato tão almejado por mim e também por ela.

Naquela semana, tudo na escola transcorreu normalmente, mesmo que os murais estivessem bastante indicativos dos riscos da saúde pelo novo coronavírus. Mas, para mim, era tudo muito vago, novo e improvável. Nunca havia vivido de fato e na verdade algo tão sério. Lá no CAIC, tivemos uma reunião de rotina com a participação da diretora Vania Policarpo e nos foi discorrido sobre a experiência de 2009 com a gripe suína (H1N1). Na época, foram tomadas medidas preventivas de higiene, material de limpeza foi enviado pela UFRRJ para dobrar os cuidados com a saúde, como por

¹ Pós-graduada em Artes. Graduada em Pedagogia e nível médio, Normal. Atua na Educação desde 2000, lecionando desde 2014 na escola pública de ensino. É professora na Escola Paulo Dacorso Filho – CAIC em Seropédica, RJ. E-mail: regina.ana67@gmail.com

exemplo, os banheiros, que não tinham sabão, e passaram a ter.

No dia 12 de março de 2020, terminei meu tempo de trabalho com os alunos e deixei meus cadernos de planejamento, livros e material pedagógico em cima da mesa, na sala dos professores, pois no dia seguinte (sexta-feira) não haveria aula por ser feriado municipal em Seropédica, data de emancipação do município. Porém, já na segunda feira, eu estaria de volta para continuar a lecionar. Mas não aconteceu como eu esperava! Na sexta-feira, dia 13 de março, tinha uma consulta marcada para minha filha e quando cheguei à casa me deparei com notícias alarmantes na televisão! O noticiário falava sobre a gravidade da saúde e a possibilidade de suspensão das aulas no município do Rio de Janeiro. Algo que eu nem imaginava que pudesse se estender tão rapidamente!

Na primeira semana, a escola da minha filha continuou a funcionar normalmente. Seropédica parou desde o dia 13 de março e logo depois de alguns dias foi concedido um recesso.

Fiquei até um pouco empolgada com a possibilidade de descanso nos primeiros dias, mas logo a minha empolgação esfriou, passei a assistir TODOS os telejornais e confesso que fui ficando apreensiva quanto à situação da saúde do país.

Pude ver pessoas muito confiantes, apegando-se à fé ou outras duvidando da pandemia em relação à gravidade da doença. Ouvia pessoas dizendo assim: “mas eu vou às ruas e não vejo nada!”. Ou então outras correndo aos supermercados e abastecendo suas casas

de mantimentos. Havia também as que precisavam trabalhar e tinham medo de se exporem, aquelas que perderam seus empregos, assim como as que tiveram suas cargas horárias reduzidas no trabalho, sem falar em nossos entes queridos que partiram por causa do invisível inimigo.

Então, o recesso escolar da minha filha termina e as aulas passam a ser remotas. Eu vou organizando minha vida escolar também. Seropédica instaura o ensino remoto e eu, junto com minhas companheiras Luiza e Sonia, começamos a elaborar nossas atividades seguindo o que já estava proposto para as classes de alfabetização. Não tínhamos material nas mãos para fazer o trabalho como deveria ser feito, na íntegra, mas tínhamos boa vontade, preocupação e apreensão sobre a permanências do ensino remoto ou uma volta desenfreada dos alunos à escola.

Em 2020, tivemos uma atípica situação em Seropédica, já que no dia 03 de fevereiro retornamos das férias de janeiro, dando início à semana de planejamento. No dia 10 de fevereiro, as aulas retornaram de forma presencial e normalmente. Então, trabalhamos do dia 10 até o dia 21 de fevereiro. Paramos para a assombrada festa de Carnaval, digo assombrada por causa dos rumores de que a festa deveria ser suspensa devido ao alarme de um vírus perigoso que estava circulando já no Brasil. E o carnaval seria um trampolim perfeito para a disseminação da doença em larga escala. Porém, o carnaval jamais seria desmarcado e aconteceu normalmente!

Teríamos que retornar para a escola com aulas normais no dia 02 de março, porém, devido às fortes

chuvas que caíram na baixada e atingiram em cheio o município de Seropédica, não foi o que aconteceu. De acordo com o noticiário *Bom dia Rio*, que trouxe as notícias logo pela manhã, as ruas e os bairros da cidade estavam alagados e moradores enfrentavam água nas canelas. Disponível em (<https://globoplay.globo.com/v/8367865/>).

As aulas tiveram retorno, então, no dia 05 de março, mas no dia 12 ficamos em casa novamente! No meu planejamento, tivemos no ano passado apenas 16 dias de aula em contato com os alunos. O CAIC voltou a funcionar no dia 05 de março, pois não se localiza em área crítica para alagamentos e também por não servir de abrigo para as famílias que sofreram danos com a pesada enchente do começo do ano.

Minha vivência, nesse tempo de pandemia, tem sido de muito aprendizado. Em casa, como mãe, a experiência com minha filha/minha aluna tem sido tão rica de desafios que não me permite julgar as dificuldades dos pais com seus filhos em casa e toda a tribulação encontrada. Posso apenas observar e buscar superar meus obstáculos com minha aluna/filha.

Logo no mês de março, meu esposo passou 15 dias em casa por redução de carga horária no trabalho. Assim, na segunda semana da primeira quinzena daquele mês, eu e minha família fomos passar a Páscoa na casa da minha sogra, em Caxias. No sábado, meu esposo se mostrou indisposto e foi dormir cedo; no domingo, acordou com febre e tomou antitérmico. Após o almoço, retornou a febre e novamente, mais antitérmico. Chegamos a nossa casa e a febre não dava

trégua. Ele foi trabalhar após tomar um xarope que eu tinha em casa. Afinal, não esperávamos que ele havia sido acometido pela doença do momento. Na terça-feira seguinte, o mesmo roteiro de xarope, antitérmico e ele se queixou de um incômodo na garganta. Na quarta-feira, fomos a uma UPA próxima de nossa casa e a tosse já era intensa. Lá, haviam montado um hospital de campanha e o médico o atendeu a 3 metros de distância. Passou o mesmo xarope que eu havia dado em casa e antitérmico em caso de febre. Eu voltei da UPA com febre, acreditei ser emocional, mas fiz todas as receitas populares que são indicadas para o caso. Mas, no restante da semana, o caso dele só piorava. Fomos a outros médicos e o atendimento foi o mesmo. Por fim, encontramos um médico que auscultou os pulmões dele, olhou os exames de raio x e o hemograma que ele havia feito no primeiro dia de consulta. Foi então que esse médico afirmou que meu marido estava com pneumonia. Daí, ele começou o tratamento. Eu apenas estive com febre, dor no corpo e perda do olfato. Minha garotinha teve febre e vômitos. Os três adoecidos dentro de casa.

No período de tratamento dele, não havia tempo hábil para dar atenção a minha filha com as tarefas escolares e muita coisa foi perdida. Já nos meados de maio, fomos retornando a nossa caminhada escolar. No período de tratamento de meu esposo, a atenção era toda para ele, Eloá, minha filhinha, se mostrou obediente em relação às limitações do papai. Enfim, tudo ficou bem.

No restante do ano, houve muitas mudanças no planejamento escolar. A princípio, fazíamos a distribuição do material pedagógico pelo *WhatsApp* e os

pais retiravam o material impresso na unidade escolar. Nós tínhamos a liberdade para fazer as atividades e eu até consegui ir à escola pegar alguns livros de apoio.

Após um período do ano, foram feitas algumas apostilas pelas coordenadoras de ano de escolaridade da SMECE; e também foi feito um cronograma sobre o que deveríamos lançar e de que modo deveríamos fazer isso. Não posso dizer que foi um período ruim. Mas fomos orientadas a retirarmos os vídeos que buscávamos na *internet* e que, na minha opinião, ajudavam no envolvimento pedagógico do aluno. Cheguei a essa conclusão porque assim também acontecia na minha casa, já que a escola em que Eloá estuda fez uso de vídeos pedagógicos retirados do YouTube e era visível o envolvimento dela com o conteúdo a partir dos vídeos disponibilizados.

Felizmente, passamos o ano e creio também que houve uma mudança de fase. Esse ano temos flexibilidade para elaborar as aulas, com vídeos e número de laudas que o professor julga necessário. A plataforma, que foi criada no ano passado, ainda se encontra em manutenção. Então, os alunos pegam as apostilas na unidade escolar e as atividades são desenvolvidas em casa pelas famílias, assim eu acredito.

Posso observar, no bairro onde moro, que há uma enorme dificuldade de algumas famílias apoiarem seus dependentes na caminhada do ensino remoto. Quando eu me aproximo, percebo que é um assunto que aborrece. Constato que é comum acontecerem desentendimentos conjugais, uma vez que um responsável joga para o outro a obrigação de

acompanhar os filhos nessa difícil tarefa. O número de explicadoras (cidadãs comuns, com formação docente ou não, que desenvolvem aulas particulares com crianças que apresentam dificuldades escolares) tem crescido, a qualidade também tem sido aprimorada.

O início do ano letivo da minha filha foi emocionante para mim. Parecia que esse momento nunca mais iria chegar, mas chegou e fomos à escola! A turma dela está com classe fracionada: um grupo estuda em casa e outros dois grupos dividem as semanas. Então, com um menor número de alunos em sala, era mais fácil para a coordenadora da escola preparar os espaços, fazer oração e recomendar o distanciamento social necessário. Assim que vi minha filha e seus poucos colegas irem para a sala, comecei a chorar e pude observar que entre os pais havia um silêncio respeitoso por aquele solene momento.

No retorno ao primeiro dia de aula, minha pequena me fez um pedido: “mamãe, me leva muitas vezes para a escola?”. Tem sido uma vitória, será uma grande vitória poder retornar para a rotina de longas viagens até Seropédica, olhar o horizonte verde e a estrada que parece nunca chegar. Será desafiante receber crianças na classe de alfabetização que conhecem as letras, escrevem o nome e até leem, mas foram ensinadas diretamente pelos seus progenitores. Mas o desafio será ainda maior para acolher aquelas que não leem, não escrevem e não conhecem letras, mesmo tendo sido acompanhadas por suas famílias.

Enfim, que esse tempo passe e que venham dias melhores, de cura e alegria. O que passou ficará na história!

Tia, quando vamos voltar para a escola?

Ariane Adão Lopes Teixeira¹

É assustador como aconteceram tantas coisas a pessoas tão próximas em tão pouco tempo. Por vezes, parece que entramos em uma espécie de buraco no espaço-tempo e estamos presos em 2020 há muitos anos. Quando olho para tudo que tem acontecido ao meu redor, sinto que estou vivendo em uma espécie de filme de ficção científica, com um roteiro exageradamente triste e dramático, ou talvez esteja presa em um pesadelo onde nunca chega a hora de acordar.

Em meio a todo esse caos e incertezas do isolamento, social ocasionado pela pandemia de Covid-19, me pego constantemente olhando para as fotografias tiradas na escola. São fotos das atividades realizadas ao longo de anos letivos anteriores, das reuniões da equipe, dos projetos, das festas, das flores que recebia praticamente todos os dias e percebo o quanto me afeta a ausência das conversas que tínhamos na sala dos professores antes da entrada do turno, a carinha de sono das crianças no horário da entrada, o sorriso sem jeito de quem arrancou a flor do vizinho para presentear a professora, os abraços, beijos, apertos de mão e

¹ Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Psicopedagogia Institucional e Clínica. Professora na Escola Municipal Professora Irene da Silva Oliveira- Rede Municipal de Nova Iguaçu/RJ. E-mail: ariane_lopes@outlook.com

dancinhas de bom dia, as opiniões completamente inusitadas e criativas sobre as histórias, a correria na quadra, a bagunça da hora do recreio, as conversas sobre desenhos e brincadeiras, as perguntas nem sempre oportunas, as cartas escondidas no plano de aula e também as cartas entregues com todo o carinho que se pode ofertar a alguém.

Tenho aprendido e reaprendido coisas que antes passavam despercebidas e agora têm grande significado. Acredito que, entre todas as lições, as que mais têm-me marcado são: não sabemos e não podemos controlar nada, sempre é possível e preciso se reinventar e, acima de tudo, faz-se necessário reaprender o valor das coisas mais simples do nosso cotidiano. Percebi o quanto a ausência das coisas mais bobas e corriqueiras do dia a dia me faz falta.

Desde que a presença física foi substituída pela virtual, sinto falta de me sentar no chão junto aos pequenos, brincar de imaginar e construir nosso próprio mundinho, ver seus olhos brilhando com entusiasmo por terem realizado uma atividade que antes parecia impossível. Reconheço constantemente a necessidade de compartilhar minhas angústias, frustrações, dificuldades, esperanças, planos e ideias com minhas colegas de trabalho. Porém, em meio a tantas demandas e novidades, poucas são as vezes em que conseguimos compartilhar nossas experiências, esperanças e desesperanças pedagógicas.

Leio, pesquiso, indago, investigo, aprendo a usar novos aplicativos. Mas, a partir do momento que a sala de aula foi substituída pela tela, parece que me coloquei a nadar contra

a corrente e, por vezes, julgo estar solitária e esgotada tentando alcançar com qualidade o maior número de discentes que for possível, usando o meio que for necessário, quer seja *blog*, *Facebook*, *Telegram* ou *WhatsApp*. Contudo, quanto mais nado, mais me sinto longe deles.

Há meses, não ouço as vozes e as risadas da minha turminha. Acompanho o crescimento deles através de fotos postadas nas redes sociais de seus pais e como estão grandes! Gostaria de saber como estão, se conseguem realizar as atividades, quais são suas dificuldades. Vivo me perguntando se mesmo com a distância consigo alcançá-los, pergunta que permanece sem resposta, pois raramente recebo algum retorno ou questionamento de seus responsáveis, que, sem dúvida e a essa altura, encontram-se tão esgotados quanto eu. Todo o diálogo e afeto, presentes na minha relação com as crianças, hoje se resumem aos poucos áudios que recebo dizendo que sentem falta da escola, de mim e de seus colegas e geralmente terminam com uma pergunta que não sou capaz de responder: *“Tia, quando vamos voltar para escola?”*.

Não faço ideia de quando ou como vamos voltar para a escola. Adoraria acreditar que estamos reinventando a educação, que esse período fez com que nos reencontrássemos diante de toda a correria e as demandas do cotidiano e que, quando o “novo normal” for apenas mais um capítulo escrito na história, déssemos mais valor a tudo que antes deixávamos passar despercebido.

Por hora, a única certeza que tenho é o quanto sinto falta do afeto, do diálogo, das invenções, das criações,

das brincadeiras, dos risos, e até mesmo das brigas para saber quem é o melhor amigo de quem. Gostaria de ver minha mesa repleta de pequenos que falam, indagam, reclamam e confidenciam seus desejos, preocupações, segredos e descobertas. Queria ter a oportunidade de ver o orgulho que brilha nos olhos quando eles percebem que conseguem ler e escrever, acompanhar seus avanços, mediar suas dificuldades, ouvir o quanto sou chata por não permitir que eles subam nas cadeiras ou por passar muito dever. Incessantemente, sou tocada pela ausência dos pequenos detalhes do cotidiano escolar e de todas aquelas coisas que só a docência pode nos oportunizar.

Sou professora na luta, na tela e na escola. Mas, confesso, espero ansiosamente por um novo primeiro dia de aula, com segurança, presença, vastos abraços, conversas menos apressadas e longas comemorações para as pequenas conquistas.

A escola ainda resiste!

Cintia Xavier da Silva¹

31 de dezembro é aquele dia em a maioria das pessoas repensam como foi o ano e projetam esperanças para o que começará. Comigo não foi diferente. Analisei alguns aspectos sobre 2019, agradei pelas conquistas e busquei pensamentos positivos com intuito de iniciar bem o novo ano. Mas, como todos sabemos agora, 2020 seria um ano de frustrações, de reflexões, de perdas. Também contaríamos com aprendizagens, descobertas, reinvenções... Um ano que, apesar de querermos, não poderemos esquecer.

Narrar o trabalho de uma professora em período de pandemia e de isolamento social é algo que demandaria um livro para cada docente, principalmente quando se é mãe, esposa, dona de casa e mestranda. Escola, faculdade, trabalho, família, tudo isso acumulado em um mesmo local: a nossa casa. Os afazeres se misturam; às vezes, as horas não passam e, de repente, elas voam; algo que estava prestes a ser terminado torna-se uma atividade sem fim.

Trabalho, atualmente, em 3 escolas no município de Nova Iguaçu como professora do 2º segmento do Ensino

¹ Aluna do Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS)/UFRJ. Licenciatura Plena em Letras- Português/Inglês- pelo Uniabeu-Centro universitário. Professora de Língua Portuguesa do segundo segmento do Ensino Fundamental das Redes Municipal e Particular de Educação do município de Nova Iguaçu. E-mail: cintiaxsenterjovemplus@gmail.com

Fundamental (6º ao 9º ano): duas da rede municipal e uma da rede particular. Minha escola de matrícula, aquela em que sou lotada, fica em Tinguá, zona rural de Nova Iguaçu; na outra escola da rede pública, trabalho como “dobra”, uma “hora extra” na carga horária, e localiza-se em Vila de Cava; a escola da rede particular possui 20 anos de existência e fica no bairro de Figueira. Os bairros são vizinhos, o primeiro possui reserva ambiental e economia com base no turismo e cultivo de alimentos, como aipim; o segundo apresenta um pequeno centro comercial; e o terceiro não dispõe de muitas opções de lazer ou comércio. Próximos, em relação à localização, e diferentes em questões socioeconômicas.

Com o avanço dos casos de Covid-19, em meados de março, a prefeitura de Nova Iguaçu decretou o adiamento do recesso que ocorre normalmente em julho. A proposta era que essa pausa durasse apenas 15 dias, por isso ninguém – ninguém mesmo – se organizou para algo diferente. Na verdade, seguiríamos com os nossos cronogramas e planejamentos. Contudo, metade dos projetos e intenções foram desmoronando com o início de abril. A contaminação pelo vírus começou a aumentar, o número de mortos também e o isolamento social foi decretado em quase todos os estados. Decretos que duravam 15 dias, sempre com intuito de que, logo, tudo voltasse ao normal.

Não voltou ao normal e todas as áreas de trabalho precisaram continuar de alguma forma. Com a Educação não foi diferente. Nesse momento, questionamentos, que sempre estiveram presentes entre os educadores,

começaram a permear o restante da sociedade: qual é a importância do professor, do contato físico, do ambiente escolar e quais os efeitos de todo o processo educacional na vida do discente? Essas e outras questões transformaram a Educação em um grande púlpito para debates calorosos. Como levaríamos um ensino de qualidade para os alunos em período de isolamento social? A opção mais óbvia foi o uso da internet e dos meios que ela proporciona. Porém, como garantir que os estudantes, principalmente os da rede pública, tivessem acesso ao novo formato de ensino? Cada vez que se avançava em uma ideia, surgiam mais perguntas a serem respondidas.

Na rede particular, desde o início, a opção foi o uso de uma das redes sociais mais utilizadas para comunicação. Como as turmas são pequenas, a alternativa tem funcionado, entretanto ainda temos um número alto de alunos que não participam das aulas. Na rede pública, as primeiras iniciativas partiram das próprias escolas. Cada uma buscou o meio mais viável para divulgação de material e atendimento aos discentes. A prefeitura também apresentou uma parceria com uma plataforma de ensino de São Paulo, mas o resultado não foi o esperado.

A falácia de que “todos os alunos têm celular e acesso à internet” foi revelada. As dificuldades apresentadas pelos estudantes, pelos seus responsáveis e por professores comprovam que a desigualdade em possuir essas duas ferramentas, consideradas essenciais para muitos, é maior do que se pensa. Em 2019, realizei uma pesquisa de mestrado com alunos da escola, e, em

Tinguá, por exemplo, mais de 50% utilizam a internet por meio de dados móveis, e posso dizer, por experiência, que lá o sinal das operadoras de telefonia móvel é péssimo. Muitos discentes, até na rede particular, utilizam aparelhos telefônicos de terceiros, o que também dificulta a participação.

E os professores? Ah... o senso comum acredita que temos acesso a tudo isso e muito mais, que temos a obrigação de ter. Nossa vida virou um ciclo voltado a montar atividade; postá-la; fazer aula virtual; buscar vídeos; gravar vídeos; conferir se a atividade foi postada, mesmo com problemas na internet; olhar se os alunos responderam; mandar mensagem para alunos; olhar novamente; fazer relatórios; justificar por que os alunos não estão acessando as aulas e outras novas demandas. Além disso, tivemos que, por conta própria, aprender técnicas de edição de texto, de vídeo, custear uma internet mais veloz, buscar novas formas de trazer a atenção do aluno, competindo com jogos, TV e, muitas vezes, com obrigações da casa, que esses estudantes tiveram que incorporar, em razão da nova rotina dos responsáveis.

O vírus fez com que o dia a dia de todos mudasse, escancarou as desigualdades e mostrou, para muitos, o poder da escola e a necessidade de uma escola pública de qualidade. Ouvir que, com o retorno das aulas presenciais, os professores “voltariam a trabalhar” ainda demonstra o quanto a nossa profissão é desvalorizada na sociedade brasileira, porém escutar de muitos responsáveis agradecimentos pelo nosso trabalho faz com que nossa luta pela educação se fortaleça. Mesmo com a pouca participação dos alunos da rede pública,

sigio com as minhas atividades e busco o melhor para eles nesse momento. Não é só conteúdo programático, é presença, é uma relação de confiança e amizade que vai além dos muros da escola. Apesar do baixo investimento, da desvalorização do professor, dos problemas socioeconômicos do educando, apesar da Covid-19, a ESCOLA AINDA RESISTE!

O isolamento social e a rede educacional de Mangaratiba

Cristiano Gomes de Oliveira¹

Atuo em uma escola, localizada em uma comunidade remanescentes de quilombolas na Ilha da Marambaia, como regente da disciplina de Matemática I. No ano de 2020, além dessa, também atuei como professor de Ensino Religioso em tempos excedentes da minha matrícula original.

O isolamento social afetou a rede educacional de uma maneira que não podemos mensurar os seus impactos. Na rede municipal de Mangaratiba não foi diferente e justamente em um ano de uma nova adequação à dinâmica pedagógica. Iniciamos o ano letivo já no mês de fevereiro de 2020, com debates acerca do novo modelo de avaliação educacional. A rede saiu do modo bimestral para o trimestral, sendo necessária uma nova discussão sobre o currículo adotado, baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e dos métodos de aprovação e recuperação dos estudantes.

Já no início do mês de março, as aulas foram suspensas e, na esperança de um possível retorno ainda naquele ano, o prefeito anunciou o adiantamento do

¹ Licenciado em matemática pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com especialização em história e cultura afro-brasileira pela faculdade de educação São Luís, mestrando pelo PPGEducIMAT/UFRRJ e professor efetivo da rede municipal de Mangaratiba. E-mail: christiano3.7@hotmail.com

recesso que acontece no mês de julho para a segunda semana de março. Porém, o tempo foi passando e se viu que esse retorno não parecia tão próximo. No mês de junho, a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer (SMEEL) resolveu elaborar *kits* pedagógicos para entregar aos alunos, contendo explicação resumida de alguns conteúdos e também exercícios. Essa opção foi adotada devido às especificidades do município que, além de não possuir uma rede de *internet* que atenda a todas as regiões, possui também escolas das mais diversas localizações, como em ilhas, na serra e em áreas urbanas.

Para a elaboração desses *kits* pedagógicos, novas reuniões em formato *on-line* foram organizadas pelos assessores de cada disciplina. Uma nova proposta pedagógica emergencial também foi elaborada, pautada na busca por um consenso nas habilidades educacionais mais elementares de cada disciplina.

O primeiro kit foi pedido antes dessa reunião acontecer e confesso que acabei elaborando uma lista de exercícios que, apesar da contextualização com o momento pandêmico, não era necessariamente o que a rede planejava. Então, durante algumas reuniões, me posicionei contra a elaboração apenas desses *kits*, pois eu acreditava que a rede deveria pensar em outras maneiras de alcançar os estudantes. Na disciplina de Ensino Religioso, optei por não realizar as atividades, não só por discordar de que os exercícios tinham formato de múltipla-escolha, mas também como protesto contra o ato de a prefeitura não pagar os tempos excedentes, embora tivesse participado de todas as reuniões *on-line* da disciplina e opinado inclusive sobre as habilidades e conteúdos que seriam abordados. O

formato das questões foi repensado após essa primeira reunião e ficou decidido de termos questões mais abertas em todas as disciplinas.

Entre junho e julho, um dos sindicatos de professores de Mangaratiba – Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do estado do Rio de Janeiro (SEPE) – começou a realizar reuniões também em formato digital e aproveitei para delas participar. Nunca compareci em nenhuma das manifestações anteriores a 2020 por desconhecimento da agenda de lutas desse sindicato. Porém, comecei a atuar mais nesse novo formato, assim como expor minha opinião de que, mesmo sendo contrário ao retorno presencial, deveríamos, em conjunto, pensar em possibilidades para atender melhor os estudantes.

Ainda em julho, a prefeitura resolveu nomear um grupo de conselheiros escolares para debater sobre a construção de um documento contendo os protocolos de retorno às aulas presenciais e fui escolhido como representante dos professores por estar atuando em uma das escolas de ilha. Participei da elaboração e mandei uma mensagem respondida pelo próprio secretário de educação sobre pontos que considerava pertinentes para um retorno às aulas presenciais. Nesse mês, um curso de biossegurança foi concedido a todos os profissionais da rede educacional na modalidade ensino a distância (EAD).

Em agosto, participei de reuniões *on-line* com alguns professores representantes das escolas do município para decidirmos sobre como poderíamos avaliar nossos estudantes e, em setembro, a rede ofereceu um momento de palestras dos mais variados

temas para uma formação complementar. Esse foi um momento muito importante e com grandes contribuições, porém, até fevereiro de 2021, não tinham sido enviados os certificados de participação dos docentes que assistiram às palestras.

Por discordar dos *kits* pedagógicos como única ferramenta de contato com os alunos, participei de um curso *on-line* oferecido pelo Colégio Pedro II sobre gravação de aulas. Assim, foi possível fazer pequenos vídeos explicativos com os conteúdos que eram abordados em cada um dos materiais. Essa ideia também foi aplicada por outros colegas da rede. Vi também profissionais que buscavam vídeos prontos e curtos para poder enviar em grupos de *WhatsApp*, criados por cada unidade escolar para um contato mais direto com os estudantes. Alguns de meus alunos também entraram em contato comigo, para pedir explicações, através de meu telefone pessoal, já que na minha unidade escolar, apesar da minha sugestão de implementação de grupos com os números dos telefones dos alunos, optou-se pela escolha de contar apenas com os telefones dos responsáveis para essa comunicação.

No meio disso tudo, a escola de certa forma continuou abrindo para o atendimento presencial. Mas isso acontecia em meio a processos judiciais que, uma hora proibiam, e outras vezes permitiam sua abertura, o que levou a unidade escolar da Ilha da Marambaia a funcionar às terças e quintas. No mês de outubro e novembro, compareci à escola para reuniões que serviam para definir e fiscalizar os protocolos internos

adotados, gravei aulas para os alunos e pude realizar correções das avaliações dos estudantes.

A impressão que tive durante esse momento é que, apesar dos esforços apresentados pela rede municipal de educação, pouco se fez de forma efetiva. Muitas das ações foram tomadas de cima para baixo e, depois que houve a consulta aos professores, pouco se ouviu aos alunos e suas famílias. Vi colegas profissionais que escolheram não auxiliar os educandos e também alguns que nem participavam das reuniões ou elaboravam atividades para os *kits* pedagógicos, mesmo recebendo pelo seu trabalho. Entretanto, a maioria estava disposta a contribuir efetivamente no processo e a rede poderia ter escutado mais essas vozes.

Em conjunto com o SEPE, auxiliei em cartas e documentos abertos enviados a SMEEL cobrando ações. Porém o próprio sindicato teve sua voz calada pela secretaria que parou de atender as solicitações e se sentar na mesa para ouvir as demandas. Esse sindicato atualmente luta pelo reconhecimento de sua força como representante dos profissionais da educação.

As eleições municipais também merecem um capítulo à parte nesse contexto, pois foi um palco de disputas intensas. E como os cargos de direção escolar, assessores, funcionários de apoio e muitos cargos de confiança na SMEEL são dependentes do grupo político que está no poder, a disputa eleitoral gera instabilidade educacional.

O prefeito até foi reeleito, mas muitos de seus apoiadores, que trocaram de lado durante a disputa eleitoral, foram trocados de cargo após sua vitória. Esse fator também se deve à mudança na câmara de

vereadores. Muitos puxam seus cabos eleitorais para cargos que ganham uma gratificação extra, como é o caso das direções escolares. Com isso, além de gerar uma quebra no trabalho pedagógico, cria-se, nos próprios ambientes, uma espécie de rivalidade partidária, o que faz com que o foco educacional muitas vezes se perca.

Uma maneira que poderia dar fim ou pelo menos diminuir essa instabilidade seria a eleição para diretores, uma matéria que estava em alta logo no início de 2020, mas que, com os problemas causados com a pandemia, acabou esfriando e sendo deixada de lado.

Muitas são as aflições nesse cenário educacional e eu confesso ainda estar tentando entender os mecanismos desse processo. Busco informações sobre os danos causados nos estudantes com o fechamento das escolas, assim como sempre ressalto a importância de se fiscalizar todos os protocolos de retorno. Acredito que a rede educacional paga por ser alvo do excesso de descaso da gestão municipal durante os últimos anos. Por certo, não houve uma preocupação efetiva de como será o retorno. Muitas escolas poderiam ter suas instalações modificadas, realizadas manutenções em suas redes de *internet* e nos computadores que as escolas possuem, assim como um planejamento pedagógico de retorno já poderia ter sido elaborado por meio de consultas ao corpo docente, aos estudantes e seus responsáveis. Dentre outras medidas, importante destacar a necessidade de apoio aos educadores, tanto em aspectos profissionais, como psicológicos.

Porém, enquanto o pensamento não for macro e tivermos uma educação como um plano geral e não

apenas de governo, muitos dos males permanecerão. Aos meus alunos, sempre que posso, tento ajudar um pouquinho, pois acredito muito na escola pública e sou fruto dela. Então, independente da troca de gestão ou de governo, a minha bandeira são os alunos e é a eles que dedico meu esforço e comprometimento.

2020: o ano em que me reinventei¹

Cristina Mayumi Hamada²

Mais um ano se inicia e com ele novas vivências, aprendizagens e muitas expectativas. Sou mediadora a distância da disciplina de Matemática na Educação II do curso de Licenciatura em Pedagogia UERJ/CEDERJ e professora do Ensino Fundamental II em duas instituições privadas do Município do Rio de Janeiro, onde leciono as disciplinas de matemática e desenho geométrico. Como mediadora, acesso a plataforma do CEDERJ todos os dias da semana para orientar os alunos com as suas dúvidas em relação aos conteúdos e perguntas frequentes sobre a instituição. Além do trabalho direto com os estudantes, também corrijo provas e algumas vezes trabalhos que são solicitados pelos professores. Também participo de reuniões com coordenadores de disciplina. Todos os anos, antes de começarem as aulas, os professores, coordenadores e diretores se reúnem para organizar o novo ano letivo. Os colégios se organizaram para um ano letivo normal e nós professores, elaboramos nossos planejamentos escolares.

O ano começou bem como o esperado, estávamos em sala de aula, seguindo as rotinas de sempre. Na

¹ Meu especial agradecimento à minha orientadora, Prof.a Dora Soraia Kindel, pela leitura cuidadosa e sugestões.

² Licenciada em matemática pela Universidade Estácio de Sá. Mestranda pelo PPGEducIMAT na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: christtinahamada@gmail.com 2020

escola A, tinha duas turmas, uma de 6º e outra do 7º ano, duas manhãs, e na outra, escola B, três tardes. Nesta, as aulas eram chamadas de horário estendido onde orientava os alunos no estudo, nas turmas do 6º ao 9º ano. E, como mãe, também tenho uma filha nesta faixa de idade, 11 anos, 6ºano. E outra menor, 4 anos, no pré-escolar. As duas estudam em escolas diferentes. Não obstante tantas atribuições, ainda ingressei em um mestrado profissional, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – Mestrado Profissional (PPGEduCIMAT), passando a agregar mais todas as atribuições de uma estudante e de futura pesquisadora, tendo que participar de aulas, do grupo de pesquisa e começar a desenvolver o meu projeto.

Tudo caminhava dentro do previsto, embora sobrecarregada de afazeres, doméstico, profissional, estudantil e de mãe, quando de repente: Bum!!! Como uma bomba, começam a surgir muitas notícias, em diferentes mídias, sobre um novo vírus que surgira no continente asiático e que já estava se alastrando pela Europa, matando dezenas de pessoas, o coronavírus – Covid-19. As primeiras notícias nos deixam estarrecidos em função do número de mortes e ficamos apreensivos com a possível chegada do vírus ao Brasil.

No dia 16 do mês de março, em plena segunda-feira, o governo decretou o isolamento social. Os colégios tiveram que fechar suas portas para o recesso escolar e todos fomos orientados a ficarmos em casa. Assim, eu e meus colegas passamos uma semana em casa na expectativa de como seria o retorno às aulas. Eu pensava

que seria uma doença rápida e que tudo voltaria ao normal, logo, mas não foi bem isso.

Os noticiários continuaram alertando para a gravidade da doença. Comecei a ficar preocupada e me questionar como seriam as aulas daqui para frente? Como aplicar disciplinas tão complexas? Como os alunos conseguiriam absorver os conteúdos da melhor maneira possível? Me senti perdida, como um peixe fora d'água e ao mesmo tempo com várias perguntas e sem respostas. Diante do fato de que as aulas presenciais não poderiam ocorrer em função das orientações para o isolamento social, uso de máscara e higienização constante, as instituições de ensino se reorganizaram para oferecer o ensino remoto. A orientação foi para que enviássemos os conteúdos e os exercícios do livro para o e-mail institucional e a instituição se responsabilizaria em enviá-los aos alunos e pais. Os alunos fariam as tarefas solicitadas e as encaminhariam para o colégio e esse nos reenviaria para as correções.

Como profissionais, seguimos as regras: preparei as folhinhas, enviava ao colégio, esse enviava aos alunos, eles estudavam sozinhos, enviavam para o colégio e em seguida o colégio me repassava os trabalhos feitos. Eu recebia os trabalhos, corrigia e os devolvia para a escola junto com o gabarito para que fossem enviados para os alunos. Eles precisavam corrigir sozinhos, observarem e aprenderem onde estavam os erros das suas respostas. Ou seja, um vai e volta seguido e com muitas paradas e intermediários. Muito diferente daquilo que estava acostumada, contato direto com o aluno. Esse

contratempo todo porque os alunos não podem ter acesso ao e-mail do professor.

Eu pensava: “quanto transtorno!”. Envia pra cá, envia pra lá... e me perguntava: “Será que não tem uma forma mais prática para resolver isso?” Mas, enfim, assim seguiu.

Ao receber o material do aluno, percebia que alguns conseguiam compreender a matéria, fazer os exercícios, apresentar solução e a resposta correta, já outros não entendiam e não resolviam os exercícios. Em muitos casos, recebia apenas as respostas sem resolução, o que me parecia ser a cópia das respostas que são apresentadas no gabarito do livro. Quando eu ia corrigir, orientava-os e tentava incentivá-los a demonstrarem a resolução, porque era importante saber de que forma eles estavam entendendo o processo de compreensão dos conteúdos. Essa prática era muito parecida com a que pratico no CEDERJ, mas com uma diferença: neste, eu tenho uma plataforma especialmente preparada para isso, diferentemente ao que estava sendo proposto pela escola que não estava preparada para o ensino remoto.

O tempo foi passando e os problemas se acumulando: os alunos não estavam correspondendo com esse tipo de aprendizagem, não havia um caminho direto para sanar as suas dúvidas e eu ficava com a sensação de impotência. Não conseguia amenizar as indecisões, não havia um canal para falarmos diretamente e isso me incomodava demais.

Os pais também estavam insatisfeitos com os resultados e as suas dificuldades em acompanharem a

aprendizagem de seus filhos, tendo eles agora de serem os mediadores de ensino.

A caixa de *e-mails* só ficava cada vez mais cheia: cheia de reclamações, cheia de angústias, cheia de incertezas, cheia de questões. E eu aqui, tendo que seguir com o plano. Continuava a seguir o fluxo da programação para cumprir o programa como se tudo estivesse bem. Não queria também que os alunos ficassem em defasagem. Essa insatisfação fez com que eu começasse a procurar na *internet* ferramentas que pudessem me apoiar no trabalho e na comunicação, além de solicitar ajuda aos colegas. Começamos a compartilhar informações. Alguns professores começaram a fazer vídeos, gravavam em seus celulares e disponibilizavam na plataforma *YouTube*. Outros começaram a utilizar o programa *Zoom* e no outro colégio utilizavam o *Google Meet*. Agora, imaginem vocês como fiquei? (Risos) “Louca!”. Quantas coisas novas para aprender e responder de um dia para outro.

A princípio, resolvi gravar vídeos para lecionar a disciplina de desenho geométrico, porque realizar as construções passo a passo, gravar, salvar e depois disponibilizar no *YouTube* para os alunos acompanharem o desenvolvimento, a meu ver, era melhor. Em relação à disciplina de matemática, preferi optar pelo *Zoom*, porque os meus colegas estavam mais familiarizados e, qualquer dúvida que surgisse, poderíamos compartilhar conhecimentos. A minha expectativa era a melhor possível! Acabei frustrada com as gravações porque o celular precisava de memória suficiente, tinha que ter um suporte para segurar o celular, tinha que ensaiar como

seria essa gravação para na hora sair certo. Depois, tinha os itens selecionados no *YouTube* para o vídeo não ficar público e infinitas outras coisas dessa ferramenta, além de ter que desenvolver uma paciência enorme para o vídeo baixar para a plataforma. Verdadeiramente, foi um “saco”! Deixava o vídeo baixando a noite inteira, só para finalizar no dia seguinte. Enquanto isso, a pressão do dia da entrega chegando... Quanta aflição e apreensão para concluir a tarefa!

E vocês acham que os problemas acabaram por aí? Não. As minhas filhas começaram a ter aulas remotamente. Para a menor, a professora gravava pequenos vídeos, enviava-os pelo *WhatsApp* e ali eram assistidos. Em relação às tarefas, eu as buscava no colégio e estudava com ela em casa. A mais velha, assistia às aulas pelo *Google Classroom*. E, por outro aplicativo, realizava e enviava os trabalhos, exercícios, tarefas. As provas passaram a ser feitas *on-line* e o acompanhamento de seu rendimento e dos estudos também ficaram sob minha responsabilidade. Passei a ser professora em tempo integral, nas escolas e em casa. Mas, também precisava ter tempo para ser mãe, ter tempo de brincar e sorrir com e para elas, além de dar conta dos afazeres de casa.

Voltemos às aulas! Com o *Zoom*, as aulas ficaram melhores, consegui parar com o excesso de *e-mails* e as correções exaustivas. Comprei um quadro branco para os alunos compreenderem os conteúdos e facilitar a visualização. Utilizei também o livro digital, alguns vídeos que já constavam no livro, outros do *YouTube* e o programa *Geogebra* para realização das duas

disciplinas. Com essas iniciativas, o processo foi-se amenizando ao longo do tempo. Os alunos se habituaram e eu também. Alguns acostumaram rápido, outros não. Uns tinham bom acesso à *internet*, outros não. Uns tinham celular, outros precisavam esperar a disponibilização do celular de outrem. Tinha dias que a sala estava cheia, outras não. Alguns diziam gostar das disciplinas, mas afirmavam que não se adequaram a esse tipo de estudo. Em outro momento mostravam-se insatisfeitos com esse processo por causa do distanciamento social, porque queriam estar em contato com os colegas sem ser por tela. Muitos problemas novos para serem por nós compreendidos.

Mas, se por um lado, tínhamos muitos obstáculos a transpor, por outro, com esses recursos, a aprendizagem melhorou bastante. Os alunos começaram a compartilhar mais as informações, houve uma interação construtiva, dialogávamos e sanávamos as dúvidas ali mesmo. Isso foi importantíssimo, porque não deixávamos para depois o que não era bem compreendido.

Entretanto, alguns pais, insatisfeitos com esse tipo de ensino, pois seus filhos não gostaram do processo e da metodologia, fizeram pressão, ameaçaram tirar os filhos da escola para que houvesse o retorno das aulas com presença física de alunos e professores nas salas de aula. A solução foi abrir as portas para os alunos voltarem às aulas presenciais, mesmo sem vacinação. O absurdo vem agora, claro que a maioria dos pais preferiram manter os seus filhos em casa. A minha indignação foi ter que ir para a escola atender dois alunos e continuar com o ensino remoto para os demais.

Mas esse meu sentimento de revolta se tornou maior ainda, pois ninguém perguntava aos professores o que eles realmente achavam. Parecia mesmo que éramos obrigados a aceitar essas imposições e, caso não as aceitássemos, seríamos dispensados e não mais faríamos parte da equipe. Por outro lado, não podia sair do barco, as necessidades financeiras falavam mais alto. Conseguem sentir a pressão?

Assim, fomos jogados no “fogo”. Tivemos que nos reinventarmos como profissionais. Compramos e nos adaptamos aos novos equipamentos, modificamos a forma de preparar as aulas, e ninguém – ninguém – perguntava: “Como você está? Você está bem?”.

Estávamos cansados, ansiávamos pelas férias... Ah! Já ia esquecer de comentar, para completar as horas escolares, exigidas pelo Ministério da Educação, não tivemos o recesso no mês de julho, trabalhamos direto até dezembro.

Quando chegaram as férias de janeiro, eu só dormia, só queria saber de encostar em qualquer lugar e dormir. E nem podia, pois a vida e as outras demandas continuavam. Como o Covid-19 parece se tornar 20, 21,... continuaremos assim até que a vacina chegue para todos!

Educação Infantil na pandemia: aventuras e desventuras em águas turbulentas

Daniela Gobbo Donadon¹

Cheguei! Cadê vocês?

Ingressei, como professora, na Prefeitura Municipal de Campinas-SP, em março de 2020, nas vésperas do fechamento total das escolas devido à quarentena para conter a propagação do Covid-19.

Recordo-me de ir até a escola, a fim de a conhecer e me apresentar, em uma tarde de quinta-feira. Quando lá cheguei, algo faltava. Cadê as crianças? Naquela semana, a presença era facultativa e, na minha turma, apenas um pequenino dormia em seu colchão no chão. A maioria dos pais não estava enviando os filhos. Estavam receosos com as notícias sobre a pandemia.

A professora que eu iria substituir recebeu-me com muita generosidade, entregando seus registros, cadernos, contando sobre cada uma das crianças com grande carinho. Explicou sobre a rotina que tinha construído com a turma, sobre os espaços da escola, os projetos. Trocamos contato e, na saída, o vice- diretor veio com meu documento assinado, dizendo: “Como a diretora não está, vou assinar. Ia te pedir para trazer amanhã para ela assinar, mas as coisas estão muito

¹ Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Campinas-SP. E-mail: danidonadon@gmail.com

confusas. Não sabemos quando tudo pode fechar. Melhor você levar este documento na prefeitura hoje.”

Saí da escola bem confusa, rumo à prefeitura. No caminho, fui observando uma grande tempestade que se formava. Ventava forte e estava escurecendo rápido. O acesso de pessoas ao prédio estava sendo controlado por causa do Covid-19, mas consegui subir. Todo mundo assustado. Parecia cena de filme. Mal sabia eu como a realidade estava por nos desafiar nos muitos meses seguintes, parecendo, por vezes, ficção...

Os rumores apontavam que estava para sair um decreto suspendendo as aulas. Outras prefeituras da região já o tinham feito. Tudo soava muito irreal. No dia seguinte, cedinho, liguei na escola para perguntar a que horas deveria me apresentar. A diretora respondeu: “Não venha...”

Eu era a nova professora de uma escola onde eu e as crianças não podíamos ir. Sensação de que o barco zarpou e eu fiquei para trás, olhando do cais.

Tateando no escuro...

As semanas seguintes correram da forma mais confusa que nossos sonhos mais estranhos poderiam imaginar... Estou falando alguma novidade? Você, caro leitor, bem lembra!

A sensação geral era de que passaríamos cerca de um, no máximo dois meses com a escola fechada, na pior das hipóteses, e voltaríamos. Não foi assim...

No começo, tivemos muitos decretos com malabarismos para lidar com a situação. Anteciparam

recesso, anteciparam feriado. Mas não levaram duas semanas e as faculdades, pelo menos as particulares nas quais eu dava aulas, descobriram o *Google Meet*, o *Zoom* e equivalentes. E pronto, me vi dando aulas ao vivo, *on-line*. Na primeira aula, eu quase chorei. E o diálogo? E ler nos rostinhos, nos sorrisos ou testas franzidas se eles estavam entendendo minha aula? Me senti caindo no vazio, falando sozinha em um quarto de casa, supondo que meus alunos estivessem me ouvindo. Câmeras fechadas. Cadê vocês? Isso para jovens adultos de graduação. Pensei que essa situação seria impensável para a Educação Infantil. Será?

Não demorou e começamos com as reuniões *on-line* na escola da prefeitura. Não foi fácil. Dificuldades tecnológicas dariam um capítulo à parte, mas quero focar na experiência humana e pedagógica aqui.

Quando começamos a trabalhar com a ideia de que não voltaríamos tão cedo, começamos a pensar formas de manter contato com os alunos e famílias. Eu disse manter? Sim, para a maioria das turmas. Mas, e para a minha? Meus alunos nunca tinham me conhecido... Bom, começamos a trabalhar em várias frentes, sendo as principais: a criação de grupos de *WhatsApp* das turmas e a produção de vídeos. Cada uma renderia verdadeira trama (drama) para uma novela mexicana inteira.

A construção dos grupos impôs grandes desafios. Dominar a tecnologia, lidar com aparelhos antigos e suas limitações, mas a principal delas: conseguir contatos de *WhatsApp* das famílias todas. Foi uma força tarefa intensa. Buscamos na lista do Integre (sistema informatizado da prefeitura), mandamos mensagens,

ligamos, perguntamos para as outras professoras, pedimos para a equipe gestora na escola mandar foto da ficha escolar das crianças. E as situações inusitadas? “Oi! Sou a professora Daniela! Você é da família da criança Mariazinha? Nunca ouviu falar... Ah... Seus vizinhos têm uma menininha de uns 4 anos? Nenhuma assim na sua rua? E na sua família? Certeza? Tá bom. Sim, sou professora. Você quer que eu te ajude a adotar uma criança? Ahn?” Foi uma verdadeira caçada às crianças. Longe dos nossos olhos, presentes constantemente em nossas preocupações. Aos poucos, conseguimos montar os grupos e eu fui começando a conhecer o rostinho das minhas crianças por fotos e elas, o meu.

Outra luta grande foi gravar vídeos. É muito difícil. Quem nunca o fez, não faz ideia. É difícil nos comportarmos para a câmera... erramos, gaguejamos, falamos baixo ou embolado, passa o carro do ovo, da pamonha, os cachorros resolvem latir no finalzinho da tentativa número 23... Foi um processo de aprendizado difícil, intensificado pela sensação de que a maioria de nossas crianças nem estavam tendo acesso aos vídeos. Entendemos que, para muitas famílias, a situação era bem complicada e nem sempre havia um celular disponível e/ou um adulto para mediar a interação com as crianças. Mas a sensação causada pelo pouquíssimo retorno era pesada. O bote salva-vidas era ver as professoras compartilhando, no grupo das educadoras, os áudios, fotos e até vídeos das famílias com quem puderam interagir naquele momento. Cada um nos tirava um sorriso, nos acalentava. Davam fôlego. Tudo bem que ninguém da minha turma tivesse respondido, daquela vez,

a atividade que pensei, planejei, organizei, pesquisei, produzi, compartilhei. Se uma criança de outra professora enviava um vídeo feliz, realizando a proposta, já valia a pena. Se não fosse esse generoso compartilhamento coletivo de angústias e conquistas... como respirar?

Os professores não estão trabalhando! Oi?

Nos meses seguintes, tivemos algumas mudanças oficiais que pouco alteravam, de fato, o que já vinha sendo feito com relação a manter os vínculos e propor atividades para as crianças na minha escola, mas incidia em muita cobrança e pressão em cima das professoras, nos levando a uma carga horária de trabalho muito acima do devido. Orientaram que estabelecêssemos o ensino remoto, criando grupos de *WhatsApp*, o que já havíamos feito, entre outras medidas.

Vieram protocolos e decretos que instituíam o trabalho remoto, com carga horária definida dividida entre: 1º interação *on-line* com as crianças – uma carga que ia contra as recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde) sobre os cuidados e limites com a exposição de crianças pequenas às telas –, 2º interação entre educadores (mas já mantínhamos um diálogo permanente no grupo de *WhatsApp* das professoras, sem limites de horário ou dias da semana) – 3º Formações *on-line*. Estas últimas deveriam corresponder a 8 horas semanais em *lives* e cursos *on-line*, fora tudo o que estávamos fazendo no planejamento e execução das atividades remotas, gravando vídeos e interagindo *on-line*. Tudo deveria ser comprovado em formulários e

relatórios. Foram imensuráveis horas digitando formulários, registrando cada interação, cada formação. Exhaustivo. A sensação: controle. Duvidavam de que estávamos trabalhando.

A meu ver, tudo de mais importante para as crianças e famílias, que era possível naquele momento inusitado e extremamente limitante, nós já estávamos fazendo: propondo atividades, brincadeiras, músicas, jogos, histórias para as crianças pelo *Facebook* e pelo *WhatsApp*. Cada proposta era pensada a partir das Diretrizes para a Educação Infantil, do acúmulo de estudos na área, dos anos de experiência de tantas educadoras comprometidas, do conhecimento sobre as lutas históricas da Educação Infantil. As famílias pediam atividades de alfabetização, mandavam fotos mostrando as crianças cobrindo pontilhados de letras, nós estabelecíamos diálogo respeitoso e buscávamos explicar sobre letramento e muito foi construído. Importante destacar que estávamos, principalmente, escutando, acolhendo, procurando entender e esclarecendo dúvidas, orientando as famílias nas mais diversas questões: coronavírus, higiene e alimentação infantil, desenvolvimento, letramento, arte, brincar, conviver....

Mas o “teletrabalho” foi oficializado e começou a ser cobrado. Formulários detalhados a serem preenchidos semanalmente, exigindo horas de interação com as crianças, horas e mais horas de formação *on-line*, com imagens comprovando tudo. Foram (continuam sendo) horas preenchendo formulários. A impressão que fica latente é a de que as pessoas nos cargos de chefia e tomada de decisão não acreditam no compromisso dos educadores. Parte da sociedade também não. Em

movimento dialético, isso é incitado pelo atual presidente e, ao mesmo tempo, reflete a mentalidade de parcela da população, que o referenda. Uma postura contra a educação e o conhecimento, vendo professores como inimigos e assim os tratando, desvalorizando, questionando, ofendendo, descreditando. Mal sabem que estamos comprometidos com toda e cada criança de uma forma que muitos deles jamais entenderão.

Fui testemunha ocular do compromisso das educadoras de minha escola. A busca incansável por contato com cada uma das crianças. A busca intensa por cadastrar as famílias para receberem as cestas de alimentos. A busca passional para entregar *kits* com livros e materiais escolares, separando materiais, organizando-os em conjuntos, montando pastas, colando etiquetas com o nome de cada criança. O intenso empenho para que as crianças tivessem acesso a tintas, canetinhas, massinhas, livros: nossas crianças precisam disso tudo. Dezenas de *e-mails*, mensagens, negociações difíceis para a compra de materiais, porque um pequeno mandou um vídeo: “professora, e a tinta?”. Não há dedicação sincera, assim, na grande imensa esmagadora maioria das profissões, posso assegurar a vocês. Mas há muito pouco ou quase nenhum reconhecimento, ainda mais nos atuais tempos sombrios. Infelizmente.

Cartas em garrafas ao mar...

No meio de toda a confusão de orientações divergentes, que mudavam frequentemente e na última

hora, fomos construindo o diálogo com as crianças e as famílias.

No início, enviávamos mensagens e recebíamos uma ou duas fotos, alguns áudios com a voz das crianças e que aqueciam o coração. As famílias compartilhavam um pouco de como estava sendo a rotina em casa. Com o passar dos meses, esses retornos foram ficando cada vez mais raros. Para nós, era difícil saber se nossas historinhas, propostas de jogos e brincadeiras educativas, estavam chegando até as crianças.

Um movimento que começou a despontar em meados de agosto (quase 4 meses depois do início da suspensão das aulas presenciais) foi o pedido de “atividades no papel”, por parte das famílias. Provavelmente, por observarem ou terem notícias dessa prática em outras escolas, algumas famílias da minha turma começaram a perguntar quando poderiam buscar as atividades. Uma avó da minha turma foi até a escola pedir as atividades para minha diretora. Quando a diretora me perguntou do que se tratava, eu não fazia ideia... Aos poucos, fui compreendendo que, em parte pelo imaginário das gerações mais velhas sobre atividade escolar, em parte pelo que outras escolas começaram a fazer, as famílias da nossa escola começaram a pedir as tais atividades.

Historicamente, há uma luta para que a Educação Infantil supere uma visão preparatória para a escolarização. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, temos que o currículo dessa etapa está nas próprias vivências, enriquecido pela compreensão de como trabalhar com temas

significativos que se relacionam com problemas e fatos culturais relevantes da realidade em que a escola se insere. Atividades pré concebidas e padrão, estáticas e “no papel”, são vistas como algo a ser superado, portanto houve resistência inicial de toda a equipe educativa. Mas na busca por manter os vínculos entre as crianças e famílias e a escola, de estabelecer essa parceria, de ouvir o que as famílias pediam, nos aventuramos a buscar possibilidades. Como diria o “meme”: vai com medo mesmo.

Assim, começamos a pensar em jogos, como o Tangram, para as crianças colorirem, recortarem e brincarem. Em dados de leitura, para as crianças recortarem, colarem, montarem e usarem para potencializar a interação com os vídeos de leitura de historinhas enviados, ou com PDFs de historinhas que pedíamos para as famílias lerem para elas. Também fizemos calendários para as crianças preencherem e acompanharem a passagem do tempo. Incluímos retalhos de tecidos e instruções para a confecção de bonecas Abayomi, contando sua história. Também conseguimos sementes de girassol e alface, que foram enviadas, grampeadas em atividade, com espaços para as crianças desenharem o desenvolvimento observado das plantinhas. Foram tantas as possibilidades pensadas no coletivo de professoras!

Entregamos mensalmente os *kits* de propostas em 2020. Muitas famílias foram até a escola buscar, outras não. Muitas vezes, enviávamos vídeo sobre alguma atividade e aguardávamos, em vão, um retorno. Sabíamos que muitas famílias vinham deixando crianças

com as avós, pois muitos campos de trabalho já voltavam ao presencial. Sabíamos que muitas não tinham um adulto para mediar a interação e enviar fotos, vídeos ou áudios das crianças interagindo com as propostas dos *kits*. Por vezes, isso nos angustiava. Muitas professoras – eu inclusive – comentavam da falta de notícias das crianças. Era difícil.

Em um dos TDCs (Trabalho Docente Coletivo, cujas reuniões ocorriam *on-line*), tivemos uma escola convidada e me recorde de fala marcante da OP (Orientadora Pedagógica) da escola visitante:

“Sobre as propostas, os *kits*, os materiais, os vídeos que estamos enviando, são como garrafas lançadas ao mar. Nós colocamos todos os nossos sentimentos e desejos nessas cartas propostas, nas garrafas, e lançamos ao mar, na esperança que cheguem. Mas não temos como ver onde chegaram. Só podemos ter esperança e continuar lançando essas garrafas ao mar, torcendo para que cheguem nas nossas crianças.”

O que ficou de aprendizado?

Assim, iniciamos 2021. Sem saber até quando seguiremos *on-line*. Com previsões de volta presencial que são canceladas no último minuto. Ou não. Com notícias difíceis sobre a situação dos hospitais. Com números assustadores.

O que fica de aprendizado do ano anterior, para enfrentarmos os novos desafios?

Fica que, de uma forma ou outra, muitos setores da sociedade estão aprendendo que a escola é fundamental

para o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, para toda a sociedade. Não aqueles setores e pessoas que continuam procurando por depósito de crianças, essas mentes obtusas seguiremos combatendo. Mas muitas famílias relatam perceber a falta que o coletivo infantil, as vivências, as experiências, as “viagens” que a escola proporciona têm feito para a constituição infantil.

Fica que o coletivo de educadoras é a base que nos sustenta. O trabalho remoto é demasiado pesado, frio e solitário. A meu ver, só pode ser suportado no apoio coletivo, no diálogo, na busca por nos acolhermos e pensarmos juntas, diante das situações inusitadas, difíceis, desafiadoras. Marinheiro sozinho não vence essa dura tempestade.

Fica que a escuta ativa de crianças e famílias é o caminho a ser seguido. É o norte que devemos buscar em nossas bússolas.

A tempestade vai passar. Aprenderemos com ela. Espero. Até lá, seguiremos firmes no barco, com esperança, lançando as garrafas ao mar.

Professorxs, presentes!

Elaine Rusenhack¹

Nem sei ao certo que dia é hoje e estou com preguiça de olhar no calendário, só sei que estamos em 2020. Acordei no meio da madrugada, sono sobressaltado, batimentos acelerados. Mas não sei dizer exatamente o que me tira o sono, então pego o diário que já está na cabeceira, pronto para acolher em suas páginas as aflições da madrugada. Folheio... preciso escrever, mas meus olhos fitam as palavras na tentativa de encontrar nas narrativas os motivos de minha inquietação.

Dia 19 de março, estamos há 6 dias em confinamento social, o vírus está no Brasil há uma semana. Em 4 dias pulou de 70 para 621 casos, segundo a revista EXAME, são 7 o número de mortos... Neste quadro ameaçador, o presidente mente que está infectado e desmente no dia seguinte, convoca o povo às ruas em delírios de ditadura e desrespeita as medidas de prevenção da OMS... Tudo fechado. Aberto só o essencial. 17 milhões de desempregados e empreendedores sem trabalho e sem auxílio algum do governo. O vírus encontra um SUS precarizado há décadas por políticas que visam apenas à privatização. Sem materiais básicos como máscaras, luvas e macas, a população mais pobre e periférica sofre de maneira desigual os impactos da pandemia.

¹ Professora de Ensino Fundamental. Pós-graduada em Alfabetização das classes populares pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: elainerusenhack@gmail.com.

Abril de 2020

Ainda em quarentena. 39º dia. A contaminação do vírus avança, 40.000 infectados, 4000 mil mortos. Sem ministro da saúde, estamos à deriva. A curva de contaminação só aumenta, de ontem pra hoje foram 419 mortos, o maior numero até agora. Pessoas se aglomeram nas filas da Caixa Econômica Federal em busca do auxílio emergencial... As indústrias pressionam os governos por um possível relaxamento do isolamento... Os governos adotam uma política de massas para a educação, a metodologia do ensino a distância chega à rede municipal do Rio de Janeiro e deixa milhares de crianças sem acesso à escola.

Pouco a pouco nas palavras, encontro os motivos de minha aflição. Abandonados, lutamos para sobreviver. Aos mais pobres, nada é dado, tudo retirado. Direitos, trabalho, emprego e Educação. Como diz o ditado popular, aos amigos do rei as benesses da lei, aos inimigos, os rigores. Assim o governo, continua a fazer o que faz há mais de 500 anos, morte e expropriação. Aos mais pobres, um SUS precário onde falta até os equipamentos mais essenciais, aos bancos são liberados R\$ 1,2 trilhão de reais. E agora, para piorar, os governos começam a afrouxar o isolamento. Viva o novo normal, afinal, o Brasil não pode parar! 1000 mortos por dia, tudo bem, a economia é que não pode esfriar!

A pandemia veio para escancarar a lógica perversa de um sistema que expropria vidas para salvar lucros. Um sistema que mobiliza nossas energias e nos coloca pra trabalhar em proveito próprio, que coloniza nossos

pensamentos para que não nos levantemos diante de tantas injustiças. Mas, pela tela da televisão, reconheço esses desempregados tantas vezes invisibilizados pela violência da homogeneização. Eis o motivo de minha insônia, eu os reconheço, são os pais, mães, avôs e avós, tios e tias de meus alunos, que sem renda se expõem cotidianamente ao vírus pelo pão de cada dia. Ouço suas vozes ao telefone, eles me perguntam sobre a cesta de alimentação.

Em meio a tudo isso, ainda tem o ensino remoto pra piorar a situação.

Professores, presente! Flexibilizados, descontados, reinventados, continuamos aqui na escola, mas com nova configuração. Outro espaço, outra realidade, longe do que com Candau aprendemos a chamar de “chão da escola”. Sem olho no olho, sem abraço, nem aperto de mão, que saudades do nosso chão, da nossa roda de conversa, da assembleia, dos abraços apertados e tantas vezes demorados na porta da escola.

Estamos aqui, mas os educandos, não. No início, apareciam cinco ou seis, mas conforme o tempo foi passando, a coisa piorando e a distância se transformou em ausência. Mais uma exclusão, sem tecnologia, confirmamos, todo dia, que para aprender é necessário condição, é necessário garantia do direito à educação.

No ensino remoto, os educandos não estão, afinal, a política não lhes garantiu condição. Homogeneizadora das massas, a política educacional torna desiguais os diferentes. A ausência crescente dos educandos nos desestabiliza. “O que fazer?” Perguntamo-nos a cada reunião. Qual o sentido de uma escola sem alunos? E quanto a nós, professores, qual é a parte que nos cabe

nesse “latifúndio”? Continuamos aqui mesmo na ausência daqueles que dão sentido a nossa profissão. Alguns dizem: “a culpa é das famílias que com as crianças não têm cuidado e atenção”. Será? E eu me pergunto: “E quanto às famílias? É justo lhes exigir que nesse momento tenham essa preocupação? Em meio a tantas urgências, o que seria mais importante que a sobrevivência? Iremos mais uma vez imputar aos coletivos feitos desiguais, como diz Boaventura, a culpa pelas desigualdades? Não! Por isso temos nos colocado em formação. A ausência dos alunos nos tirou de nossos lugares de “conforto”, desestabilizou nossas certezas e, em busca de respostas, como seres inacabados, procuramos em nossos pares, na formação coletiva e em outras redes educativas, uma solução.

Agora sei o motivo de minha inquietação. É amanhã, dia de encontro, dia de formação. A escola, nessa nova configuração, é *espaçotempo* de conversas, de saberes *ressignificados*, exercício de formação que nos devolveu o ar e nos deu forças para LUTAR pelo fazer utópico de uma outra educação!

2020: Aprendendo, ensinando e sobrevivendo

Giulia Califrer Muneron¹

Herlândia Oliveira de Sousa²

Ricardo Nunes Maciel Damacena³

Era 31 de dezembro de 2019, todos estavam felizes e esperançosos em suas comemorações, o sentimento de que 2020 seria um ano repleto de realizações era comum aos três personagens dessa história.

Planos! Metas! Objetivos! Projetos! Isso era o que mais se tinha por aqui.

A vontade de iniciar o ano escolar recebendo as criancinhas no seu segundo ano do ensino fundamental, resgatar o que elas já tinham aprendido e continuar o processo de alfabetização era expectativa de um ano letivo de alegria. A professora Giulia e a professora Herlândia já tinham contato com esse grupo de alunos do ano anterior e aguardavam ansiosamente o retorno do professor Ricardo à escola. Ricardo é um professor cheio de ideias, proativo e muito companheiro. Os três formaram uma parceria maravilhosa, sempre um ajudando o outro com o compartilhamento de materiais, atividades, ideias, projetos etc. Ao retornar para escola,

¹ Professora do Ensino Fundamental na Escola Municipal Nova Holanda, Maré, RJ. E-mail: gcmuneron@hotmail.com

² Professora do Ensino Fundamental na Escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ. E-mail: naninha.sousa@yahoo.com.br

³ Professor do Ensino Fundamental na Escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ. E-mail: ricardonmd@yahoo.com.br

onde já havia trabalhado no ano de 2018, o professor Ricardo assumiu o compromisso com suas novas parceiras de fazer um ano letivo repleto de realizações.

Nesse clima de alegria, amizade e parceria, os professores iniciavam o ano letivo, porém 2020 já se mostrava diferente dos outros anos. Estavam explícitos os obstáculos: a água suja distribuída pela CEDAE. Bebedouros trancados, garrafinhas de água pela escola, muitas manobras feitas para que existisse atendimento aos alunos.

Assim, março inicia seu curso com o problema da água aparentemente solucionado, porém pouco foi o tempo de bonança. Uma onda de medo e terror se aproximava não somente da nossa escola, situada na comunidade da Maré-RJ. Essa onda de pavor já se encontrava em todos os cantos do mundo. A possibilidade de as pessoas deixarem seus projetos de trabalho e projetos pessoais de lado era uma realidade inacreditável.

Todo esse estado emocional foi suscitado pelo aparecimento de um vírus letal chamado de COVID-19, fazendo suas primeiras vítimas do outro lado do globo terrestre, na China. Mas quem diria que um vírus tão distante, algo invisível, poderia fazer tanto estrago, destruir tantos planos e matar tanta gente?

Ninguém esperava, ninguém imaginava e ninguém sabia como lidar com isso. Estávamos prestes a fazer parte de uma página muito triste da história. Foi então que, precisamente no dia 14 de março desse mesmo ano, todos os professores e o corpo discente se despediram da escola ainda sem saber que não voltariam tão cedo.

Os protagonistas dessa narrativa tiveram que agregar ao seu vocabulário e rotina não só palavras comuns como:

ALCOOL GEL, MÁSCARA, QUARENTENA, DISTANCIAMENTO SOCIAL, CORONAVÍRUS, mas sobretudo: ANSIEDADE, PÂNICO, ESTRESSE E SAUDADES. Saudades das crianças, do trabalho e dos parentes que perderam para esse vírus inesperado.

Frente a tantos sentimentos, os 3 professores fizeram do grupo de WhatsApp a sala dos professores e ali desabafavam, encontravam apoio, dividiam aflições. Era ali, naquela “nova sala dos professores”, que eles encontravam refúgio e se alimentavam de um pouco de esperança. Muitas foram as vezes em que eles passaram segurança a responsáveis, que igualmente precisavam aliviar suas angústias. Eram comuns diálogos como: “Tem responsável me perguntando quando vai chegar cesta básica porque não tem o que comer”, ou até mesmo, “o responsável só me responde quando é para falar de cartão alimentação”. Eram tantas perguntas para as quais os três professores não tinham respostas e isso fazia com que aumentasse o sentimento de impotência nesses 3 colegas de profissão que, de repente, se viram cúmplices dos limites impostos por uma pandemia.

Nesse momento tão difícil, a amizade e a aliança entre eles foi aumentando, as experiências pessoais os tornavam mais próximos. A professora Herlândia, em meio a crises de ansiedade, perdeu sua irmã não para essa doença maldita, mas para um infarto provocado pelo pânico de tê-la contraído. O professor Ricardo perdeu o pai que foi vítima desse inimigo invisível e a professora Giulia perdeu o avô, que embora tenha sido por causa de um AVC e suas consequências, muitas eram as preocupações com um idoso internado em

tempos difíceis como esses. A dor da perda dos três foi enorme e mais uma vez eles recorreram à parceria que tinham para que o trabalho continuasse conectado.

No entanto, o sentimento de impotência e preocupação tomava conta de todos. As perguntas na sala virtual eram sempre as mesmas: “Será que estamos alcançando todos os alunos com as aulas virtuais? Será que estamos fazendo as coisas certas? O que podemos fazer para satisfazer todas as expectativas?”.

O tempo foi passando, a ansiedade foi aumentando, mas a vontade de fazer o melhor sempre foi a prioridade desse trio. Vídeos com aulas foram gravados com o maior carinho, o contato semanal com os subgrupos das turmas passou a ser uma ótima ferramenta para diminuir a distância entre os alunos e os professores e assim tentar preencher pedagogicamente ao menos um determinado tempo nos dias dos alunos. Muitas foram as barreiras a serem quebradas: falta de *internet* em determinadas famílias, a boa vontade dos responsáveis, os métodos para que ninguém ficasse de fora das atividades. Enfim, não foi fácil, mas os professores não estavam dispostos a perder essa batalha.

Diante de tantos sentimentos, a cada dia, eles sentiam a necessidade de conversar e refletir sobre tudo, criar estratégias, desabafar, falar bobagens para descontrair e ainda tentar entender toda aquela situação. Tenho certeza de que se tem uma frase que pode resumir esse trio diante de todo esse contexto é a seguinte: “nosso corpo chegou em outubro, mas nossa mente ainda está tentando entender o que aconteceu em março.”

Tempos de reinventar

Glória Elisabeth Pincano¹

Meu nome é Glória Elisabeth Pincano, tenho 55 anos e estou no magistério há 29 anos. Sou professora de Química e atualmente atuo da educação infantil ao ensino médio na rede privada e na rede pública.

Não posso esquecer o dia 17 de março de 2020 quando, em um piscar de olhos, fui massacrada de informações, tendo que assistir, pelo menos, dez tutoriais por dia, aprender a usar toda a tecnologia de três a quatro plataformas diferentes. Quase enlouqueci, chorei, perdi noites de sono, fiquei deprimida, angustiada, sem rumo, tive que contar com a ajuda de amigos e da família. O que estava acontecendo nesse dia? Nascia o ensino remoto em meio a uma pandemia e eu tinha que me adequar.

A tecnologia sempre me assustou. Confesso que tinha ou tenho alguma resistência. Sabia o básico para as aulas presenciais e, de repente, me deparei com esse grande desafio do “ensino remoto”. Como eu, professora do quadro, do giz, dos livros, do contato físico, iria modificar toda a minha metodologia em tempo recorde? Esse foi o meu primeiro grande desafio, não somente meu, mas de todos os professores desse país. Tive que me reinventar, aprender e acreditar que ser professor no Brasil é conseguir

¹ Docente nas instituições: Escola Estadual Andre Maurois. Centro Escolar de Copacabana. Colégio TTH Barilan. Especialização em Ensino de Química. E-mail: gloria.pincano@hotmail.com

dar a volta por cima, dar conta do recado e não esmorecer. Eu não poderia me entregar a esse obstáculo, afinal tantos anos de dedicação à Educação não poderiam estar perdidos. Eu tinha que me acalmar, aprender e colocar em prática tudo de melhor que fosse possível.

Minha vida educacional sempre foi de extremos. Leciono em escolas de comunidade e escolas de classe média alta e eu tinha, naquele momento, duas realidades bem diferentes para o ensino a distância, e assim me deparava com o segundo grande desafio pela frente.

Sempre estive envolvida na luta para que a educação no Brasil fosse de forma igualitária civil, política e moralmente, por um ensino público de qualidade. Com o ensino remoto, me deparei com uma grande desigualdade entre os alunos, que na verdade todos sabemos que existe, mas essa diferença ficou maior por causa do grande contraste social. Os alunos da rede privada com aparelhos eletrônicos de qualidade, *internet*, rede *wi-fi* disponível, os pais prontos para acompanhá-los. Já na rede pública, alunos sem celulares, sem computadores, sem comida e sem a presença da família. Como o ensino remoto iria atender realidades tão diferentes? Como eu poderia tornar essas diferenças mais amenas, mais justas ou menos injustas?

Acho que esse foi o 3º maior e o pior dos desafios. Quando estou no presencial, sei que as diferenças são grandes. Saía de uma escola com carteiras quebradas, sem ventilação, sem salas de informática e muitas vezes ia para outra com laboratórios de ciências, de robótica, salas climatizadas, quadras de esportes. Tudo isso já me angustiava, porém no ensino remoto essas diferenças

ficaram mais evidentes. Antes da pandemia, eu ao menos estava ali para passar conhecimentos sem precisar da tecnologia e hoje, com o ensino remoto, só consigo ensinar para o aluno que a possui, ou seja, alunos da rede privada. Isso é o que de mais injusto vem ocorrendo com os alunos, principalmente os do ensino público.

Sete meses passados de ensino remoto, ou EAD (Ensino a Distância), como alguns preferem chamar. A minha angústia é a mesma, ainda que já possua domínio dessa tal tecnologia, consiga gravar vídeos e editá-los. Controlo pelo menos três plataformas, mas não consigo atingir todos os alunos da mesma forma, pois não é fácil despertar o gosto pela ciência, manter os alunos atentos a uma tela por muito tempo, principalmente as crianças: elas cansam e eu também. É a tela que trava, a *internet* que cai, o aluno que dorme, o que entra e sai achando que não estou visualizando-o. Enfim, fica muito difícil coordenar isso tudo. Às vezes, tenho quase certeza de que estou falando sozinha, um monólogo comigo mesma.

A presença deles, olhar cada rosto, escutar suas histórias, chamar a atenção na falta de disciplina, poder participar de perto do crescimento de cada um deles, minimizar a falta de recursos de alguns alunos e ouvir questionamentos pertinentes ao conhecimento deles, tudo isso faz muita falta e tenho a certeza de que é recíproco. Sim, a escola física tem o seu respeito, sua importância, seja para professores, alunos, pais, comunidade. Não tem sido nada fácil ser professora durante esse período. O trabalho triplicou, o salário reduziu e não tenho mais certeza (ou prefiro não aceitar)

de que sentirei aquele sentimento de dever cumprido, quase que por completo, que tenho a cada final de ano.

É frustrante que, depois de todo esse tempo que se passou, a única certeza que carrego é que as diferenças sociais e educacionais não aumentaram, apenas se tornaram mais evidentes aos nossos olhares. Nosso país continua na mediocridade, onde a educação nunca estará em primeiro plano. Entristece-me saber que o ENEM 2021 só estará ao alcance de alunos privilegiados e que de alguma forma conseguiram acompanhar as aulas, assim como o fato de que as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I, que aprenderam a ler, não são as da rede pública em sua maioria.

Inicia-se então, para mim e para todos os meus colegas educadores, o maior desafio: consertar todo esse desencontro da educação entre os alunos da rede privada, que conseguiram acompanhar as aulas, e os da rede pública, que mal obtiveram acesso ao pouco do que se tentou oferecer. Mas também desafiador será buscar minimizar essas diferenças para o próximo ano.

Medos, angústias, revoltas e, no final, o sentimento de força em saber que, em meio a isso tudo, ganhamos respeito e valorização por parte principalmente dos pais de nossos alunos, que reconheceram todos os nossos esforços para que seus filhos pudessem manter a rotina de estudos. E, mais importante, reconheceram que nosso contato pessoal na escola é fundamental, embora também tenham entendido que o momento é de preservar a vida. Educação é solução, ser professor é uma missão, desistir jamais, insistir sempre, lutar é obrigação, e vencer? Um dia, com certeza.

Um relato sobre os desafios enfrentados em 2020 e as esperanças sobre 2021

Isabelle Paiva Gonçalves¹

Me chamo Isabelle e sou professora de matemática, atualmente, em duas escolas particulares e em uma escola pública, todas em Teresópolis, no Rio de Janeiro. No início da pandemia, eu trabalhava em apenas uma escola particular, nos turnos da manhã e da tarde.

Na sexta-feira da segunda semana de março de 2020, as aulas aconteceram normalmente. Contudo, ao final do expediente, fiquei sabendo através de comentários nos corredores e na saída da escola, que as escolas fechariam, a partir daquele dia, por conta da pandemia.

Comentários oficiais do governador do Rio de Janeiro e do prefeito da cidade diziam que o afastamento equivalia ao recesso que tiraríamos em julho (ele não aconteceria mais). Esse discurso se manteve, mas dizendo que, ao final daquelas duas semanas, as aulas deveriam ser retomadas, de alguma forma, *on-line*. E aí, dias muito estressantes e pesados se iniciaram para mim e para muitos colegas!

Os dias, que seriam de recesso, viraram dias de terror. As notícias na televisão e nos *podcasts*, que eu acompanhava, eram as piores. O comércio local fechou.

¹ Estudante de Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora de Matemática do Ensino Fundamental I e II. E-mail: isabelli_paiva@hotmail.com

Ir ao mercado parecia ser tal como vivenciar um filme de terror apocalíptico. Além disso tudo, apareciam infinitos grupos no *WhatsApp*, com infinitos *links*, de infindáveis cursos para os professores fazerem, a fim de nos prepararmos para as aulas *on-line*.

Por fim, a escola em que eu lecionava decidiu que nosso trabalho seria feito através de vídeos, que seriam enviados aos alunos através das plataformas do sistema de ensino que já utilizávamos. O sistema não suportou a quantidade de vídeos enviados para a plataforma (claro!) e tivemos que começar a pensar em outras opções.

O *Google Drive* tornou-se meu melhor amigo. Criei um canal no *YouTube*. Aprendi a usar aplicativos e programas de computador e celular para editar vídeos, para conectar a câmera do celular em diferentes dispositivos. *Pendrives*, celulares velhos, cabos USB, tripés... meu quarto estava lotado de apetrechos tecnológicos por toda parte!

Parece muito poético ler sobre professores se mobilizando para dar o melhor pelos seus alunos...! Eu sei que é. E eu também acho que a nossa área (da educação) precisava ser “sacudida” para que avanços acontecessem. Mas aquilo que eu levaria, com muito esforço e empenho, para aprender em... sei lá... uns cinco ou dez anos, eu tive que aprender em duas semanas, sob a pressão de perder o emprego caso essa adaptação ao “novo formato de ensino” não acontecesse.

Nessa fase da minha “formação continuada forçada”, em pleno “recesso”, eu dormia por volta das cinco horas da madrugada e acordava, entre nove e dez horas da manhã, para produzir os vídeos, *slides*, listas de

exercícios, correções de atividades etc. que a escola nos pressionava para dar conta.

Com os poucos recursos que tinha, tive que adaptar tantas coisas para conseguir trabalhar que, às vezes, montar uma aula (de 50 minutos) para apenas uma turma, demandava quase um dia inteiro. Era desesperador, porque eu estava percebendo que não daria conta de continuar naquele ritmo. Precisei de muita ajuda para conseguir utilizar toda a tecnologia ao meu favor e para conseguir ficar acordada tantas noites trabalhando incansavelmente. Tive um namorado ao meu lado, que se tornou um farol no meio das tempestades que eu não me sentia segura para enfrentar.

Na verdade, todos os meus amigos, também professores, estavam passando por muita preocupação com a saúde deles mesmos e das suas famílias, mas também estavam muito atribulados pelas atividades que tinham que fazer. Eles não estavam em condições para me dar apoio ou para me ajudar individualmente. Ainda assim, muitas informações circulavam nos grupos de *WhatsApp*, muitos vídeos explicativos sobre sistemas e programas e muito material em PDF para reaproveitarmos.

Foi uma mobilização incrível que conseguimos fazer e que me ajudou no que era preciso. Isso também é muito legal, muito lindo e muito poético! Mas ali não éramos só professores, éramos pessoas que estavam em casa com seus filhos, com suas famílias, com seus afazeres domésticos, e mais todo aquele trabalho (não remunerado!) para fazer! Foi muito pesado, psicologicamente falando, para todos sustentarem tantas demandas.

Isso tudo no meio de uma pandemia onde várias pessoas estavam ficando desempregadas, doentes, morrendo e os preços dos alimentos estavam caríssimos no mercado. Era muita, muita coisa para administrar.

Eu moro com meus pais. Meu pai é idoso e aposentado e minha mãe é costureira. Minha mãe ficou um mês sem trabalhar, mas a empresa que ela trabalhava conseguiu pagar o salário dos funcionários mesmo assim. Nós moramos numa casa alugada e eu fiquei apavorada de talvez não conseguirmos pagar o aluguel mais as despesas básicas. Por sorte, a empresa que minha mãe trabalhava começou a vender uniformes para mercados e hospitais e ela continuou trabalhando normalmente.

Eu tive uma redução da minha carga horária e, por isso, meu salário diminuiu. Em tempos normais, sempre dei aulas particulares. Na pandemia, isso foi essencial para complementar minha renda, já que eu estava muito preocupada com a situação financeira da minha casa. Os alunos, que eu já acompanhava, pararam de fazer as aulas, mas consegui novos alunos, de alfabetização. Esses, as mães faziam questão que tivessem aulas particulares presenciais.

Eu atendia de uma a duas crianças por vez, numa salinha de aula que montei na minha casa. Todos com máscara, ventilador ligado, distanciamento... e eu, neuroticamente, higienizava tudo, do chão às paredes. Nessa época, eu só saía de casa para ir ao mercado e, mesmo assim, muito rapidamente. E o compromisso com o isolamento social que eu firmei, as famílias das crianças atendidas também firmaram comigo.

Nesse meio tempo, as aulas *on-line* e ao vivo já eram um fato. Fui convidada para trabalhar numa segunda escola particular. O professor, que estava antes de mim nesse cargo, adiantou sua própria aposentadoria, alegando que trabalhar, com toda aquela tecnologia e com toda aquela pressão, era demais para ele. Portanto, dividi minhas atenções entre duas escolas e quatro crianças em processo de alfabetização.

Até que eu descobri que a família de uma dessas crianças havia sido diagnosticada com Covid-19. Essa criança fazia aula em dupla. A família dessa segunda criança também fez o exame e também estava contaminada. Eu fiz o exame e também estava contaminada. Por sorte, o contágio parou por aí mesmo. As outras famílias ficaram bem.

Nessa época, conseguir consultar um médico estava muito difícil, porque todo o sistema estava muito sobrecarregado e, com o *lockdown*, muitos serviços estavam parados, até mesmo as clínicas particulares. Não consegui me consultar, mas tive orientações médicas pelo *WhatsApp*. Não consegui um atestado médico. Tive que continuar trabalhando, mesmo exausta (sintoma da doença).

Fiquei literalmente presa no meu quarto, sozinha. Minha mãe colocava a comida na porta ou na janela e eu a pegava. Não tive contato com ninguém. Nessa época, meus amigos estavam ocupados com suas questões e meu namorado, obviamente, não ficou comigo. Foi muito ruim.

Vi-me forçada a procurar uma psicóloga, sendo que eu já estava diversas noites sem dormir, apresentando choros constantes, pesadelos quando dormia... Tudo isso se

agravou quando tive que fazer o isolamento total. As marcas psicológicas de todo o estresse com o trabalho e com a doença foram tão profundas, que me geraram várias outras questões emocionais que eu ainda não consegui resolver. Segui com o tratamento que, por privilégio, pude pagar.

As duas escolas, em que eu trabalhava, continuaram prestando seus serviços *on-line* e ao vivo e mantiveram o ritmo de avaliações como se estivéssemos no sistema presencial. Atividades, prova (1), prova (2), prova (3), provas de segunda chamada, provas de recuperação bimestral, provas de recuperação semestral... Isso era o que precisava ser produzido, por mim, em um bimestre. Mas os bimestres não durariam mais dois meses como de costume, porque estávamos com mais de cinco meses de atraso no calendário anual.

A minha produção de materiais desse tipo, por dia, era enorme, pois esse mesmo trabalho era executado para cada uma das turmas que eu atendia (4 turmas minhas e 2 turmas de uma professora adoentada que eu precisei cobrir). Tudo isso, no *Googles Forms*, um sistema que eu não dominava e onde não tinha a possibilidade de escrever fórmulas matemáticas!

Caótico. Não existe outra palavra para definir o que foi o ano de 2020 para essa professora que vos fala! Quando o ano (escolar) acabou, eu nem acreditei! Continuei acompanhada de uma ansiedade que me perturbava o tempo todo perguntando: “tem certeza de que você não tem nenhuma prova pra montar?”. Mas 2020 acabou. Não tive perdas na minha família. No final, meu núcleo familiar não teve perdas financeiras significativas. Passamos pela pandemia, em comparação

com outras famílias, muito bem. Mas as marcas emocionais, deixadas pelo estresse e por toda a preocupação, ficaram em mim...

Eu acho que essa pandemia serviu para percebermos muitas deficiências que nossas escolas possuíam e que a tecnologia podia ajudar a reparar. Mas também mostrou o quanto nosso sistema é frágil e precário, principalmente no que diz respeito à avaliação de nossas crianças, que são esmagadas por tantos afazeres sem sentido, somente para acumular pontos.

Muitas verdades nesses aspectos foram reveladas. Sobre isso, eu espero que sejam tomadas medidas (governamentais mesmo) para que nosso sistema educacional, em geral, seja melhorado. Precisamos, também, que nossos professores sejam olhados com maior cuidado e carinho. Precisamos que nossos estudantes sejam vistos como seres humanos. Os próprios pais tiveram oportunidade de acompanhar de perto o que é a escola e tiveram a possibilidade de nos valorizar mais! Devemos fazer o mesmo!

Precisamos aproveitar tudo o que aprendemos nesses tempos turbulentos e aplicar para melhorarmos o nosso trabalho, a aprendizagem das crianças e o funcionamento das nossas escolas. Isso tudo não pode ser deixado passar em vão! Hoje sabemos que a educação é essencial, mas que só é apreciável quando é efetiva e quando é para todos. E, para que seja efetiva, temos que ter os alunos na sala de aula, com seus professores, com seus colegas, com seus livros e cadernos, NA ESCOLA. Disso, nós nunca mais poderemos abrir mão!

Nunca pensei

Josiane Santos de Melo¹

Meu nome é Josiane, sou professora do ensino Fundamental e trabalho na Escola Municipal Nova Holanda, dentro da Comunidade da Maré. Nunca pensei que um dia iria passar e estar em uma pandemia. Logo no início, achava pouco provável e não acreditava muito que um vírus pudesse se espalhar pelo mundo inteiro e chegar até aqui. De um dia pro outro, vi tudo mudar. Parei de trabalhar sem ter ao menos a chance de me despedir dos meus alunos e dos meus colegas de trabalho. Nunca pensei que sairia da escola e teria que deixar minha sala de aula do jeito que ficou depois de um dia de trabalho com meus alunos. Quando ouvi a palavra QUARENTENA, pensei... Quarenta dias vão passar rápido! Engano meu. Nunca pensei que alguém tão perto de mim e que amava tanto pudesse ir embora. Nunca pensei que colegas meus de trabalho fossem perder seus parentes... Que dor, que sofrimento, que medo, quantas incertezas e desânimo foram marcando esse momento. Buscas diárias na *internet* sobre o assunto, noticiários na tevê e rádio, a sensação que tinha era que eu também poderia morrer a qualquer momento. Nunca pensei em ter crises – e crises de ansiedade – antes de dormir: insônia, fobias... Meu Deus! parecia até o fim do

¹ Professora alfabetizadora na Escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ.
E-mail: josimelo2009@msn.com

Mundo. Sentia necessidade de sair daquele caos, ficava pensando o que poderia fazer pra ocupar minha mente e me fazer esquecer, me desconectar daquele momento de terror que estávamos vivendo. Precisava fazer alguma coisa por mim, pela minha família e pelos meus alunos. Nunca pensei que teria que me reinventar enquanto professora, mãe e pessoa. Logo me deparei com um “monstro”, a tão temível tecnologia. Me neguei a aprender, relutei, não queria aceitar aquele novo momento. Socorro!!! Aulas *on-line*!!! Não!!! Primeiro veio a minha recusa por não gostar e nem dominar o uso das tecnologias, depois a questão de grande parte dos meus alunos não terem equipamentos e pacotes de dados em seus aparelhos para o acesso as aulas *on-line*... Eram muitas as dificuldades. Nesse momento de vai não vai (é certo ou não atender uns e outros não?) foi que decidi agir com a ferramenta que a grande maioria tinha em mãos, aquela que eu também sabia usar: o grupo de *WhatsApp* da turma. Já tínhamos esse grupo antes da pandemia por conta da comunicação com os responsáveis durante operações e conflitos entre as facções. É assim que estamos nos comunicando, desde o início, diariamente. Óbvio que não é o espaço mais adequado, mas é o espaço onde conseguimos nos manter conectados, trocarmos carinho e afeto mútuos, permutarmos atividades, circulares, materiais para estudos, diversão, entre outras coisas. No início da pandemia, vi que muitas famílias estavam precisando de ajuda, fizemos uma campanha pelas redes de amigos e conseguimos ajudar 100 famílias, durante três meses, com cestas básica, *kit* lanche, máscaras e fraldas. Naquele

momento, entendi que era a melhor forma de ajuda, pois muitos pais tinham perdido seus empregos e o auxílio não tinha saído ainda. Depois desses três meses do início da pandemia, comecei a assimilar um pouco melhor o que estava acontecendo e fui me redescobrir também enquanto pessoa. Nossa escola montou um grupo de estudos semanal, com diversos convidados da área educacional. Fazíamos também reuniões semanais, comecei a fazer reuniões com meus alunos por salas virtuais como forma de mantermos contato, mas continuei atendendo alunos e família pelo grupo de WhatsApp, fizemos eventos virtuais e acabei também fazendo arte com costura e me reinventando a cada dia como pessoa e professora. Ainda vivemos momentos de incertezas e não sabemos quando isso tudo vai acabar ou ao menos melhorar. Mas acredito que, mesmo com tudo que aconteceu, temos muitas coisas boas pra contar e tirar proveito. Enquanto existir esperança, temos que acreditar que tudo isso vai passar e que, em breve, estaremos juntos e cada vez mais fortes. Nunca pensei que sentiria tanto a sua falta! Nunca pensei que gostaria tanto do seu abraço!

Uma professora em busca do seu chão, através de uma tela

Maria Isabel Donnabella Orrico¹

Sobre sentimentos

Solidão. É isso que mais sente essa professora longe do seu chão.

Considero que sou professora desde que as portas da escola se abriram para mim. Eu me lembro até hoje do cheirinho da escola que frequentei na primeira infância, um misto de massinha com giz de cera. E de minha primeira professora, tia Marta. Até hoje, 35 anos depois, eu ainda me recordo dos nomes e sobrenomes de cada um dos meus coleguinhos da época. Também lembro de uma imensa árvore no pátio, de uma caixa de areia repleta de baldinhos e pás, das paródias que a tia Marta inventava... Lembro da feira do livro. A primeira vez que vi tantos livros juntos na vida! Lembro do Mupy de maçã no saquinho, que a gente tomava na saída da escola. Ah, que saudade!

Era tanto amor, que desde muito pequenina eu soube que jamais deixaria aquele espaço, a escola, meu chão. Que o digam minhas primas mais novas, minhas “alunas” em

¹ Professora de Ensino Fundamental na EMEF “Prof. Vicente Ráo”, Campinas/SP. Mestre e doutoranda pelo grupo DIS – Diferenças e Subjetividades em Educação – na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: bebel_vm@hotmail.com

todas as férias em que passávamos na casa de nossa avó. Lousinha e outros materiais nunca faltaram. Dia após dia estava eu na porta da gráfica da cidade pedindo sobrinhas de papel. E assim montava os caderninhos. Meu sonho era ganhar de presente uma máquina de xérox, algo impossível naquela época... Tempo bom!

Como não haveria outra razão de ser, cursei Pedagogia na Unicamp. E aos vinte e poucos anos, em 2006, realizei o que até então era meu maior sonho: tornei-me professora do Estado de São Paulo. Foram muitos desafios, que não me cabe narrar aqui nesse breve relato. Mas posso dizer que o maior deles, virou uma dissertação de Mestrado e trouxe como tema central a questão da importância do afeto para o aprendizado. Ainda hoje é nessa educação que continuo acreditando. Mas vamos avançar no tempo...

... 2010. Tive meu segundo maior sonho realizado. Professora de Ensino Fundamental pela Rede Municipal de Campinas! Que delícia! Os desafios continuaram, mas em menor escala. Melhor estrutura, cursos de formação, parcerias maravilhosas e um ótimo horário de trabalho. Além do que a minha remuneração passou a ser suficiente para viver com mais tranquilidade. E o melhor: fazendo o que eu amo!

... 2020. Confesso que parei de escrever agora, enquanto digitava esses algarismos em meu teclado. O coração apertou e chorei... Aqui, no lugar onde me encontro – ou onde não me encontro – desde março desse fatídico ano. Cadê meu chão? Cadê “minhas” crianças? Que buraco! Que frio! Que vazio! Nomes nas telas. Alguns encontros *on-line*. Nó na garganta. Eu

quero vê-las. Quero abraçá-las! Pegar em suas mãos! Puxar uma cadeira para ajudá-las na lição. Mas estou aqui. Presa do outro lado da tela.

Lembro-me de uma sexta-feira, quando os rumores de que não haveria aula presencial na semana seguinte se alastraram. Eu e a inspetora Márcia, perdidas, conversando no pátio tentando entender o que seria de nós. Uma semana sem aula? Para que tudo isso? A gente não queria deixar de ir para o trabalho, tudo caminhava tão bem... Discutíamos sobre tantas indagações. Inocentes.

Uma reflexão que escrevi, quatro semanas após a suspensão das aulas, e que compartilhei com as crianças e familiares através da plataforma Google Sala de Aula, que temos usado para interação, pode ajudar a expressar melhor o que senti na época:

“Saudade da escola... daqueles olhinhos infantis, de apartar as briguinhas bobas, dos abraços mais sinceros... Do colo que dou e recebo. De estar com o coração preenchido... Da minha risada de lado depois de uma frase sábia que só uma criança seria capaz de dizer. Saudade do meu armário, lugar onde ninguém além de mim é capaz de se encontrar. Saudade dos “Boa tarde, querida!” dados e respondidos com tanto e tanto carinho pelas colegas da limpeza, da cozinha, das salas de aula, da gestão, da portaria... Saudade de bater na porta da sala ao lado só para ver como estão minhas amigas fieis, ou falar um pouco de mim, sorrindo ou desabando. Ai, meu Deus. Uma lágrima aqui. Saudades do cheirinho de café! O café da escola sempre tem sabor especial, um sabor de pausa, um sabor que renova para o retorno à sala de aula. Hoje eu queria abraçar a todos de uma só vez, queria ter os braços maiores que os

muros! Hoje, mais do que sempre, consigo ver o quanto sou realizada. Que saudade!!!”

Imaginem esse buraco hoje, dez meses depois.

Sobre a concretude, ou nem tanto

Partindo do pressuposto de que já consegui expressar como me sinto, vamos à narrativa de como as coisas vieram acontecendo desde então...

Até abril, estávamos todos completamente perdidos. Professoras, funcionários, alunos, direção, pais, mães... O ano que havíamos planejado, os livros que havíamos recebido para utilizar com os alunos, os estudos do meio, os projetos – inclusive eu havia iniciado um lindo projeto de teatro com as crianças, executado junto com minha irmã Fernanda, que é atriz –, tudo isso escorreu das nossas mãos como um líquido, mas ainda quente.

O que fazer? A prefeitura então disponibilizou uma plataforma para trabalharmos com as crianças. Nossa sala de aula agora estava resumida em uma tela de um computador. E aí um problema. E quem não tem computador? Muitos usaram os celulares. Mas e quem não tem celular, não tem *internet*, não tem *chip*? A prefeitura disponibilizou os *chips*, mas não os aparelhos. Seguimos no melhor estilo “salve-se quem puder”.

Até que a fome começou a bater na porta de algumas famílias. E elas bateram na porta da escola. Tivemos uma ideia de criar um grupo de arrecadação e doação de cestas básicas. Tive oportunidade de visitar algumas famílias através do projeto, rever algumas crianças. Durante um

tempo, acredito que foi possível remediar. Mas os braços começaram a ficar cada vez mais curtos diante da demanda. De uns meses para cá – escrevo esse relato em fevereiro de 2021 – estávamos em apenas três professores para atender cerca de 45 famílias. E minha função no grupo era arrecadar a verba necessária, estabelecer o contato com todas elas e fazer a ponte com o mercado e a logística de entrega. Completamente insano. Mas alguns acontecimentos no caminho me diziam para continuar. Em um deles, eu estabeleci em uma noite que doaria uma antiga sapateira. E na manhã seguinte, acordo com uma mensagem de uma família pedindo justamente um armarinho.

Ainda assim, com dor no coração, tivemos que fazer uma seleção e diminuir os atendimentos para 22 famílias de um bairro onde moram as crianças mais necessitadas desse auxílio. O nosso tempo estava escasso e as arrecadações caíram drasticamente.

Insano também era observar o mundo de muitas famílias desabando, a fome, tragédias, desamparo e alguns profissionais com um discurso meritocrático de que quem estava participando das atividades merecia estar ali e merecia o acesso a um conteúdo programático, como se tudo estivesse na (des)ordem de antes. Ouvi até um comparativo de que o navio estava afundando e precisaríamos jogar as boias aos que chegavam até nós. Mas os que chegavam eram os que tinham condições de sobreviver, enquanto os que nós não éramos capazes de enxergar de nosso sofá eram os que estavam com fome. Para mim, foi o pico da indignação.

Optei por continuar seguindo as orientações da prefeitura, oferecendo às crianças atividades

mitigadoras. Revi o conteúdo, reli as Diretrizes Municipais e reelaborei o que elas teriam naquele ano. E, de maneira lúdica, mas organizada, através especialmente de vídeos do *YouTube* selecionados cuidadosamente, produzi atividades de forma a promover umas “pinceladas” do universo do conhecimento científico. A escola, a sala de aula, jamais serão nem de longe substituídas por uma tela. Por melhores que sejam as interações e atividades. Especialmente, porque na sociedade injusta em que vivemos sabemos bem quem – mais uma vez – ficará de fora. E que possivelmente uma minoria dos alunos, que possui uma estrutura familiar com disponibilidade de acompanhamento, um espaço físico adequado e o suporte material necessário – ou seja, os socialmente privilegiados – obterá imensas vantagens.

Enfim, para quase todos, eu propus sempre a mesma atividade, dando preferência àquelas em que supostamente as crianças conseguiriam executar com certa autonomia, como pede a Rede Municipal em seus documentos sobre o trabalho em tempos de pandemia. Somente a dois de meus alunos, com maiores dificuldades, ofereci uma interação mais individualizada através do *WhatsApp*. Aliás, um grande dilema que perdurou o ano todo foi: oferecer ou não meu número de *WhatsApp* particular às famílias? Cheguei a deixar meu número na plataforma algumas vezes, mas poucos me procuraram através desse meio de contato.

Um dos momentos do coração mais quentinho foi quando fui pessoalmente levar o livro “O pequeno príncipe preto”, de Rodrigo França, a um de meus alunos

em sua casa. Ver o seu rostinho através da máscara renovou minhas energias. A energia das crianças para mim é quase vital. Sem contar a felicidade dele.

Outro momento no qual deixei escapar algumas lágrimas foi quando precisei ir até a escola para buscar meu diário. No final do ano, ficou decidido que deveríamos – além das inúmeras planilhas – preencher o velho diário de papel. Entrei na sala, abri meu armário. E lá estava a trufa embrulhada em um lindo papel rosa metálico, que ganhei uns dias antes da pandemia, de uma aluna querida, e que eu havia guardado para comer com café. Dentro daquele armário cinza, estava meu mundo colorido, meu universo. Livros de historinhas, jogos pedagógicos, giz, meus estojos, lápis, canetas de diversos tipos, cadernos, avaliações diagnósticas, cartinhas de alunos e muitos (muitos!) papeis em branco, que continuaram em branco mesmo ao findar do ano. O álcool gel também estava lá, dos poucos dias – após sabermos da existência do vírus – em que acreditamos que a realidade não nos seria tão cruel. E o calendário na parede, com xis marcado nos dias em que estávamos lá, mostrava a suspensão do tempo...

E agora a professora está aqui. O tempo que lá se congelou, aqui continuou em frente a uma tela. Não teve cheiro, não teve sorrisos, não teve a roupa toda suja de giz. Não teve o café no recreio e nem o encontro com colegas queridas.

Só o que ficou foi a esperança de que o amor que continuo emanando por eles estivesse chegando aos meus pequenos; como deve ser difícil ser criança em tempos de pandemia! Recebi alguns recadinhos no *chat*,

no dia da última reunião de pais e mães no ano passado e os indícios são de que sentiram o meu carinho, ainda que a distância. Que bom! Se as famílias soubessem o quão grandioso é para nós esse retorno...

Enfim, o prazo de entrega desse pequeno relato é dia 20/02/2021. A prefeitura daqui da cidade estabeleceu o retorno presencial para 01/03/2021. Como assim alguém dizer que professor não quer voltar? Quem sou eu sem a escola, sem as crianças? Mas estou com o coração dividido entre o desejo e o medo. Entre reencontrá-los, acolhê-los presencialmente ou cuidar para que esse vírus não se espalhe. Um dos maiores dilemas que já vivenciei. Mas ainda que eu ame a escola e a sala de aula seja meu chão, a minha opção é pela vida.

O fazer docente em tempos pandêmicos: um atravessamento

Mariana Muniz Oliveira¹
Jurema Brandão²

Uma narrativa com cunho biográfico, em geral, é construída no exército da solidão. Em nosso caso, como as memórias vividas ganharam novos significados em sua partilha, faz mais sentido apresentá-las tais como foram construídas: a quatro mãos e dois corações. Por isso, o relato que segue é narrado não por um “eu”, mas por um “nós”. As vozes das duas professoras, assim, se cruzam o tempo inteiro neste texto.

O ano letivo de 2020 começou trazendo muitas mudanças. As duas professoras mudaram de turma e tiveram um encontro precioso: já sendo amigas no âmbito pessoal, pela primeira vez, viram-se recebendo um presente: seriam companheiras de trabalho no sexto ano.

Nós duas estávamos cheias de planos e expectativas, afinal, trabalhar com os já adolescentes do 6º ano é tarefa complexa. Além das particularidades da

¹ Mestra em Educação pela PUC-Rio. Professora da Rede Municipal na Escola Municipal Nova Holanda na Maré. E-mail: mariaanamuniz@gmail.com

² Licenciada em Matemática pela Universidade Gama Filho. Coordenadora da escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ. E-mail: vtjurema8@gmail.com

adolescência, tínhamos um outro desafio pela frente: lidar com a complexidade de um conteúdo programático extenso e que, por seu caráter de série experimental, continua com o professor dito “polivalente”.

Mal sabíamos que esses eram desafios muito pequenos frente ao que se seguiria. Fomos atropelados pelo invisível: a Covid-19 se fazia presente em nossas vidas. Na roda de atualidades, o substantivo tão assustador: coronavírus. Informações ainda desconstruídas: começou na China. “Tia, isso pega? Se eu for numa lanchonete e comer um pastel, tem problema? Se eu for pra praia, como ficarei distante dos outros?”.

As advertências, então, chegavam: “não abrace”, “não pode ficar perto”. As mudanças também: a arrumação da sala em roda, ideologicamente indispensável para as professoras, precisou ser desfeita. O caráter de interação e proximidade propiciado pela disposição em roda agora precisava sair de cena.

Em meio a um cotidiano inusitado, outras práticas e lógicas. Nesse itinerário, a vida profissional e a vida pessoal das duas professoras mais do que nunca se entrecruzaram. Os relatos que seguem buscam colocar em palavras a solidariedade e a parceria estabelecidas entre nós duas.

A parceria já existia antes da pandemia e se tornou ainda mais forte em nosso ato tão comum ao fazer docente de planejar e replanejar e estarmos sempre abertas a modificar os caminhos que nós e os educandos seguiríamos no ano letivo de 2020. Em apenas dois meses de aulas, planejamos atividades, buscamos fazer da sala de aula um lugar de trocas e não de imposições. Além disso, em nossa atuação profissional,

éramos complementares: uma trabalhando com as disciplinas das ciências humanas e outra, das exatas.

Uma de nós é do saber dito mais "duro", a outra do fazer fluido que só a literatura é capaz de trazer (com perdão a outras formas de arte!). Assim caminhávamos até que a pandemia trouxe um giro descomunal para a vida de todos. O tempo de convivência entre Covid e escola foi muito pequeno: tão logo se atentou para o caráter de pandemia, as aulas foram suspensas.

As duas professoras que aqui escrevem, como tantos outros professorxs, tiveram inúmeras dificuldades com o chamado "ensino remoto": um grande número de alunos à margem desse formato pela falta de materiais, a dificuldade em se fazer presente no virtual, a falta do afeto que só a vida, que não é perpassada pela tela, pode trazer.

Em diálogo com o nosso grande mestre Paulo Freire, acreditamos que o ofício do ensinar-aprender exige que o professor seja um lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Nessa ótica, assumimos a tarefa do ensino remoto como mais um dos desafios presentes no magistério. Certa vez, em uma *live* sobre o ensino remoto e suas possibilidades e impossibilidades, ouvimos de uma professora acadêmica algo que nos lembra sempre a natureza do fazer docente. Dizia ela que "o professor não deixa a peteca cair".

Decididas a "fazer do limão uma limonada", seguíamos nosso percurso no novo cenário educacional. As dificuldades eram muitas: dos nossos 60 alunos, tínhamos, na sala virtual, quando em um dia muito bom, 20, ou seja, 1/3 deles. Já na plataforma, nos dois ou três encontros semanais, nos dedicamos à tarefa de ensinar a

operacionalização da tecnologia: uso de microfones, câmeras, como baixar as plataformas.

Apesar da tristeza por sabermos que esse modelo aumentava o fosso entre os diferentes alunos, nos empenhávamos na tarefa de uma educação que, em diálogo com a realidade apresentada, tinha de lidar com um currículo mais flexível, atentando para as especificidades dos novos tempos.

Nossa frustração dava lugar à alegria quando nossos (ainda que poucos) alunxs manifestavam imensa satisfação por aquele encontro de 30 minutos, graças ao reduzido tempo permitido pelo uso gratuito da plataforma. Os abraços virtuais, o cuidado em arrumarem casas, cabelos e corpos para as reuniões cumpriam um papel duplo: a ampliação de saberes e de afetos, ambos tão necessários a esse tempo tão difícil.

Nesse sentido, precisamos relatar que não raras vezes nossas reuniões perdiam o caráter “pedagógico” e ganhavam uma roupagem mais humana, já que era impossível ignorar o momento de caos vivido por eles e por nós, que perdíamos amigos e familiares em decorrência da Covid-19. Nesses dias, não tínhamos dúvidas de que a escuta atenta era muito mais preciosa que qualquer conteúdo.

Fomos premiadas com dias maravilhosos também. Destacamos o projeto interdisciplinar batizado pelos alunos de “O coronavírus ao redor do mundo”. Participando ativamente da construção do trabalho, as crianças se engajaram e, tendo o vírus por fio condutor, descobriram e compartilharam saberes outros sobre muitos lugares. Uma grata surpresa foi o trabalho realizado por

uma aluna que nos trouxe aspectos de um país chamado Brunei. Nós duas não conhecíamos o país até aquele instante. Fez-se, então, um interessante movimento de deslocamento de saberes, pois rompemos mais uma vez (como já fazemos em nossa prática pedagógica) com a lógica adultocêntrica, em que o conhecimento parte sempre do adulto em direção à criança, o contrário nunca sendo permitido.

Tendo em vista que as experiências vividas são múltiplas e intensas, deixamos registrados esses poucos relatos, esperando que eles sejam ilustrativos do que duas professoras e parceiras têm vivido nestes tempos pandêmicos. Nossas “ambições pedagógicas” ora se cumprem, ora são insuficientes e, sim, ora nos surpreendem. Em tempos tão difíceis, tentamos a cada dia estar perto de nossos alunos. Essa proximidade se materializa em atividades que vão desde o simples contato, passando por trabalhos mais logísticos de entrega de cestas e cartões de alimentação, até nossas reuniões, em que partilhamos nossos saberes, atividades pedagógicas, nossas dores e nossas alegrias.

Não há fórmula pronta, o novo traz consigo uma única certeza: a de que não há nenhuma certeza. Seguimos sem esquecer que, como nos diz Freire, “educar é um ato de amor”. Finalizamos esse breve relato com a esperança de que este, como os escritos de tantos outrxs professorxs, sirva como um verdadeiro testemunho do fazer docente em tempos pandêmicos. Seguimos transbordando de esperança e sem esquecer que não há caminho, pois se faz caminho ao caminhar.

Paredes: de volta ao escritório

Nayara Martins De Oliveira Carvalho¹

Lembro-me como se fosse hoje... Foi a última música do ano. Ah, se eu soubesse... Teria caminhado bem devagar até o portão. Se eu soubesse, teria dado um jeito de dar a mão a todos eles ao mesmo tempo. Eu teria feito um *pot-pourri* de músicas naquele dia. Se eu tivesse ideia de que não iria mais vê-los (minha turma estava no último ano da escola), eu teria feito um grande baile do abraço na sala de aula. Teria levado pipoca e correríamos o recreio inteiro. Mas eu não sabia... E, após aquele dia fatídico, a fuga que fiz há anos, em um capotar do tempo, da história, do mundo, caiu novamente em minha frente e voltou a me apavorar. Eu, professora de educação infantil, acostumada com o barulho quase ensurdecido da escola, me vi enlouquecer com o silêncio paralisante dos corredores vazios. Vou explicar o meu pavor...

No ano de 2007, ao terminar o ensino médio, eu só tinha uma certeza: PROFESSORA, NUNCA! É, espere para entender... Estudante, representante de classe durante anos e em várias escolas, liderança natural diante de todos os eventos. Planejava, organizava, motivava a turma, levantava o dinheiro para comprar os materiais. Dançava, cantava, interpretava, apresentava. Sim! Em tudo que aparecia, eu estava lá. Mal sabia eu

¹ Pedagoga. Psicopedagoga. Professora na Escola Recanto Mãe da Esperança. E-mail: nay.carmart@gmail.com

que o destino já tratava de me encaminhar justamente de encontro a minha “certeza”.

Mas... Ainda não! Fiz um curso técnico em edificações, no ano em que o Rio de Janeiro estava repleto de grandes obras, contratos milionários, contatos milionários (vide as reportagens da época). Entrei em uma das empresas mais renomadas do país, consegui o emprego dos sonhos e ganhava muito mais que muito professor. O que uma menina de 20 e poucos anos poderia querer da vida, não é? Eu respondo: alegria!

A cada dia de trabalho, uma morte interior. O ônibus da empresa me pegava na porta. Se eu ficasse lá até tarde, além de uma gorda hora-extra, ainda tinha um carro particular para me deixar em casa. Mas o meu coração continuava clamando por alegria... A cada dia, me sentia mais doente. A cada viagem no confortável ônibus com ar condicionado e poltrona reclinável, mais lágrimas vertiam dos meus olhos no longo caminho até o escritório. Era a minha jaula de quatro paredes... E lá ia eu de volta ao escritório. Durante cinco longos anos... Sem brilho, sem brio, só sombra...

Um dia – e agora você vai entender por que levei você para dar essa voltinha comigo pelo passado –, como uma boa técnica de edificações, precisava crescer profissionalmente. Próximo passo? Engenharia, claro como água (não a que bebemos atualmente no Rio de Janeiro e como se a pandemia não fosse suficiente – comentários à parte)! Iniciei as pesquisas por faculdades. Muitas delas com descontos na minha área, já que estava em uma grande companhia. Mas algo no meu destino – Deus, acredito – começou a me trazer questionamentos

e confusas lembranças. Ah, as lembranças... Como é mágico rememorar, ser reconduzida pelas veredas da própria história. Doloroso, às vezes, mas, saboroso! Intenso! Revigorante! Estimulante! Desafiador!

Aceitei o desafio diante de mim. Comecei a relembrar quão libertador eram as paredes da escola. Percebi, também, como isso era contraditório, até meio esquisito. Na escola, eu era uma criança, uma adolescente. Devia satisfação a quase todos que me cercavam. No trabalho, apenas a alguns superiores. No entanto, era lá que estava presa! Foi então que me acendeu uma luz que quase me cegou. Eu, Nayara, que NUNCA SERIA PROFESSORA, comecei a me perceber professora. E isso era assustador! Não foi uma escolha. Foi um grito dentro de mim que quebrou correntes arrastadas por anos. Mas, como eu, cheia de razão, cheia de mim, ganhando um salário invejável, poderia pensar na hipótese de me tornar uma professora?

Sorte a minha o orgulho não ser maior que a vocação. Era um chamado tão forte que, no mesmo dia em que saí para ir à faculdade me matricular em engenharia, o vento soprou e me impulsionou para outras bandas. Fui parar direto na cadeira de pedagogia! Tonta, meio perdida, mas certa do que queria: eu estava ali para buscar minha alegria... E eu a encontrei! – Menos em casa, pois, obviamente, minha família foi extremamente contra minha decisão... Mas isso é outra história!

Comecei a estudar à noite, ainda trabalhando. O que foi sugestão de um amigo engenheiro, para que eu tivesse tempo de colocar o pé no chão novamente e voltar à sanidade. Mal sabia ele é que o que eu queria mesmo era

voar. E eu voei! Pedi demissão depois de um ano, comecei a viver de estágios e projetos (afinal, amor não paga conta). Mas eu fui... E eu vou e voo até hoje. Tirando, é claro, a queda livre em que essa pandemia nos colocou. Que fase...

Foi justamente a pandemia que me fez lembrar desse tempo de paredes fechadas, de sons infindáveis de teclados e máquinas de café. Foi a pandemia que me fez fazer uma viagem aterrorizante ao meu passado: a minha fuga bem sucedida. Mas foi ela também que me fez perceber como hoje eu sou feliz. Já no primeiro dia, naquela sexta-feira, apenas o 18º dia de aula. Um ano letivo cheio de planos e sonhos podados brutalmente. Um vírus invisível capaz de paralisar o mundo inteiro. Grandes potências em estado de choque e eu, pra ser bem honesta, perdida no meio do tiroteio. Foi naquele dia que a pandemia me sacudi!

Os pais chegando à escola apavorados, mil perguntas, olhos arregalados. “Vai fechar? Semana que vem tem aula? E segunda-feira?”. Meu Deus! Eu nem sabia o nome deles direito ainda! Não deu tempo... E o tempo não deu chance... Fiquei mesmo sem saber.

Naquela sexta, eu fui pra casa sem saber se iria voltar. Parece filme, parece drama, mas não... Quase sinto novamente a sensação de vazio, de impotência, de incerteza. Eu não sabia o que dizer. Só fui... Pessoas já de máscaras nas ruas, olhares desconfiados. Como se cada pessoa ao redor fosse um inimigo em potencial. E eu ainda perdida...

Cheguei, liguei a televisão. Choque! Era muito pior que eu imaginava... Silêncio. Uma lágrima caiu, como agora. O que houve? É sério? E como fica a escola? Uns dias... Uma semana... Um mês... Uns meses... Muitos meses! Saiu a notícia que eu esperava, que me afligia todos os dias: “As

escolas ficarão fechadas por tempo **indeterminado**". Chorei! Chorei como uma criança! Me tranquei no quarto e tentei entender quem eu era nisso tudo. Eu era uma professora sem sala de aula. Eu não era mais ninguém!

Depois do choque, aos poucos, fui tentando me redescobrir. Dancei, brinquei no quintal com meu irmão. Éramos dois adultos jogando bola, rindo à toa e quebrando as plantas da mamãe – ela gritava e mandava a gente ir pra rua)... Cozinhei. Fiz bolos e bolos... Haja farinha de trigo! Rodei bambolê, coisa que amo e não fazia há anos. Arrumei o jardim. Como é bom um mexer na terra. Isso quase me fez voltar à sensação de estar na escola. Mas faltava algo...

Passados meses, voltamos à escola. Mas apenas os professores. Não pense você que eu não entendo que seja de extrema importância esse isolamento e tantos outros cuidados sanitários e sociais. Eu entendo, sim! Mas não estou aqui para ser politicamente correta. Estou aqui para te contar como me senti e sinto diante desse monstro que tem nos assolado. Monstro esse que não se resume apenas a um vírus, mas perpassa a política corrupta e negligente até parte da população egoísta e sem nenhuma empatia, destilando ódio em cada fala e em cada omissão.

Estou aqui para contar como foi reencontrar o pesadelo do escritório no meio do meu jardim. Afinal, por mais incrível que seja a escola, por mais espaços lindos que ela tenha, como a minha, de nada vale se não há vida. Nessa pandemia, vi o meu lugar pulsante, vivo, frutífero, se transformar em local frio, apático e sem sabor.

A rotina era enlouquecedora. Quase sempre igual... Chagando às 7:25h, batendo ponto as 7:30h. Começava a

trabalhar, parava pra lanchar. Fazia reunião (quase sempre para ouvir, ouvir, ouvir e duvidar da própria capacidade de conseguir). De motivante, a palestra só tinha o nome. Pausa, bebia água e ia ao banheiro (a única coisa boa, já que professora não tem muito tempo pra isso).

Quase senti o peso de estar lá novamente. Sem eles, tudo fica mais difícil, mais custoso. Os olhares adocidos, os abraços cancelados. Conversa, sim! Quando autorizadas... As bipolaridades afloraram nesse tempo! Que difícil estar sem eles... Sem sua alegria.

No dia seguinte, a mesma coisa. Só mudava o lanche (às vezes, para pior). Reúne, planeja, obedece, corta, cola, nomeia e manda. Reúne, planeja, obedece, corta, cola, nomeia e manda. Passaram-se dias... Meses... Quase um ano. Meu Deus! Quase um ano! Quem sou eu?

Na rotina da pandemia, eu voltei ao escritório. Voltei ao itinerário cansativo, exaustivo. Eu voltei às paredes. O eco é ensurdecador. Que difícil estar sem eles... Sem sua curiosidade que me instiga a ir além. Sem sua alegria e inocência que purificam a minha alma. Sem sua presença marcante que me enlouquece e constrange a ser uma pessoa melhor. Mas, é como diz o poeta, e não tem melhor definição para esse tempo:

“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.”

Guimarães Rosa

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”

Priscila Francisca¹

“Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa”

Em uma passagem do livro *Histórias de canções Chico Buarque*, o cantor considera *Apesar de você* como uma de suas únicas músicas que, realmente, manifesta um protesto. Hoje, 51 anos depois do lançamento, e aos meus 31 anos, quero também me valer dessa letra para externar tudo o que tenho sentido imersa em um sistema educacional que, de fato, apresenta muitos pesares, porém nenhum desses entraves conseguiu até hoje esmaecer a nossa vontade de lutar incansavelmente pelo

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua como professora de Português da Escola Estadual Municipalizada Bananal (SMECE-Seropédica). E-mail: prisciladossantoss@hotmail.com

raiar de dias melhores. Nessa perspectiva, apresentarei nos próximos parágrafos os meus momentos *apesar de você* que serão seguidos pelos momentos *amanhã há de ser outro dia*. Essa divisão, para mim, consegue organizar grande parte dos sentimentos que, cotidianamente, fazem com que eu reflita sobre o meu papel de educadora em um momento pandêmico cujo objetivo primeiro é sobreviver.

Antes de mais nada, quero esclarecer quem é o meu interlocutor, ou seja, quem é o meu *você*, o responsável por todas as adversidades pelas quais eu e tantos outros – envolvidos no contexto educacional – estamos passando. Em 1970, época em que a música em discussão foi lançada, os responsáveis pela ditadura militar vigente ocuparam o papel de interlocutores, uma vez que a música foi destinada a eles. E, embora a nossa jovem democracia tenha posto fim aos reportados destinatários, a pandemia de Covid-19 introduziu um novo grupo para assumir o lugar dos *ditadores*.

Mais especificamente, estou considerando que *você* se refere a todos (e a tudo) que criam inúmeros obstáculos causadores e ampliadores das consequências associadas ao coronavírus. Em outras palavras, o meu *você* carrega um sentido plural, porque diversos estudos já revelaram que a crise da educação brasileira não existe devido a um único fator ou pessoa. Sendo assim, também é de se esperar que, diante de um cenário no qual o ensino já esteja passando por diversos problemas, uma crise sanitária pioraria um quadro que já era ruim. Então, tomo a liberdade de enumerar aqui todos (e tudo) que habitam o grupo composto pelos meus interlocutores:

• *Apesar de você:* governantes pouco compromissados², Covid-19, pobreza/situação econômica desfavorável, tecnologia pouco acessível, desvalorização dos profissionais da educação, recursos pedagógicos limitados e estresse/ansiedade/depressão pandêmicos.

O supramencionado elenco de interlocutores me faz lembrar o quanto é difícil a jornada em sala de aula onde nem sempre há um ambiente confortável para o período de aprendizagem, por mais que toda a equipe escolar esteja sempre disposta a proporcionar o que há de melhor, dentro das limitações impostas pelo sistema. Ainda assim, olhamos para os alunos e conseguimos entender, dialogar sobre suas dúvidas. Nessa interação, sempre há a possibilidade de mostrar diversos caminhos para o estudante escolher aquele que desfaça a sua confusão e, por mais que tal processo demande uma certa disposição do professor, a validade daquele momento se confirma no comportamento de satisfação protagonizado por aquele jovem: um sorriso, um muito obrigado ou até mesmo um “Valeu, professora!”.

Infelizmente, a pandemia, bem como as ações educacionais que a acompanharam, nos arrancou todos os benefícios oriundos da interação professor-aluno e ainda acentuou a desigualdade social com a qual convivemos há muitos anos, embora agora ela vista outra roupagem, incapaz, porém, de disfarçar a sua nocividade. Antes de continuar essa prosa, quero frisar a necessidade do isolamento social e da suspensão das aulas presenciais, pois, garantir a transmissão de

² Logicamente, não me refiro a todos, mas apenas àqueles que realizam ínfimas ações em prol do ensino.

conteúdos e valores não é mais relevante do que assegurar a vida das pessoas envolvidas no ambiente escolar. Contudo, não se pode negar o quanto os alunos mais pobres perderam e perdem por não terem, muitas das vezes, um computador com acesso à *internet* em casa, recurso que ampliaria as chances de ele acessar e assimilar os assuntos abordados pelos seus professores. Da mesma forma, não podemos negar que existem crianças e jovens desprovidos de uma rede familiar bem estruturada cujos membros possam se revezar e assumir, conforme a necessidade, o papel do professor. Por fim, cabe destacar a agonia do professor ao preparar as atividades que os alunos receberão. Essa inquietude reside no fato de nós não sabermos como esses estudantes aceitarão e interpretarão os exercícios por nós formulados. Durante a fase de elaboração e seleção dos exercícios, entramos em um intenso monólogo, em que nos perguntamos sobre as melhores maneiras de abordar determinado tema, debochamos de metodologias que jamais dariam certo, imaginamos se o aluno x entenderá aquela questão e admitimos quando tudo parece estar fácil demais até para o aluno y. Fora dessa conversa solitária, a única certeza restante é a de que o ensino presencial jamais pode ser substituído, algo que nós estamos cansados de saber, embora existam inúmeras pessoas que estão cansadas de discordar dessa que é, para mim, uma verdade universal.

Diante de tantos desafios mencionados, há algo que nos dá forças para lutar e persistir, e é essa energia misteriosa que está impressa no trecho *Amanhã há de ser outro dia*. Eu, particularmente, vejo na vontade de cada

profissional da educação uma razão para continuar lutando. São inúmeros colegas produzindo vídeos e áudios, elaborando materiais cuidadosamente adaptados para o ensino a distância, pesquisando alternativas complementares para facilitar a compreensão dos alunos, driblando como podem as dificuldades que se interpuseram no nosso caminho.

Além disso, consegui encontrar, dentre tantas coisas negativas relacionadas a esse isolamento, algo bom. Nesse sentido, passei a registrar em um caderninho todas as ideias didático-metodológicas que tenho tido ao longo desse período. Metaforicamente, sinto como se essa fase de distanciamento fosse um ventre, gerando ideias que crescem envoltas em uma mistura de esperança e fé, apenas aguardando a hora mais propícia de serem lançadas ao mundo. Tal perspectiva, um pouco romantizada, pode veicular uma ideia errônea de que estou desconsiderando o caos existente por trás da palavra isolamento. Não é isso. Sei o quanto é importante estarmos conscientes acerca das incontáveis vítimas da Covid-19 e da crise política e social nas quais estamos inseridos. Sei de tudo isso. Todavia, quero também buscar um lado bom no meio dessa loucura, um lado que vai me empurrar para frente e, nesse estágio, fazer planos pedagógicos, pensar em novas formas de abordar velhos assuntos, pensar nas vidas que precisamos guiar por meio do ensino, são ações que me dão forças para buscar outros dias apesar dos pesares.

Ensino remoto na pandemia: relatos de uma professora da educação pública

Rafaela dos Santos Alves Oliveira¹

A partir das experiências vivenciadas como professora da educação básica no período de pandemia no Brasil, trago meu relato das dificuldades, anseios e pertinências do ensino remoto. Atualmente, sou professora do 3º ano do Ensino Fundamental no município de Japeri - RJ e, em 2020, lecionei no 4º Ano do Fundamental, em que a faixa etária dos alunos era entre 9 e 13 anos.

O início da vivência com a modalidade do ensino remoto foi muita dificultosa, pois não houve nenhum preparo para esse tipo ensino. As aulas se deram por meio das redes sociais e o *WhatsApp* se tornou uma plataforma de ensino. Criamos um grupo com os responsáveis dos alunos, por ali enviávamos atividades, vídeos, áudios e o retorno era dado da mesma forma. Foi levantada a hipótese da dificuldade de muitos para acessarem outras plataformas digitais. Assim, o *WhatsApp* foi o meio facilitador para que pudéssemos atender o maior número de alunos possíveis. Vale ressaltar que cada escola teve autonomia para decidir se as aulas se dariam por meio do *WhatsApp*, pelo *Classroom*, ou por qualquer outra

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola – UFRRJ. Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Itaguaí. E-mail: faelaalvs@gmail.com

plataforma de ensino. Mas o fato é que houve o distanciamento professor e aluno. No entanto, pude perceber uma aproximação com os pais, já que o *feedback* das atividades era dado por eles.

Sabemos que muitos são os problemas e demandas para a efetivação do ensino remoto. No meio disso tudo, pudemos identificar, por exemplo, que nem todas as famílias pararam de trabalhar no primeiro momento da pandemia, algumas tinham apenas um celular para a família toda e mais de uma criança para acessar as aulas *on-line*. Constatamos também a dificuldade de acesso aos vídeos devido à impossibilidade de conexão da *internet*. Tudo foi levado em consideração, e, em especial, eu ainda tinha o entendimento de que meus alunos eram oriundos de famílias carentes.

Nesse cenário de incertezas, o espaço escolar, que era o meio de troca, interação, construção de novos laços, abruptamente foi retirado da vida dos alunos e docentes.

Por outro lado, nós, professores, passamos a estar conectados *on-line* o tempo todo, não podíamos determinar uma hora para as aulas, já que tínhamos a compreensão das diferentes dinâmicas familiares, como também das dificuldades de conexão.

Além de tudo, muitos pais relatavam grande dificuldade em auxiliar seus filhos nessa nova modalidade de ensino, uma vez que não haviam concluído o ensino fundamental e outros, mesmo com certa escolarização, não mais lembravam de muitas coisas, pois haviam parado de estudar há tempos. Nesse contexto, ainda que enviássemos todos os meios para aprendizagem do aluno, precisávamos da participação

dos responsáveis. Naquele momento, eles estavam sendo mediadores no processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, vivenciei a dificuldade de separar o trabalho da vida pessoal, já que não podia ignorar os anseios e dúvidas de muitos alunos e seus pais, ainda que chegassem às 22 horas ou no final de semana. Logo, mesmo que estivesse de quarentena, eu não tinha mais um momento de “lazer”, pois estava *on-line* a todo momento. Tudo isso acabou por despertar em mim muita ansiedade e também provocou o distanciamento dos familiares que vivem comigo, já que eu estava trabalhando dias, horas, minutos a fio.

Vale ressaltar que as demandas não só surgiam por parte dos alunos, mas também por parte da escola. A cobrança de estarmos produzindo algo e mostrando trabalho foi grande. Tínhamos que enviar fotos dos alunos fazendo atividade, relatórios semanais, evidenciando os conteúdos. Inicialmente, foi muito difícil me adaptar à nova dinâmica. Senti falta do espaço escolar, do contato direto com os alunos e com a equipe.

Fato é que houve uma sobrecarga de trabalho, pois tinha que dar conta da casa, família e trabalho, tudo numa mesma “bolha”. Automaticamente, estava tudo entrelaçado. Não estávamos preparados para esse novo contexto, eu não tinha um espaço em casa para me organizar, para ter um momento de trabalho e dizer: “agora é minha hora de trabalhar, não farei mais nada em casa, não atendo ninguém”.

Foi e está sendo complicado, pois como eu disse, estava *on-line* o tempo todo. Não podia dizer a um responsável, que trabalha o dia todo, que sente medo de

contaminar a si mesmo e a sua família, e que por vezes só tem o final de semana pra me responder (quando muito somente à noite), que o atenderia apenas de tal hora até tal hora. Eram dúvidas e problemáticas que eu tinha que resolver, ajudar naquele momento. Não podia deixar pra depois, pra responder numa janela de horário que eu tivesse criado. Como professora, tudo o que eu queria era que meu aluno estivesse aprendendo, nem que fosse apenas 1%, por meio do ensino remoto, por isso, o retorno dos pais, era muito importante.

Muitos professores ficavam então desesperados, pois não conseguíamos alcançar todos os alunos, nem todos podiam acessar as atividades, a escola só distribuía folha impressa para a educação infantil, e o recurso dos livros didáticos não foi o suficiente.

Alguns alunos, digo não só pela minha turma, mas por todas, desistiram do ensino remoto. Chegaram a participar pouquíssimas vezes e depois sumiram. Tudo era relatado à orientação pedagógica da escola que, por muitas vezes, tentava, mas não conseguia entrar em contato com os alunos e seus responsáveis. Isso nos entristecia, pois sabíamos que muitos eram alunos assíduos nas aulas presenciais. Ainda que houvesse algum déficit de aprendizagem, estavam ali, fisicamente, na sala de aula, para podermos ajudá-los, mas com aulas 100% a distância, presenciávamos a ausência de autonomia desses alunos nas atividades remotas, bem como a dificuldade dos responsáveis em orientá-los. Tudo isso contribuía para a desistência e o abandono dos estudos *on-line* por muitos deles.

O ano de 2020 foi um ano muito difícil para a educação. Faltaram recursos, orientação, uma base para podermos seguir em frente, levando em conta que nem todos os professores estão familiarizados com os recursos digitais. Se para os docentes estava sendo difícil, imagina para os alunos de escola pública de um bairro quase rural e com dificuldade de acesso à *internet*? E tudo isso acontecendo em um ano de eleições municipais. Sabemos que isso interfere e muito, principalmente em municípios pequenos, quando geralmente os governos não conseguem a reeleição. Não irei entrar no âmbito político, mas é importante ressaltar esse fato já que tudo está conectado.

“O novo normal” trouxe desânimo, cansaço mental e desgaste emocional. Tivemos perda de colegas de profissão do município e também de municípios vizinhos para o vírus. Cada vez que dezembro se aproximava, os alunos e pais ficavam cada vez mais distantes. E nós estávamos cansados com essa nova conjuntura que nos consumia as 24 horas do dia. Medo, ansiedade, responsabilidade de dar conta de tudo o tempo todo.

2021 veio com a ilusão e que todas essas dificuldades ficariam para trás. Porém, elas não só permaneceram como surgiram novas necessidades. Em certo momento, chegamos até a pensar que estávamos caminhando para um futuro certo e hoje vivemos a incerteza do nosso amanhã. Sabemos da necessidade de as aulas permanecerem *on-line* para preservar vidas e também de voltarmos ao modelo presencial para os muitos que não possuem condições de acesso ao modelo remoto, mas essa é uma escolha difícil demais. Assim nos defrontamos com

a enorme contradição da educação pública nesse momento, pois não há recursos, nem condições, para que o presencial volte com segurança não só para os alunos, como também para todos os funcionários da educação, como também existem inúmeras dificuldades para que os alunos acessem as plataformas digitais e assim participem das atividades *on-line*.

Atualmente, iremos trabalhar por meio de uma plataforma digital criada pela Secretaria de Educação. Tivemos uma formação *on-line* e já surgiram dificuldades por parte dos docentes. Então, pela lógica, os alunos também encontrarão obstáculos para acesso a tal plataforma, que parece não atender nem a realidade dos professores, nem a de nossas crianças.

A pandemia nos mostrou muitas coisas e, entre elas, a necessidade de um laboratório de informática eficiente nas escolas, tendo em vista que vivemos em um mundo totalmente digital. Assim, nossos alunos teriam uma aproximação maior com a realidade tecnológica de nossos tempos.

Apesar de tudo, continuamos na docência, com os mesmos desafios de antes e ainda enfrentando os novos, tentando atender as necessidades dos nossos alunos, ao mesmo tempo em que vivemos nossa vida pessoal, sem que sejamos engolidos por nossos anseios e pelos dos outros. Buscamos manter ainda uma gota de esperança para que, nesse ano, possamos melhorar na questão de ensino remoto. Mesmo que possamos ter algum progresso nesse quesito, permanecemos incontáveis dúvidas: preocupação ansiedade, medo de quando voltarmos ao modelo presencial e de como será esse retorno. As

expectativas são para seja tão logo for possível. Desejamos respirar o ambiente da escola, viver o nosso trabalho no local de trabalho. Ainda que, como professores, tenhamos o hábito de trazer trabalho para casa – planejamento, correções, elaboração de avaliações e atividades –, temos a consciência de que essa é uma outra dinâmica, em circunstâncias diferentes, que não nos separa tanto da nossa vida pessoal, do nosso momento em família, como o ensino remoto tem feito com nossas vidas. Nesse momento, a esperança e a fé nos movem para acreditar que o amanhã será melhor do que o hoje.

Ressignificar: fazendo do verbo, ação.

Roberta Renoir Santos Fumero¹

"Mas é claro que o sol. Vai voltar amanhã. Mais uma vez eu sei. Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã. Espera que sol já vem." (Renato Russo). 2020 foi um ano desafiador, cheio de obstáculos, incertezas, em que buscarmos o equilíbrio foi e é uma meta. Queremos sim um sol no novo amanhã, perspectivas de um mundo que aprende com os erros, e segue.

Início esse texto num período de eleição municipal, estamos elegendando peças essenciais na gestão pública desse país. Serão membros do executivo e legislativos que, eleitos, direcionarão parte da vida cotidiana da população e o futuro da nação. Nem sempre o povo tem a real dimensão da importância desse ato e de suas consequências. Contudo, o constante debate das demandas da comunidade possibilita uma ampliação da conscientização e estruturação de estratégias de mudança. Vivemos um período de pandemia e toda a base política é essencial para entendermos e planejarmos nosso futuro. Ênfase esse momento, pois na verdade é a gestão política que minimiza ou aprofunda nossas problemáticas sociais.

¹ Mestranda em Educação - Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola/PPGEA na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ. Supervisora Pedagógica rede FAETEC. Docente nas séries iniciais em Duque de Caxias/RJ. E-mail: robertarenoirfumero1973@gmail.com

A proposta de falar da pandemia numa perspectiva como docente é no mínimo intrigante, pois mexe com uma série de sentimentos (empatia, solidão, medo, solidariedade). De repente, fomos obrigados a reestruturar tudo o que se constituía como normalidade, rever conceitos como liberdade e futuro. Tivemos e temos tantos questionamentos, nos dividimos em pedaços para tentar respondê-los. Enfim, a ordem básica atualmente é ressignificar e continuar. Não posso me permitir paralisar, busco me ressignificar em atos e vivências de minha história como pessoa e docente, uma história que se iniciou faz tempo.

Então, deixe-me apresentar. Meu nome é Roberta Renoir, tenho 47 anos, mulher negra, mãe, professora na Baixada Fluminense há mais de 20 anos, inicialmente junto a projetos sociais ligados à Educação de Jovens e Adultos (histórias de uma Educação Popular que me impregnou e formou profissionalmente). Nesse contato inicial, conheço a realidade de desigualdade e lutas da região. As problemáticas da área e seus processos de enfrentamento sempre fizeram parte da minha vivência e me impulsionaram como pesquisadora, mais que tudo, como cidadã.

Tornei-me professora das séries iniciais na rede municipal de Duque de Caxias e, logo depois, Supervisora Pedagógica da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica), a primeira num bairro chamado Capivari, a segunda em Imbariê (mesma área de minha atuação anterior). Duas regiões que apresentam latentes as principais dificuldades de zonas periféricas: falta de transporte de público adequado, acesso limitado a sistemas de saúde, um grande número de ruas sem

condições mínimas de saneamento, violências e desigualdades de comunidades que vivem à margem de quaisquer condições mínimas de sobrevivência.

A descrição dessa situação pode parecer desnecessária, mas reitera o quanto conheço e me envolvo diretamente com a realidade dessa camada da população que sofreu e segue sofrendo as maiores consequências da pandemia. Tenho claro o quanto a escola exerce um papel importante na vida desses sujeitos. O sentimento de angústia é crescente. A estrutura do sistema é tão dura e opressora que parece nos massacrar e penso que nós, docentes, não daremos conta de enfrentar tudo isso. A sensação é que estamos no meio de uma "guerra", onde precisamos escolher entre atender a comunidade de maneira segura, coerente, de forma a garantir a efetiva realização de ações pedagógicas para a aprendizagem, ou se expor à doença de maneira direta, correr o risco de nos infectarmos e contagiar nossos familiares. O dilema é constante, pois temos um sistema que não atende a população e, em outro ponto, o comprometimento como profissionais da educação sempre nos evoca a procurar alternativas.

Ouvimos inúmeras vezes que funcionário público é um "preguiçoso" que cumpre as tarefas de maneira burocrática. Repetem o quanto é fácil exercer tal função, pois se tem emprego garantido e salário no final do mês. Além disso, ser professor da rede pública, para muitos, representa ausência de compromisso, ociosidade, e ainda há quem argumente que professores não trabalham em tempos de pandemia (como acontece agora), já que apenas aplicam umas "atividadeszinhas". Nossa! É exaustivo explicar repetidamente que

trabalhamos dobrado nesse momento, uma vez que a não separação entre casa e trabalho faz com que sejamos requisitados constantemente. Fato é que as reuniões se seguem, uma atrás da outra, e vamos dando conta de tudo dentro das possibilidades. Somos seres humanos, com fragilidades e potencialidades, medos e coragens, ansiedades e sonhos da população em geral. Existe uma cobrança severa que nos põe no centro desse debate visto que a educação é a base para vários direcionamentos sociais. Acredito verdadeiramente no poder transformador da educação, trabalho e luto por uma educação pública universal e de qualidade. Parece utópico demais, até sem sentido diante da realidade, mas não tenho problemas em trabalhar com sonhos, pois eles me sinalizam metas e objetivos que, por mais difíceis que sejam, me impulsionam a caminhar e persistir. E é isso que vou transmitindo por onde passo.

Tivemos que nos adaptar ao uso de novas tecnologias, com tipos de instrumentos e frequência totalmente diferentes do que estávamos acostumados. Lidamos com os desafios da educação digital num país onde a tecnologia é algo em desenvolvimento, mais do que isso, a maioria da população não tem acesso ou tem alcance deficitário aos meios digitais. Isso dificulta as ações em qualquer área social, mas na educação esse panorama fica mais grave. Fico aflita ao não conseguir atender meu aluno, me causa indignação quando sou cobrada pela secretaria de educação por pontos que não posso gerir ou dos quais não tenho controle. As reuniões em que devo saber e relatar quem não participou do ensino remoto e por que não o fez são frequentes. Então,

perguntinhas básicas logo me vêm como forma de resposta a essas cobranças. “Meus alunos receberam algum meio para acessar as aulas? Suas famílias tiveram algum tipo de apoio? Vocês têm ideia de quantas estratégias utilizei para tentar alcançar esse aluno?” Todas são questões pertinentes para esse debate. Enfim, indagações e sentimentos que se mesclam nesses dias.

A frase do momento é – TIVEMOS QUE NOS REINVENTARMOS – redescobrirmos maneiras de dar conta de um cotidiano "normal", que sabemos nunca mais será o mesmo. Pelo menos não deveríamos voltar ao que era antes, pois passamos e continuamos passando por tantas coisas.

Como diz a música *GINGA*, cantada por IZA: “*Entra na roda e gíngaa, gíngaa/ Entra na roda e gíngaa, gíngaa/ Se entrou na roda, vai ter que jogar/ Pra se manter de pé, cê vai ter que dançar*”. Seguimos nesse caminho de tentativas, acertos e erros, mas que sabemos não nos permitem parar. As responsabilidades e expectativas são tantas, permanecemos em direção à construção de um ambiente social melhor, menos desigual e que respeite as diferenças e potencialidades de cada indivíduo. Caminho árduo, mas que não nos furtamos de enfrentar.

Educação em tempos pandêmicos: entre desafios e sentimentos

Suéle Máximo Furtado¹

Meu nome é Suéle Máximo Furtado. Sou formada em Licenciatura em Ciências Biológicas e mestranda no PPGEducIMAT (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática) da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Atualmente, atuo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal localizada em Angra dos Reis - RJ.

Em 2020, ano de início desse processo de isolamento social, vivenciei a experiência de estar atuando como coordenadora de Educação Básica na SEC (Secretaria Municipal de Educação) de Angra dos Reis. Era algo totalmente novo e diferente do que havia vivenciado e experimentado em 13 anos de docência nos Anos Iniciais. Então, 2020 já começava diferente. Eram muitos desafios que a nova função colocava diante de mim. Uma função diferente da docência e que proporcionava uma nova visão sobre a educação, um olhar por outro prisma. Como coordenadora de Educação Básica, tinha

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), ambas graduações através do Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGEducIMat) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

um contato maior com diferentes escolas da rede municipal, seus professores, gestores e demais funcionários, pois realizava visitas às escolas em busca de identificar, através do diálogo e da observação, quais demandas pedagógicas existiam e orientar sobre os encaminhamentos da SEC.

Essa função despertava em mim vários sentimentos. Dentre esses sentimentos, existia uma saudade enorme da equipe e dos estudantes da escola em que trabalhei por nove anos. Saudades também das outras pessoas que fazem e passam pela escola, pois em nove anos, a gente começa a conhecer um pouco melhor as famílias e a comunidade de modo geral. Eu sentia também um enorme prazer quando conseguia auxiliar e contribuir na resolução de alguma situação que as escolas apresentavam, mas sentia frustração quando percebia que muitas ideias pedagógicas batiam de frente com burocracias administrativas e nesse embate o pedagógico sempre perdia.

Quando imersa nesse mar de novidades e desafios que o início do ano letivo de 2020 já me proporcionava, veio a pandemia. Ela veio com tudo! Com tudo e mais um pouco. Devastadora pandemia que nos colocou distantes em março de 2020. Naquele momento, além das questões desafiadoras da minha nova função, comecei a vivenciar o mundo da educação através de uma tela, por consequência do necessário distanciamento social. Aliás, várias telas! A sensação que tenho é que, posteriormente, quando as coisas melhorarem, será necessário um “detox” coletivo para nos libertar um pouco dessas telas. A educação que eu via com os olhos que enxergavam dificuldades, mas

também enxergavam afeto em forma de abraços, dos toques, das conversas de pertinho, tornou-se fria e distante. Enquadrada por nossas telas, a educação não era mais a mesma e eu sentia falta até das coisas de que reclamava.

Confesso que, no momento dessa escrita (nesse exato momento), chorei ao lembrar o início do processo de isolamento social e de todas as mazelas que a pandemia trouxe. Choro porque sinto! Sinto muito. Sou professora de escola pública, fruto da escola pública. Sei de perto a falta que a escola faz na vida dos estudantes, porque, para o estudante da escola pública, a merenda escolar pode ser sua única refeição, a atenção da professora pode ser a referência de carinho. Tudo isso passava e passa na minha cabeça, todas essas consequências do contexto pandêmico e minha impotência diante de tudo.

Agora, que já sequei as lágrimas, prossigo com outro sentimento. A tristeza já deu lugar (ou se misturou) ao sentimento de indignação. Sim! Muita indignação com a crise política, moral e ética que ampliaram o caos pandêmico no nosso país. No momento em que a população estava e está muito vulnerável em vários sentidos, a gente vê nas atitudes, nas palavras, em todas as ações de importantes líderes políticos, o escárnio, a corrupção e o negacionismo diante do conhecimento científico. Eu só vejo ódio e ganância nas ações dos que deveriam e poderiam tornar a pandemia mais suportável. Segue o sentimento de impotência!

Assim, diante de todo esse cenário descrito, seguia na coordenação da Educação Básica com as exaustivas reuniões *on-line* e demais demandas impostas pelo

contexto. Eram nove horas frente ao computador e de olho no celular, os grupos de trabalho aumentaram e outra questão surgiu: trabalhar em casa durante a pandemia é um privilégio. É só olharmos ao nosso redor, para outras profissões, que fica fácil identificar que não foram todos que tiveram direito ao distanciamento físico. Porém, trabalhar em casa traz à tona uma dificuldade em separar horário de trabalho de horário de vida social com os familiares, pois o trabalho invadiu minha casa como uma onda que chega repentina em um mar aparentemente tranquilo. No teletrabalho, o limite que aparentemente existia entre sair do local de trabalho e entrar em casa, deixou de existir e a exaustão pesou muito. Foram dias intensos de cansaço, dúvidas e medo.

Dois mil e vinte. Que ano! Em meio ao medo, tomando todos os cuidados e vendo cada vez mais o vírus se espalhar, de forma que as vítimas foram se tornando rostos mais próximos, pude viver na pele, na alma e no coração a tristeza que é ter um familiar internado em estado grave com Covid-19. Foram os quinze dias mais difíceis, mais cruéis. Dias em que eu sentia profundamente, mas precisava ser forte porque, por amor, eu precisava estar forte. Após os quinze angustiantes dias, veio a boa notícia, a alta hospitalar. O medo e a tristeza por tudo que estava acontecendo permanecia, mas o sentimento que predominava naquele momento era o de gratidão e felicidade. Gratidão a Deus, aos médicos, aos familiares, ao universo. Ter um familiar recuperado dessa doença foi a chance de reacender a esperança dentro de mim, mas eu ainda sentia pelas outras pessoas que não tiveram o

mesmo destino e estranhamente surgia uma culpa. Por mais que eu estivesse muito feliz em rever minha amada pessoa recuperada, parecia que não era justo comemorar (mesmo que quietinha e internamente) porque o mundo estava de luto. Um turbilhão de sensações e emoções que não sabia como lidar.

Retomando a questão do trabalho, mas ciente de que, para mim, esse limite que coloca o trabalho apenas como uma parte da vida não é muito marcado. Não existe porque eu não consegui ainda estabelecer esse limite e separar as coisas da vida. Como coloquei anteriormente, sei que sou pessoa que sente tudo de forma muito intensa e, dessa forma, posso afirmar que na minha jornada uma coisa reflete muito na outra e outra coisa reflete muito na uma. Ainda não descobri o jeito de separar as caixinhas, mas pretendo.

Deixa eu ajeitar aqui o parágrafo anterior: retomando a questão do trabalho misturado, mesclado, combinado à vida, voltei para a escola. A experiência de estar como coordenadora trouxe muita aprendizagem, já não sou como eu era em 2020 e tenho muita gratidão por essa importante oportunidade, mas escolhi retornar para a escola em 2021. Estava sentindo falta do contato (mesmo que virtual) com os estudantes. Sentindo falta de dar aulas e das minhas amigas de profissão. Acredito que esse retorno como professora trará um novo olhar e sentir sobre a educação em tempos de pandemia. Por aqui, as aulas serão remotas no primeiro bimestre. Iniciamos o ano letivo em março e ainda conhecerei meus queridos alunos e alunas, mas por enquanto, apenas por seus nomes em listas e atividades que serão

realizadas em uma plataforma *on-line* e apostilas. Estou animada e com um pouco de medo, mas acredito que me sentirei menos impotente porque eu sei que dar aulas não é simples e fácil, mas é bom demais. É revigorante ver o desenvolvimento das crianças, o carinho que elas demonstram. Sou muito encantada pelo poder de transformação da educação pública, fico maravilhada quando percebo os processos de aprendizagem na prática, e fazer parte desse movimento de perto (mesmo que distante) é força que impulsiona o despertar da esperança, do amor e dos sentimentos bons que estão dentro de mim. Eu quero, mesmo diante dos dilemas, ter mais esperança nesse ano letivo que começa. Quero esperar ao modo Paulo Freire, com ação, construindo educação coletivamente. Quero ser professora que faça a diferença na vida das crianças e vou lutar por isso. E se as dificuldades vierem? Como esperar em meio às dificuldades? Penso que quando elas vierem, irei buscar apoio em meus pares e tenho convicção de que serei amparada com uma conversa, uma mensagem, um gesto de acalento. Não se constrói educação sozinho. Educação se constrói com o outro, e nesse movimento é que mora a beleza da educação, ao meu ver.

Em virtude das vivências e questões mencionadas, penso que ser professora em tempos de isolamento social é muito difícil, mas seguirei meu propósito, trilhando meu caminho na escola pública, sem desistir. Muito do que sou é reflexo das vivências na educação pública. Meu sentimento e interesse por essa educação ultrapassam questões pedagógicas. Pois bem sei que a educação pode ser um caminho lindo para a superação

dos obstáculos que a vida ou o mundo coloca para alguns, e eu acredito que minha prática como professora pode contribuir nessa caminhada. Talvez, por isso, não consiga separar muito bem meu trabalho como apenas uma parte da vida.

Eu vejo a educação na vida. Eu vejo a vida na educação!

Chão

Suelen Albuquerque¹

Estamos aqui. Sobrevivendo dia após dia.

O que vem a minha memória é o início do ano. Aquela sensação do recomeço. Novos alunos, salas enfeitadas, grandes expectativas, ânimo renovado.

Não pudemos sentir o gosto do processo, entender o movimento daqueles que são nossos alunos, por quem passaríamos um ano escolar inteiro queimando a cabeça em busca de estratégias para que avançassem. Nossos projetos do chorar e sorrir juntos foram para o campo das ideias.

Um ser microscópico. Não sabíamos nada sobre esse ser que roubaria o nosso chão, nosso espaço, o famoso “chão da escola”.

E que chão... Falo emocionada de um chão conhecido, um chão usado por nós professores, um chão que brinca, que canta músicas, que lê histórias. Um chão multifuncional, que promove disputas, mas que está recheado de afeto. Um chão de aprendizagens diversas.

Um chão de desabafo (quantas vezes eu e minhas amigas de jornada nos sentamos para conversar sobre a escola ou sobre a vida, choramos no ombro umas das outras e recebemos o apoio de que precisávamos).

¹ Professora do 3º Ano da Escola Municipal Nova Holanda, Maré/RJ. E-mail: suelen_albuquerque@yahoo.com.br

Esse chão que pode ser lido como paredes, grades, cadeiras e mesas: uma escola que é ao mesmo tempo estrutura e movimento.

Falo sobre a minha escola, mas tenho plena convicção de que é a realidade de muitas, esse território de que tomávamos posse diariamente, transformando-o numa grande aquarela de possibilidades de aprendizagem, mudança de paradigmas para tantas crianças.

Perdemos. Me lembro que, com otimismo e até como forma de nos acalentarmos mutuamente, dizíamos nos idos de março: “Vai ser rápido! Em dois ou três meses estaremos de volta... No máximo, junho. Vocês vão ver”.

As mães, muito assustadas, buscavam em nós respostas que não tínhamos. “Coragem! Vamos juntos!”, dizia eu.

E tentamos. Tateando no escuro, procuramos referências, cursos *on-line*, estratégias para continuar a fazer aquilo que precisávamos fazer: o nosso “sacerdócio”, como dizem alguns.

No início, a resposta dos responsáveis e alunos era grande, não chegava a ser totalidade, mas bem perto. Algo aconteceu.

Pisamos em um novo chão: um chão virtual. Estéril, correto e distante. Sem a concretude e a segurança que nossa escola nos dá, nos vimos sem limites, sem território, sem paredes, teto e chão (me fez lembrar a música “Uma casa”, de Vinícius de Moraes, aquela que não tinha nada), reinventando e ressignificando o nosso papel enquanto educadores para nos adequarmos a novos moldes.

E foi assim que, às cegas, caminhamos uma jornada complexa: o medo da doença, uma angústia crescente, a

falta de perspectiva de um fim. Tivemos que lidar com a incerteza da falta de trabalho dos pais de nossos alunos. A necessidade do alimento nas mesas desses lares era crescente. A morte rondava casas próximas e levou uma quantidade boa de queridos de perto e de longe.

Vivemos também o dilema primordial na área educacional: como alcançar virtualmente nossos alunos (os mesmos que não tinham o que comer) sem que eles tenham meios de acesso. Isso mesmo. Os celulares, em sua maioria, pertencem aos seus pais e o seu acesso à *internet* é limitado. O “chão da escola” virtual é negado ao pobre real.

“Como alcançar nossos alunos? Como pretender ensinar crianças que estão passando fome? Como pretender pedir a esses pais, que estão arriscando suas vidas saindo de casa para conseguir o suprimento, que ensinem seus filhos? Se o meu papel enquanto educadora é alcançar o meu aluno para criar estratégias de promoção da aprendizagem, o que faço se não consigo alcançá-lo?”. Essas eram as questões que latejavam insistentes em minha cabeça e que roubavam meu sono.

Os alunos e pais, que antes estavam dispostos e presentes virtualmente, foram sumindo a ponto de eu falar sozinha no grupo de pais.

Pensei em estratégias. Pensei que o problema era meu: eu deveria estar fazendo algo errado. Eu deveria fazer mais. Fiz mais: revi minha forma de contato, diminui a carga, tracei estratégias menos invasivas, pensei em jogos e atividades atraentes e interativas. Mais cursos, mais leituras. Minha escola, Nova Holanda, acolhedora e ao mesmo tempo motivadora, nos

proporcionou estudar com os melhores em nossa área de atuação. Alguma resposta eu deveria encontrar.

Nada.

O que recebi dos pais como *feedback* foi “até o ano que vem” ou “não quero mais isso de *internet*”. Os alunos, que ainda conseguiam algum acesso, sumiram. Além do contato real, perco também o virtual.

Hoje, passados quase oito meses desde o fatídico março desse ano, me pego pensando saudosa no nosso espaço, não só por ele ser estruturado para o ato de educar, mas porque através dele podemos transmitir aquilo que há de mais precioso no contato pessoal e que venho arduamente tentando passar no mundo digital: o afeto.

Isso me fez perceber também duas coisas: que somos escola independente daquele chão tão querido e precioso. Somos um corpo, uma unidade. O lema de minha escola “Juntos somos mais fortes” nos prova que conseguir transpor esse ano requer um esforço coletivo. E isso temos de sobra. Encontrei mãos que me ajudaram a superar minhas angústias e inquietações. A outra, é que as aprendizagens nesse período de quarentena aconteceram e continuam a acontecer em todas as esferas de nossa vida. Somos seres aprendentes por natureza. Nossos alunos, humanos como são, produzem conhecimento e se transformam a partir da interação com o mundo. Esse movimento de aprendizagem ninguém pode tirar deles, nem mesmo o distanciamento da escola. Cabe a nós aproveitarmos toda essa bagagem.

Essas foram as “chaves viradas”, um novo olhar, um recomeço.

Agora, com o coração mais tranquilo, traço perspectivas para além do olhar da pandemia. Desfruto de cada dia, cada oportunidade: uma ligação, uma pergunta sobre material, um “bom dia”. Degustando oportunidades e planejando o que nos espera naquele chão tão rico. E que chão...

Vivência pandêmica: entre o pessoal, o profissional e a academia

Thiago de Souza Moura¹

O ano de 2019 foi um ano intenso em minha vida, pois vivi algumas experiências que representam um marco em minha trajetória profissional: defesa da dissertação, apresentação de um trabalho internacional e aprovação em um concurso público. Por isso, iniciei o ano de 2020 viajando para Bahia com um grupo de amigas como forma de celebração desse ciclo. Não esperava que fosse vivenciar ao longo do ano uma pandemia, na verdade, isso não estava nos planos de ninguém. Embora venha trabalhando em minhas aulas – sou professor de biologia – diversos assuntos que perpassam pelas questões ambientais, não esperava isso neste momento. Infelizmente, de certo modo, estamos colhendo a forma como lidamos com nosso planeta. As

¹ Doutorando (2021) e Mestre em Educação Pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas - Faculdades Integradas Maria Thereza. Tem experiência na área de Ensino em Ciências e Biologia no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Atuação e áreas de interesse: Educação sexual desbiologizante na escola, Gravidez na Adolescência, Relações de Gênero, Masculinidades, Sexualidades e Interculturalidade. Professor Docente I Biologia e Ciências do Estado/RJ (Seeduc). Especialista em Ensino de Biologia UERJ/FFP. Especialista em Ensino de Ciências e Biologia IBQM UFRJ. Especialista na Educação Básica em Biologia Colégio Pedro II-Programa Residência Docente. Integrante do Grupo de Pesquisa PROFEX na PUC-RIO de estudos sobre a Profissão, Formação e Exercício Docente. E-mail: benjaminocita@gmail.com

pesquisas sobre meio ambiente que tenho acompanhado apontam que provavelmente não será a última pandemia que contemplaremos nesse século.

Depois que a ficha caiu sobre a realidade pandêmica, no que tange à gravidade da situação e desdobramento dos casos e cuidados sanitários, me senti inicialmente tomado pelo medo. Afinal, muitas pessoas adoeceram e morreram ao longo desse ano e a Covid-19 não faz “acepção” de pessoas. Entretanto, sabemos que as classes populares se encontram em uma posição de vulnerabilidade nessa situação. Não sou rico, sou pobre, mas ainda gozo de uma vida repleta de privilégios perto de muitos. E acompanhar as necessidades das pessoas mais necessitadas, durante a pandemia, me fez sangrar profundamente. E mais uma vez refletir sobre as desigualdades que assolam nosso país. De imediato, procurei respeitar o distanciamento social e ajudar algumas pessoas. Em minha cidade, existe um grupo que tem ajudado pessoas em situação de rua com entrega de refeições. E continuei pagando meu barbeiro e academia mesmo não frequentando esses espaços. Ambos são negócios de bairro que necessitam de ajuda, por isso continuei com as contribuições.

No meu lar, minha preocupação se voltou para meu irmão mais novo. Somos apenas nós dois aqui em casa. Nossa mãe faleceu em 2010. Desde então, tenho sido responsável por ele. Depois de um ano e meio da morte da nossa mãe, meu irmão apresentou um quadro de depressão e sintomas agudos de esquizofrenia. Logo, iniciou acompanhamento psiquiátrico e terapêutico, o que continua fazendo até hoje. Porém mesmo tendo uma

vida própria, existe um limite, fruto da patologia. Por isso, também minha preocupação com a morte, de forma acentuada, nessa experiência. Em minha ausência, quem faria o que faço e tenho feito por ele? Educo meu irmão para o mundo, mas mesmo assim ainda me inquieto com isso. Ainda direcionei minha preocupação para meu namorado, pois ele se configura como grupo de risco. Acho muito complicado usarmos o termo grupo de risco, pois ao longo da pandemia várias pessoas adoeceram independente de diversos marcadores biológicos. Apesar disso, pessoas obesas apresentaram maiores dificuldades para lidar com a doença, quadro que meu namorado possui. Ele é um lindo homem gordo. Meu pai também foi alvo da minha atenção, ele é casado com sua atual esposa, mora no Rio (capital) e já tem idade avançada. Ele se recusou a deixar o trabalho durante a pandemia, mas tem respeitado todos os cuidados necessários. Toda semana nos falamos pelo telefone e um dos meus tios trabalha com ele. Além de sua esposa, que tem me atualizado semanalmente de seus cuidados. Fico feliz que, mesmo sendo “bolsominion”, meu pai tem respeitado os cuidados sanitários. E, por fim, procurei estar próximo dos meus amigos que trabalham em drogarias. Antes de ser professor, trabalhei durante doze anos em uma drogaria comercial. E por mais que classifiquem geralmente os hospitais como lugares potenciais de infecção, as drogarias acabam sendo um alvo paralelo nesse caso.

Moramos na cidade de Itaboraí, em uma casa de um bairro rural. Durante a pandemia, tenho me dividido entre o trabalho remoto, estudos e cuidados com a casa.

Depois de muito tempo adiando a construção de um jardim, coloquei esse desejo em prática nesse momento. Inicialmente, plantei três árvores, tenho preparado parte do quintal para o cultivo de algumas flores e, no futuro, pretendo fazer uma horta. Além disso, tenho investido meu tempo na cozinha. Amo cozinhar e assistir a séries e filmes com uma “pegada mais leve”. Já basta nossa realidade brasileira: viver uma pandemia sem um governo capacitado para tal. Ah, além disso, mantive atividades físicas dentro de casa. Assim como leituras de assuntos diversos sem ligação direta com meu objeto de estudo. Também muita música. Por fim, procuro equilibrar a quantidade de horas que passo nas redes sociais “absorvendo” determinadas notícias. Afinal, nossa saúde mental deve ser cuidada nesse caos todo. Destaco, nesse ponto, a importância dos meus gatos em minha vida: quatro fêmeas lindas e danadas que dominam a casa e alegram nossas vidas.

Na rede estadual, tenho atendido os alunos pela plataforma *on-line*, material impresso e *WhatsApp*. No início da pandemia, trabalhei com minhas quinze turmas usando materiais instrucionais sobre a pandemia, tentando informá-los da melhor forma possível acerca da situação. Depois disso, busquei desenvolver os respectivos conteúdos. Para esse momento atípico, busquei dois referenciais para interação com os alunos no ambiente virtual: considerações da psicologia da educação acerca da motivação e, no ensino de biologia, um currículo voltado para a vida, ou seja, uma aprendizagem significativa. Assim, empenhei-me em desenvolver um olhar sensível para uma relação possível e humana nesse contexto.

Portanto, atendo aos meus alunos pelo *WhatsApp* em dias distintos das aulas e em qualquer horário. Isso tem sido uma forma de aproximação e empatia por conta de nossa realidade na pandemia. Nas escolas em que trabalho, fizemos doações para ajuda aos alunos mais carentes.

Na academia, continuei contribuindo com o grupo de pesquisa e decidi participar do processo seletivo para o doutorado 2021, sendo aprovado nessa seleção. Toda dor gerada em 2020 e alguns apontamentos da minha dissertação me levaram à elaboração de um projeto voltado para a compreensão do processo de construção da masculinidade na sociedade a partir das percepções dos estudantes e professores na escola.

Espero que tenhamos forças para continuar lidando com a pandemia, suas consequências, o atual desgoverno e nossas próprias vidas nisso tudo. Assim, encerro esse relato parafraseando o GRANDE MUJICA: "Triunfar na vida não é ganhar. Triunfar na vida é levantar e recomeçar cada vez que se cai". Que possamos ter essa virtude hoje e sempre. Forças para todas e todos nessa luta.

Perspectivas das incertezas

Ursula Barrozo Gomes da Silva¹

Assovia o vento dentro de mim. Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contravento, e sou o vento que bate em minha cara.

Eduardo Galeano

Foi com esse texto que iniciei minha última aula de quarta-feira na escola de Ensino Médio. Sempre inicio as aulas de Espanhol com literatura de algum autor da língua. Acredito que mais importante que a gramática, o diálogo com as culturas pode fazer a diferença.

Essa escola fica no bairro de Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro e é composta por alunos de realidades diferentes. Existem aqueles com uma estrutura financeira organizada, com acesso a bens de consumo e os que lutam diariamente para se manterem estudando. A equipe é composta de professores que estão sempre disponíveis a fazer acontecer, por isso é um espaço de relações muito leves. Sempre dou aulas para o primeiro ano, é uma escolha, apesar de todos os anos ter alunos fazendo movimentos pela minha permanência. Gosto de recepcionar a chegada deles na escola, é uma transformação importante a ida para o Ensino Médio e

¹ Mestre em Educação, Cultura e Comunicação. E-mail: ursula.sula@gmail.com

acho que devem encontrar pessoas disponíveis a entender seus medos e expectativas.

Naquele dia, após colocar a frase no quadro, um aluno, com muito orgulho, logo se levantou dizendo que Eduardo Galeano era um escritor uruguaio que escreveu *Veias Abertas da América Latina*. Esse aluno havia estudado comigo no ano anterior e já conhecia o autor. Aquilo me deu um orgulho imenso. Sorri, elogiei-o e seguimos a aula. Saí da sala cheia de planos, dando um “hasta luego”, acreditando que estaria de volta na segunda-feira. No entanto, não podia imaginar que as palavras de Galeano fariam tanto sentido dois dias depois.

Na sexta-feira, fui para a escola de Ensino Fundamental, lá sou professora de literatura infantil, oficialmente chamada de dinamizadora de leitura, termo de que não gosto. Meu trabalho é apresentar a literatura, abrir possibilidades de encantamento e fazer meu aluno ser um ser apaixonado pelas palavras, assim como eu. Estudei letras para isso e o termo “dinamizadora” me faz pensar em alguém que cria estratégias para fazer o outro engolir o texto de outro alguém, como um remédio que se dá a um filho, fazendo gracinhas para disfarçar o gosto amargo.

Cheguei à escola com a notícia de que o vírus da Covid-19 já circulava por transmissão local. A aula era sobre a generosidade de uma árvore, que tudo cedia em troca do amor de um menino que só se importava com suas necessidades. Uma relação que levou à morte da natureza, mas que não foi capaz de sensibilizar o menino.

No início da tarde, liguei para saber dos meus filhos. A dúvida era se seria seguro mandá-los para

escola, decidi que eles iriam e fiquei monitorando as notícias. Pouco a pouco, as cidades foram decretando fechamento das escolas por quinze dias. O momento era de alegria por parte da sociedade, uma extensão do carnaval, mas para mim era um momento de muito medo. As histórias sobre a pandemia do século anterior na minha família eram de muita dor, passadas de geração em geração, e eu as conhecia bem.

Acabei meu dia letivo, peguei a bolsa, arrumei uns materiais na biblioteca com a expectativa de voltar na outra quinzena. Atravessei a cidade até a escola dos meus filhos. Lá, todos brincavam tranquilos como sempre. Aquele era o último dia de aula presencial. O fim de semana foi normal na minha rua, bares e praças lotados, mas nós já estávamos em isolamento. Não podia arriscar a saúde das minhas crianças. Tenho dois filhos, uma menina de onze anos e um menino de seis, os dois estavam felizes com o fechamento da escola. Gael, o meu pequenininho, tem uma deficiência genética e as notícias não eram animadoras, não era indicado o remédio Ibuprofeno, único que ele podia tomar para febre e o remédio para tratamento era o antimalárico Cloroquina, proibido para ele. Inicialmente, tentei levar uma vida normal, fazer atividades com as crianças, organizar espaços na casa que nunca tinha tempo para olhar, mas as notícias foram piorando e eu também.

Sentia-me como Eduardo Galeano, despida, dona de nenhuma certeza, a contravento. Comecei a me proteger e a proteger ao máximo os meus. Limpava a casa todos os dias com álcool, lavava as mãos a cada 5 minutos, não permitia que meus filhos chegassem à

janela. Minhas mãos começaram a escamar, minhas lágrimas não paravam de cair. Não conseguia comer, meu organismo rejeitava, acho que com medo de algo externo. Emagreci 6 quilos em duas semanas, minhas roupas não me cabiam. Chorava e lembrava de Pablo Neruda em 20 Poemas de amor e uma Canção Desesperada. “[...] *Ao longe alguém canta. Ao longe. A minha alma não se contenta com havê-la perdido. Como para chegá-la a mim o meu olhar procura-a. O meu coração procura-a, ela não está comigo.*”

Fui procurar ninho na casa dos meus pais. Desde que me casei, nunca gostei de ficar lá, não por amor, mas porque amo meu espaço, minha casa. Porém, precisava encontrar de volta meu equilíbrio e só eles poderiam me ajudar. Me mudei de mala, cuia, marido e dois filhos em busca de minha alma.

Os dias eram de faxina na casa, atividades físicas e orações em família. Aos poucos, fui me recuperando, apesar das crises de choro que ainda eram frequentes. Fui me dando conta de que aquela seria uma situação longínqua e que eu precisava encontrar uma forma de viver bem. A rotina e as meditações me fizeram organizar as emoções e a comida da minha mãe fez-me ganhar todos os quilos perdidos. Aliás, comer era algo que poderíamos fazer sem restrições e fazíamos, depois é claro, do meu minucioso ritual de limpeza de tudo que chegava da rua.

Em meio a isso tudo, fui convocada a trabalhar remotamente. Na escola do Estado, foi criada uma plataforma que era bem difícil de ser utilizada. Já no cadastro, tivemos muitos problemas e nenhuma

orientação. Nossos colegas, mais experientes com a *internet*, se disponibilizaram a desvendar os mistérios dos recursos disponíveis. Muitos de nós não tínhamos uma internet boa, ou um computador disponível, mas tivemos que prover todo material como de costume, caso contrário teríamos nosso ponto cortado e ficaríamos sem salários. Iniciei com as atividades mais leves que podia, pedi para assistirem a filmes, postei visitas virtuais disponíveis em museus de referência, propus a leitura de um livro de Gabriel García Marques. Na escola do Município de Duque de Caxias, a realização das atividades era facultativa a cada escola, não existia nenhum suporte, nem mesmo uma plataforma, poderíamos fazer como quiséssemos. Minha escola resolveu fazer as atividades no *Facebook*, não por compromisso com os alunos, mas por medo da perda da hora extra e do cumprimento das 800 horas letivas. Comecei gravando contações de histórias sobre as três autoras homenageadas pela rede este ano: Roseana Murray, Tatiana Belinky e Sônia Rosa. Aprendi a gravar, editar e postar nas redes sociais.

Do outro lado da tela, estavam os alunos, ou deveriam estar, nessa lógica de ensino remoto. No entanto, muito entraves não permitiram esse encontro. O primeiro, comum as duas escolas, era o fato de os alunos não terem *internet*. Apesar de ser comum vê-los com celulares nas aulas, a esmagadora maioria tem planos de dados que restringe o acesso, permitindo a visualização somente das redes sociais e com um tempo limitado. Os adolescentes sequer conseguiam fazer a inscrição de acesso à plataforma e os que conseguiam, em sua maioria, não tinham

condições de assistir às atividades propostas. Os alunos menores dependiam de seus responsáveis para assistir aos vídeos, a maior parte da comunidade é formada por empregadas domésticas e trabalhadores das empresas que prestam serviço à Petrobrás. Segundo o IBGE, no nosso país, cerca de 28,5% das empregadas domésticas têm carteira assinada e 11,8% dos postos de trabalho nesse setor (contando os formais e informais) deixou de existir. Diante desse fato, as mães estavam mais preocupadas com sua existência do que com a formação educacional dos filhos. A frequência no grupo era basicamente para saber sobre as cestas básicas e o cartão de compras dado pela prefeitura.

A funcionária que trabalha em minha casa foi dispensada dos serviços, mas sem prejuízo do salário, embora pudesse ter suspenso ou encerrado o contrato, como permitido por lei nesse período, mas ela é mãe, nordestina, veio para o Rio em busca de uma vida melhor e havia acabado de comprar sua casa pelo programa do governo. Eu, enquanto mãe, não poderia prejudicá-la. Acredito que essa é uma oportunidade de fazer justiça social, de proporcionar a ela tempo de ser mãe, tempo de poupar para ter uma vida melhor.

Os meus filhos também iniciaram as atividades remotas. Minha filha mais velha está no quinto ano do fundamental, além das atividades da escola, se prepara para fazer a prova de entrada para o sexto ano em uma escola pública de qualidade. As atividades eram inicialmente por vídeo, as dúvidas começaram a aparecer, ela tem o privilégio de ter pais professores, mas a rotina era cansativa. O meu mais novo está no último ano da Educação Infantil, ele é bem agitado, a

pandemia o deixou ainda mais interessado pelos jogos de celular e nada interessado nas atividades gravadas pela professora. Sentia falta dos amigos, do parquinho, das relações que deixou no passado. Comecei a alfabetizá-lo através de jogos da internet, de forma bem lenta e tranquila, pois ele não está na alfabetização e assim consegui progressos.

Diante dos problemas e, como diz Caetano, diante de “tudo demorando em ser tão ruim”, tive que me refazer, passei a procurar os 300 alunos que tenho no Estado pelo *WhatsApp*, saber de suas dificuldades e montar um plano de estudos para cada um. Então, eles vieram com as mais diferentes histórias, me mandando recados, em todas as horas do dia, até mesmo nas madrugadas. Eles queriam estudar, eu queria dar as atividades, mas nenhum de nós tinha suporte. Pediram-me para dar aulas por vídeo conferência. Aceitei também esse desafio, atendendo cerca de 20 alunos que nunca faltam, alunos que assistem à aula até do trabalho. No município, fizemos o projeto histórias na tela, com alunos contando as histórias no *Facebook*, e foi um sucesso. Também passamos a fazer apostilas com poesias e contos para enviar para todos. Meus filhos passaram a ter aulas por vídeo conferência também, o convívio virtual e as atividades mais lúdicas melhoraram muito a qualidade das relações com a escola, apesar de estar longe do ideal.

Nós, professores, não temos o reconhecimento social, nunca tivemos. O prefeito da cidade onde trabalho nos chama de preguiçosos e a imprensa, a todo o momento, fala da necessidade da volta, a volta pelo

conteúdo, a volta sem relações sociais, a volta para o lucro, a volta com protocolos realizados por um governo que não disponibilizou nenhum caminho entre professores e alunos e que não vai disponibilizar funcionários, material de qualidade para limpeza, nem equipamentos de proteção. A volta em escolas públicas e privadas sem condições físicas para isso. Meus filhos não voltam, não vou tirar deles o encantamento que as relações normais dão à escola. Eu serei obrigada a voltar em algum momento e mais uma vez prover meus próprios equipamentos para ter o mínimo de segurança. Por enquanto, seguimos nossos dias.

Com a rotina estabelecida, nos arriscamos a sair pela primeira vez. De máscara, EPI e muito álcool em gel, demos uma volta de carro. Senti-me habitando o planeta no pós fim do mundo, meus filhos também não gostaram da experiência. Resolvemos ir até a Universidade Rural. Lá, sem ninguém, pudemos ficar um pouco mais tranquilos e isso foi bom.

Hoje, vivemos entre os filmes de Harry Potter, as leituras de Lygia Bojunga, os bolos de brownie, os biscoitinhos amanteigados com recheio de goiabada, os festivais de hambúrguer, tudo feito por nós e as crianças. Ainda não temos coragem de comer comida de rua. São essas as memórias que queremos levar para quando tudo passar e será com Eduardo Galeano que mantereí minhas esperanças disso acontecer. *“A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.”*

Histórias de vida e docência em tempos de pandemia e distâncias

Adriana Alves Fernandes Costa¹

Luiza Alves de Oliveira²

Juaciara Barrozo Gomes³

[...] o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas.

Eduardo Galeano

Somos professoras no ensino superior, mas durante anos atuamos na educação básica. Essa experiência nos possibilitou ter hoje um olhar mais atento à docência que acontece nos primeiros tempos da vida escolar e, como na epígrafe desse texto, fez-nos amontoar tantas “pessoinhas” em nós. Vez ou outra, revisitamos as professoras que fomos, em especial quando investigamos/escutamos narrativas de mulheres que, como nós, também alfabetizaram e lecionaram no chão da escola pública, por isso muitas histórias nos pareciam, até então, um tanto íntimas. Todavia, os anos de 2020, 2021 e quiçá 2022 são singulares, nunca exercemos a docência em tempos de pandemia e

¹ Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: profa.adriana@hotmail.com

² Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: luiza.aoliveira@uol.com.br

³ Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: juaciabarrozo@gmail.com

isolamento social compulsório, adicionada a tamanhos contextos de graves crises sociais, políticas, econômicas e culturais. Portanto, discutimos uma docência que se faz em circunstâncias diferentes daquelas que vivemos e em que fomos formadas. São tantas inquietações que nos perguntamos: há uma outra docência em curso?

Difícil saber agora, arriscamos dizer que certamente nossas artes de fazer educação não se fizeram e não estão se fazendo sem uma totalidade de precedentes, pois as narrativas desse livro demonstram que, apesar de haver um contexto estranho, novo e urgente, há um conjunto de conhecimentos que possibilitam construir novos/outros jeitos de se fazer professor. São histórias que nos contam sobre como organizar uma outra didática, uma outra forma de se comunicar e se relacionar com o conhecimento e com os discentes. Se sempre fomos formadas a pensar um fazer educativo presencial, o que nos move agora é exatamente o oposto: esse distanciamento físico, imposto pelo coronavírus, além de trazer um conjunto de dúvidas, medos, angústias, também deflagrou uma profissão que não desiste de humanizar a sociedade, pois as histórias mais recorrentes falam de educadoras preocupadas com os aprendizados dos seus alunos, falam de uma solicitude com a profissão e com a vida.

Essa forma outra de ensinar e de aprender tem-nos revelado que os saberes são construções situadas e contextualizadas, não havendo neutralidade, como nos disse Freire (1996). Os relatos dessas professoras e professores, que são enunciados aqui, trazem-nos essas vozes que muitas vezes não são ouvidas, ficando

silenciadas, nas sombras, por falta de espaços onde possam ecoar. Na pluralidade das narrativas, encontramos uma forte responsabilização com o outro, com sua aprendizagem e com o seu bem-estar, evidenciando que a especificidade do trabalho docente está centrada no encontro e nas relações de alteridade. As existências aqui narradas nos falam de um ofício docente que se realiza com amorosidade, responsividade e humanização apesar de todas as adversidades enfrentadas. Amorosidade que impulsionou que fossem mobilizadas estratégias possíveis para que de alguma forma o contato com os alunos não fosse perdido, responsividade que superou limites para garantir a existência do processo ensino-aprendizagem, mesmo em meio ao caos, e humanização que permitiu que cada docente se colocasse na posição dos alunos, escutando e compreendendo as suas dificuldades e singularidades.

Assim como também tiveram que superar as suas próprias dificuldades ao entrelaçar vida privada com vida pública, os docentes, que aqui escrevem, inscrevem-se em uma dinâmica onde tempo e espaço já não se fazem nos limites do já conhecido ambiente da escola. O espaço de trabalho, dividido com o espaço da casa, as tarefas domésticas mescladas com as tarefas profissionais, o tempo do ócio e da vida pessoal entrelaçados com o profissionalismo. São tempos em espaços constituídos na solidão dos lares, nas distâncias mediadas por aparatos tecnológicos, em ausências físicas de cada gesto da relação professor-aluno que é tão íntima e cara ao ofício de professor.

É justamente esse ofício docente que ganha diferentes sentidos e significados com a chegada de um vírus que modifica todo cenário existente, que vai possibilitando que a relação professor-aluno tenha proximidade mesmo acontecendo de forma distante e complexa. Superado o imediatismo da ação, que inicialmente se fez necessário, diante de distintas formas de mediações, professores e alunos foram em busca de possibilidades para a leitura desse estranho mundo novo que nos circunda.

Todavia, ler o desconhecido, que se impõe abruptamente em nossas vidas e ainda traz consigo a ameaça à vida de tanta gente, não é ato de simples decifração. Assim como nos ensina Freire (2019), a necessária leitura de mundo – em especial o pandêmico – insta-nos perceber que a compreensão se estabelece na relação entre textos/discursos e contextos. Acreditamos, então, que o primeiro passo para ler e compreender essa nova configuração passa pelo olhar e escuta amorosa dos sujeitos que vivem a experiência da pandemia em meio a perdas, dores, ausências, medos, mas também resistências e continuidades em busca pela preservação da vida. Os contextos narrados falam da docência e da insistência em (sobre)viver ao vírus e ao cenário de desmonte e degradação da vida humana pela ideologia bolsonarista que ocupa os altos escalões do governo brasileiro.

Encontramos, nas palavras que ainda nos restam, possibilidades de recuperar os vínculos narrativos que recebemos ao longo da vida pessoal e do exercício da docência. Cada docente-narrador nos traz palavras que frequentemente aumentam nosso desassossego como

professoras que atuam na formação inicial de professores. Tal constatação nos leva a muitas indagações. Que docência formamos? De que tempos-espços de exercício da docência estamos falando para nossos alunos e alunas, futuros professores de uma realidade que pode, a partir de agora, constituir-se de outras pandemias, medos, desconhecidos acontecimentos?

Talvez, a incerteza das respostas a tantos questionamentos nos leve a buscar novas perguntas e assim mergulhar nas narrativas como uma viagem que tem força suficiente para nos conduzir ao interior de nós mesmos (LARROSA, 2004). É sobre o narrar da docência em tempos de crise e barbárie que investimos nossa tese de formação docente, mas principalmente, humana. Porém, para que as narrativas se tornem experiência no sentido larroseano, a leitura/interação necessariamente precisa ser transitiva, aberta, de forma a nos conduzir a outros lugares, além de nós mesmos.

Nesse ponto, trazemos mais uma vez a imagem das professoras que fomos, alfabetizadoras de crianças, jovens e adultos, que se deparam com o devir que as histórias dos professores e professoras constroem diante de nós. Sim, também desconhecemos os caminhos e atalhos para superar a distância física de nossos alunos, buscamos, desesperadamente, compreender como a vida privada e profissional se tornaram um emaranhado de urgências em um tempo-espço concorrente. É bem verdade que a leitura das histórias de vida e docência dos professores que se colocaram nesse livro são muito mais do que palavras. Elas trazem formas de expressar experiências comuns, mas também singulares, sobre o fazer docente a ponto de nos

conduzirem a deslocamentos e fazerem renovar nossas certezas. As palavras narradas põem em xeque o que acreditávamos estável e quiçá nos levam a (re)descobrir que a narrativa é uma forma aberta ao mundo, aos sentidos e a outras existências.

Também nos atentamos, ainda, às escritas dos professores e das professoras que formam esse livro, por meio delas inferimos exercícios de dizer-se, por escrito, num momento em que as palavras parecem faltar, que aparentam não estar nos lugares onde sempre estiveram, às vezes tão perto e tão comum, no tempo em que pandemia não existia. Observamos muitos sinais de interrogação e exclamação, como formas de aumentar a ausência/presença ou os sentidos/não sentidos dos enunciados, mas as palavras/sentimentos denotam espaços que se abrem no decorrer do interior dos escritos. Em outras palavras, inicialmente, é possível ler uma procura, ou seja, “por onde começar?”. No defronte de um caos, é como se os docentes estivessem diante de um/num estado de engessamento (se tomarmos a metáfora utilizada pela professora Alessandra da Paixão Medeiros), mas as histórias demonstram um desejo em permanecer e, então, a escrita anuncia uma instalação do dizer-se. Dizeres de alteridades e de si mesmos.

Para Delory-Momberger (2006), no relato de si, os indivíduos se fazem intérpretes de si mesmos e do mundo histórico e social que habitam. E assim se reconhecem, como sujeitos de sua própria história, ao evocarem o que foram, o que viveram e o que desejam ser. Nesse movimento, (re)conhecemos narrativas de professores que trazem outros e a si mesmos, em seus

dias de isolamento e distâncias, para compreender o devir de suas histórias.

Ainda sobre os relatos de si, as palavras que aqui tecem as narrativas docentes falam de uma existencialidade singular/plural criativa e inventiva do pensar-agir (JOSSO, 2007). Foi essa criatividade inventiva que possibilitou que caminhos fossem encontrados, construídos, viabilizados, para que as escritas acontecessem. Acreditamos, então, que são mais que escritas de si construídas pelos(as) narradores(as), elas revelam que havia muito a ser dito no momento de silenciamento mundial.

Também se faz premente acentuar que essa escrita de si potencializou a reflexão de si e a consciência de si, e dessa consciência emergiu novas identidades profissionais, construídas em meio a mutações, rupturas e reinvenções, num vir a ser com novas formas de vida, com novos olhares e perspectivas. Assim, entendemos que essa escrita de si teve para os(as) narradores(as) uma potente ação transformadora uma vez que permitiu que a solidão causada pelo isolamento social fosse minimizada com o compartilhamento de angústias, sentimentos, medos e incertezas

A partir de então, os escritos falam de interlocuções que se dão no bojo de mensagens, telas, preocupações, exaustão, certas alegrias, dúvidas, tentativas diversas de comunicação e muito, mais muito trabalho. As trabalhadoras e trabalhadores da educação relatam suas inquietações de construção de táticas e estratégias de cuidados de si, das pessoas e do fazer educativo, revelam identidades responsáveis com a profissão.

Por tudo que escrevemos até aqui e por tanto do que há ainda a se pensar/dizer sobre esse momento da docência em meio a uma crise sanitária mundial, queremos retomar a epígrafe de Galeano e deixar aqui registradas as muitas “pessoinhas” que brotaram na voz de cada professor(a) que narrou sua história. Foi mergulhando nessas histórias que tecemos fios de uma memória coletiva que ainda compartilharemos por algum tempo até que outras formas de pensar o saber-fazer docente nos revelem presenças sequentes de amorosidade e esperanças.

Referências

- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 2019.
- JOSSO, MARIE-CHRISTINE. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Posfácio

O prefácio (do latim *praefatio*) anuncia o que é dito (fatio) antes (*prae*), o posfácio, por analogia, diz de palavras depois do livro pronto. Mas o que dizer depois que um livro se faz? Essa é a pergunta que nos suplicia agora quando se apresenta a necessidade de escrever algo em acréscimo a tudo o que foi dito antes. Por um momento, pensamos que a obra estava pronta para ir ao encontro dos sujeitos leitores de histórias para se criarem outras histórias, talvez. Mas quis o curso da história desse livro mudar sua rota e nos impor palavras a mais.

Acontece que esse acréscimo de dizer tem razão de existir num momento em que, para além dos escritos prontos, somos chamados, autores e organizadoras, a adicionar a interrupção de uma história no meio de tantas palavras de afeto. Sem ter ideia do que nos aconteceria, escolhemos o título do livro “*A docência (que) conta 2: a (re)invenção do fazer docente entre desafios, ausências, dores e palavras de afeto*” e ele nos trouxe os sentimentos de dor, ausência e desafio que viveríamos diante da interrupção da história de vida de uma das autoras: Ana Lúcia Nascimento dos Santos.

A professora Ana Lúcia nos deixou sem que pudéssemos agradecer formalmente suas palavras dadas a ler nesse livro. Nossos encontros, em palavras e chamadas de vídeo, foram intensos e saber de sua partida tão precoce abalou o coletivo dos contadores de histórias nessa obra. De repente, um imenso silêncio nos assolou, faltaram-nos as palavras e choramos juntos pela voz interrompida de nossa autora. Seus colegas da Escola Municipal Nova Holanda, amigos na labuta da docência em plena pandemia,

sentiram muito, muito mais, e calaram sua voz para dizer da falta que ela fará para todos que com ela conviviam.

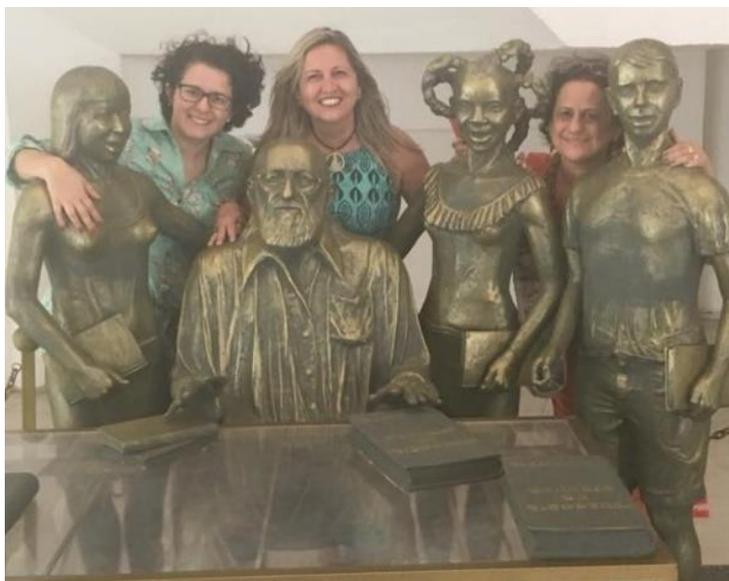
Impactados pela perda e pela emoção, desconsideramos que, para além da ausência física, a professora ANA LÚCIA, estará PRESENTE em nossas vidas, memórias, lutas, na lembrança de seus amigos de trabalho, de seus alunos e familiares. Assim como estará PRESENTE sua palavra, que ecoará em tantos outros espaços, contextos e mundos, através da escrita produzida para esse livro.

PRESENTE! PRESENTE! PRESENTE!!!!

Sobre as Organizadoras

Adriana Alves Fernandes Costa, Juaciara Barrozo Gomes e Luiza Alves de Oliveira

Professoras na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Juntas, estudam narrativas, formação de professores e esperanças utopias no cotidiano. Brasileiras. Amigas. Mulheres. Pesquisadoras.



Sobre quem prefaciou este livro

Guilherme do Val Toledo Prado é um importante educador. Estuda narrativas com professores e professoras, alunos e alunas. Ele nos ensina a ser mais. Inspira esperar, espalha amorosidade e comprometimento com o ser humano. Nossa gratidão e respeito ao querido Guilherme.



Sobre os autores e autoras



Alessandra da Paixão Medeiros

Como experiência de trabalho nessa pandemia, posso dizer que não está sendo a melhor, por mais que se faça um trabalho com dedicação, pensando em várias maneiras de atender as necessidades e incentivar os alunos a participarem e realizarem as atividades. No entanto, o interesse dos pais na maioria não existe. Me sinto engessada tentando fazer o trabalho movimentar, mas não consigo. Fica tudo muito complicado, pois estamos vivendo um dia de cada vez. E toda organização que fazemos para uma semana de atividades fica perdida. Eu fico muito feliz quando ouço que será realizada a vacinação dos professores, consigo ver uma luz, dá uma esperança de que vamos voltar para sala de aula. Mesmo que seja para corrigir as atividades dos poucos alunos que estão participando, eu já vejo isso como um incentivo.



Ana Lucia do Nascimento dos Santos

Sou docente há 04 anos, trabalho desde que entrei na docência da Escola Municipal Nova Holanda. Sou formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ser professor nesse momento tem sido desafiador, mas enriquecedor também; no sentido de estar redescobrimo

a relação com meus alunos e aprimorando minha vida docente. Sem dúvidas, tive muitos aprendizados nesse tempo de pandemia.



Ana Regina Cavalcanti Santana

Pós-Graduada em Artes pela Faculdade Internacional Signorelli. Graduada em Pedagogia na UNIG e nível médio/normal no Colégio Estadual Sargento Antônio Ernesto. Atuando na Educação desde 2000 e a partir de 2014 no ensino público em Seropédica/RJ, encontra-se lotada na instituição Paulo

Dacorso Filho – CAIC. Nesse tempo pandêmico, vivo um dia de cada vez, pois é preciso muito zelo com tudo e com todos a fim de estarmos prontos para o retorno.



Ariane Adão Lopes Teixeira

Sou docente há aproximadamente 10 anos, já trabalhei em 4 escolas e em uma organização não governamental, sou formada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ser professora nesse momento tem sido um constante desafio de reinvenção cotidiana e

busca por novos saberes e possibilidades.



Cintia Xavier da Silva

Mestranda pelo PROFLETRAS- UFRJ e formada em Letras-Português/Inglês, em 2013, atuo na área da Educação desde 2010.

Servidora pública, leciono em escolas da rede pública e privada de Nova Iguaçu como professora de Língua Portuguesa. 2020 provou que a escola ainda resiste e expôs o valor social e afetivo que ela possui. Além disso, evidenciou que ser professor não é apenas um ato de amor, é um ato de coragem! Seguimos cansados, porém firmes na luta.



Cristiano Gomes

Exerço a docência desde 2013 e em escolas, oficialmente, desde o começo de 2016. Já trabalhei em pré-Enem, pré-técnico, como bolsista da prefeitura do Rio, reforço escolar, com o Projeto mais Educação e em 4 outras escolas. Sou formado em

Matemática no curso de licenciatura da UFRRJ. Ser professor tem sido um desafio enorme e um momento de muito aprendizado.



Cristina Mayumi Hamada

Sou docente há 10 anos, já trabalhei em 5 escolas e sou mediadora a distância há 7 anos. Sou formada em Licenciatura em Matemática e mestranda na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pelo projeto PPGEduCIMAT. Ser professora

nesse momento tem sido desafiador, é uma busca constante

em adquirir conhecimentos e atualizações digitais, mas a troca e a interação são construtivas e realizadoras.



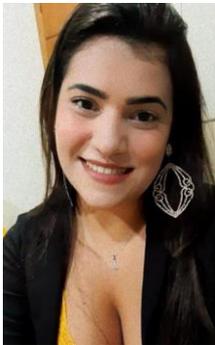
Daniela Gobbo Donadon

Sou docente há 10 anos, trabalhando em redes públicas municipais e faculdades privadas da região metropolitana de Campinas-SP. Ingressei como professora da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas nas vésperas do início da quarentena em função da pandemia. Sou Pedagoga, Mestre e Doutora, formada pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Ser professora, nesse momento, tem sido um desafio inusitado.



Elaine Cristina Borba Rusenhack

Sou professora há 10 anos, atuei em duas outras escolas nos municípios de Magé e Niterói. Fui formada pela UFF em Pedagogia e me especializei na mesma instituição em Alfabetização das Classes Populares. Ser professora nesse período de pandemia tem sido uma experiência desafiadora. Aprender uma nova metodologia na prática da docência se assemelha ao ato de trocar a roda do carro em movimento.



Giulia Califrer Muneron

Sou docente na Escola Municipal Nova Holanda, localizada na comunidade do Complexo da Maré/ RJ. Ser professora em meio a essa pandemia está sendo bastante desafiador. Me formei em Pedagogia, na UERJ, em 2014. Fiz pós-graduação em Psicopedagogia na AVM. Já trabalhei em cinco escolas durante toda a minha experiência na área da educação.



Glória Elisabeth Pincano

Sou formada em Bacharelado e Licenciatura Plena de Química e Pós-Graduada em Ensino de Química. Sou docente há 29 anos, com experiência nas redes pública e privada, onde já lecionei em dezessete escolas do Rio de Janeiro. Em 2017, fui premiada como umas das educadoras do ano pelo *Lions Clube Internacional*, por desenvolver projetos educacionais com jovens e adultos. Ser professor, nesse momento impactante, tem sido muito desafiador, inovador, às vezes, com uma sensação de incapacidade e, por que não, assustador. Durante a minha trajetória, me dediquei exclusivamente à educação de nossos jovens e, mesmo vivendo esse momento de pandemia e de tantas desigualdades educacionais, ainda continuo, mesmo em meio às dificuldades de ensinar a distância e com a falta de acesso à tecnologia de muitos alunos, acreditando sempre que através da educação ainda podemos formar cidadãos comprometidos em melhorar nosso país, transformando suas próprias vidas.



Herlândia Oliveira de Sousa

Sou docente há 5 anos, desde o início trabalhando na E.M Nova Holanda no bairro da Maré, no Rio de Janeiro. Sou formada em Pedagogia pela UFRJ. Ser professora em meio a uma pandemia tem e vem sendo um dos maiores desafios da minha vida, manter o distanciamento social e garantir mesmo assim um vínculo, uma interação que possibilite aos discentes o direito mínimo a uma educação de qualidade é sem dúvida o principal deles.



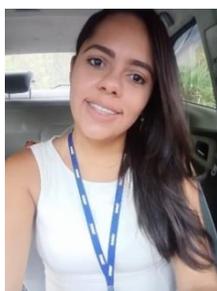
Isabelle Paiva Gonçalves

Sou docente há 8 anos, já trabalhei em 7 escolas, sou formada em Matemática, mas iniciei minha atuação antes mesmo de concluir a graduação. Ser professor nesse momento tem sido muito desafiador, mas, acima de tudo, gratificante. É bom saber que meu trabalho tem sido como um farol para os estudantes, em meio a tanta confusão, barulho e notícia ruim. De todas as dificuldades que eu poderia estar enfrentando, lecionar em meio a pandemia é a melhor delas!



Josiane Santos de Melo

Tenho 41 anos, sou professora desde que me entendo por gente. Já passei por sete escolas entre privadas e públicas. Sou Pedagoga e amo minha profissão. Ser professora, nesse momento, tem sido muito desafiador e inovador.



Jurema Nascimento Brandão

Sou docente há 15 anos, já trabalhei em escolas da rede privada e atualmente trabalho no município do Rio de Janeiro. Sou formada em matemática pela Universidade Gama Filho. Ser professora nesse momento tem sido um grande desafio e ao mesmo tempo um presente. Recebi muita força e muito apoio dos meus alunos nesse período e também dei a eles o que eu tinha de melhor. Trocamos e compartilhamos nossas alegrias e nossos medos. Foi maravilhoso tê-los por perto.



Maria Isabel Donnabella Orrico

Há 15 anos iniciei minha jornada como educadora no Ensino Fundamental pelo estado de São Paulo, e desde 2010 atuo pelo município de Campinas. Sou Pedagoga, Mestre e doutoranda pela Faculdade de Educação/Unicamp. Ser professora na pandemia tem sido desafiador, frustrante e confuso. Mas sigo na luta para que o afeto que dedico aos

meus alunos os alcance e que tenhamos a vacina antes de um possível retorno presencial.



Mariana Muniz Oliveira

Sou docente há 7 anos. Trabalhei em duas escolas, sou formada em Letras Português/Literaturas, fiz especialização em Literatura Brasileira e concluí em 2021 meu mestrado em Educação. Ser professor(a) nesse momento tem sido um exercício cotidiano de esperança em tempos melhores, entendendo, ainda, que "se faz caminho ao caminhar".



Nayara Martins de Oliveira Carvalho

Sou docente há três anos, atuo na escola Recanto Mãe da Esperança, formada em Pedagogia e Psicopedagogia. Ser professora tem sido um desafio! Saber que minhas crianças necessitam da escola para comer é uma ferida que dói todos os dias. Por outro lado, como ser conivente com o descaso social de abrir uma escola no meio do caos atual? Ser professora me exige coragem!



Priscila Francisca

Sou docente há dez anos, com doutorado em Língua Portuguesa. Nesta minha jornada, já trabalhei em três diferentes escolas, porém nunca encarei um desafio tão intenso quanto este: garantir um ensino de

qualidade diante de situações tão adversas. Nessa perspectiva, tem sido primordial repensar as nossas metodologias de ensino, respeitando sempre a realidade de cada um dos nossos alunos.



Rafaela dos Santos Alves Oliveira

Sou docente há 13 anos, já trabalhei em 6 escolas e sou formada em Pedagogia pela UERJ. Ser professor nesse momento de isolamento social tem sido desafiador, para além do que a nossa profissão exige. Foi preciso nos

reinventarmos e mais do que nunca sermos criativos nas nossas práticas.



Ricardo Nunes Maciel Damacena

Sou docente na Escola Municipal Nova Holanda, localizada na comunidade do Complexo da Maré-RJ. Em meio a essa terrível pandemia, estou enfrentando um grande desafio, quiçá o maior deles como professor. Todos os dias,

enfrento um “mix” de sentimentos que variam entre alegrias, frustrações, conquistas e muita ansiedade, porém sempre com esperança em dias melhores. Sou formado em Pedagogia há 5 anos, sou casado e pai de dois filhos pequenos (Théo e Heitor). Busco aperfeiçoar minhas atividades pedagógicas para poder proporcionar aos meus alunos um conteúdo mais rico, didaticamente falando, pois precisamos nos agarrar a todas as oportunidades que sirvam para minimizar os efeitos ruins causados por essa

tragédia mundial. Gostaria de terminar com uma frase que repito todos os dias. "Nós vamos tentar, vamos acertar e errar, mas parados não vamos ficar."



Roberta Renoir Santos Fumero

Sou pedagoga, formada pela UFRJ há 23 anos, professora da rede municipal de Duque de Caxias/ RJ e supervisora pedagógica da Faetec. No total, são, respectivamente, 17 e 6 anos de atuação nos anos iniciais e no ensino técnico. Ser professora nesse período é ultrapassar barreiras, reinventar limites e seguir

nesse caminho de superação.



Roseane Maria Moreira dos Santos

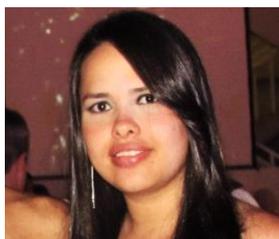
Sou graduada em Serviço Social e docente há 44 anos na Escola Municipal Nova Holanda, localizada no Complexo de Favelas da Maré. Dentro desse período, também ministrei um ano na classe

hospitalar do Hospital Anchieta. Ser professora, em qualquer momento, é apaixonante, todavia, nessa circunstância em que estamos vivendo, torna-se extremamente desafiador e um constante aprendizado



Suéle Máximo Furtado

Atuo há treze anos como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Angra dos Reis-RJ, município onde nasci e moro. Ser professora na pandemia é vivenciar a educação com a mente inquieta entre o súbito medo de desistir e a grande coragem para prosseguir. É ter o coração pulsando exaustiva fragilidade e revigorante esperança.



Suellen Albuquerque

Sou graduada em Pedagogia pela UERJ e desde 2010 atuo como professora. Em 2016, ingressei na rede municipal do Rio de Janeiro, na E. M. Nova Holanda, onde estou desde então. Ser professor, nesse último ano, foi um desafio: enfrentar momentos de medo e incerteza, aprender e reaprender a trabalhar e revisar nossas prioridades. Esse “caos” nos trouxe uma mudança do paradigma educacional e nos obrigou a ressignificar estruturas antes estagnadas.



Thiago de Souza Moura

Doutorando e Mestre em Educação pela PUC-Rio. Professor de Ciências e Biologia da Educação Básica (SEEDUC/ RJ). E não menos importante: mudado pelo “chão” da escola. Enquanto aluno, a escola

"nunca" me alcançou, mas sem dúvidas me impactou. Em meu retorno como professor, ela me salvou. "Docentar" na pandemia é um resistir sem rir, um choro sem descanso e uma construção de saberes voltados para nota da vida.



Ursula Sula

Sou docente há 22 anos. Iniciei minha carreira em escolas privadas. Atualmente, estou na Rede Municipal de Duque de Caxias e na Rede Estadual do Rio de Janeiro, já trabalhei em Escola Rural, e há 15 anos trabalho na E.M

Monteiro Lobato, sou docente também no C.E Professor Fernando Antônio Raja Gabáglia. Sou formada em Letras, pós-graduada em Orientação educacional, alfabetização, leitura e escrita e Mestre em Educação, cultura e comunicação. Ser professor nesse momento tem sido maior desafio da minha carreira.

"Em cada palavra narrada, sentimentos e pensamentos de solidariedade, igualdade, justiça, democracia e compromisso com uma educação de qualidade emanam das narrativas, fazendo com que a leitura, ainda que sofrida, possibilite um respiro de esperança e possibilidades futuras...E muita água rolou dos olhos de quem viu..."

Guilherme do Val Toledo Prado



ISBN 978-65-5869-446-5



9 786558 694465 >